

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 51 número 3 maio/junho 2010

Leia nesta edição:

- No Campo e na Mata Virgem do sul do Brasil | Im Kamp und Urwald Südbraziiliens
- Fragmentos fotográficos de corpos disciplinados
- A Escola Alemã de Hammonia
- Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras
- Correspondências de Imigrantes
- O Trabalho remunerado das costureiras em seu domicílio
- Galeria de imagens - Sesquicentenário do teatro em Blumenau
- A Historia de Calmon na Guerra do Contestado

Apoio

Genésio Deschamps



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibet

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy E. de Souza | **Fotografias** do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry **Secretária** | Mirela Adriana Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catalogação | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

No Campo e na Mata Virgem do sul do Brasil: um esboço sobre as colônias e sobre a cultura alemã

Im Kamp und Urwald Südbraisiens: Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschtumskunde

Hugo Grothe

7

Artigos

Fragmentos fotográficos de corpos disciplinados: reflexões sobre a Associação de Ginástica em Blumenau

Fernanda Rinaldi / Carla Fernanda da Silva

28

A Escola Alemã de Hammonia

Harry Wiese

46

Memórias

Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras

Ellen Crista da Silva

65

Entrevista

O trabalho remunerado das costureiras em seu domicílio

Nelzi Schmitz Feldhaus entrevistada por Ana Maria Ludwig Moraes

84

Correspondências de imigrantes

Tradução e Comentários: Rolf e Renate Odebrecht

94

Galeria de imagens

Cento e cinquenta anos de Teatro em Blumenau

110

Autores Catarinenses

Calmon desvenda seu passado

Enéas Athanázio

122

APRESENTAÇÃO

Com a intenção de divulgar diferentes temas relacionados à história regional, “Blumenau em Cadernos” publica, neste bimestre, diferentes questões que instigam o leitor a tecer algumas reflexões em relação ao conhecimento histórico.

Na coluna **Documentos Originais – relatos de viajantes** são publicados textos que narram a primeira parte da visita realizada pelo Dr. Juret phil Hugo Grothe aos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul entre os anos 1934/1935. Este cidadão fazia parte da Sociedade Cultural Alemã, sediada na Alemanha. Suas viagens eram realizadas com a finalidade de divulgar a cultura do seu país. No roteiro de visita constavam as cidades de Joinville, Blumenau, Hansa Hammonia e Witmarsum. O resultado deste percurso, contendo observações e impressões, foi publicado através da obra “No Campo e na Mata Virgem do sul do Brasil: um esboço sobre as colônias e sobre a cultura alemã” (IM KAMP UND URWALD SÜDBRASIENS Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschumskunde), editada em Berlim no ano de 1936. A tradução do alemão para o português foi realizada por Sonia Maria Wittmann, que no momento encontra-se residindo na Alemanha.

Fernanda Rinaldi, licenciada e bacharel em História – FURB, juntamente com a professora da Universidade Regional de Blumenau e mestre em História, Carla Fernanda da Silva, publicam, na coluna **Artigos**, “Fragmentos fotográficos de corpos disciplinados: reflexões sobre a associação de ginástica em Blumenau”. Segundo as autoras, ao produzirem este estudo tiveram a intenção de fazer uma reflexão sobre o modelo de vida da sociedade blumenauense, destacando o disciplinamento e as relações de poder estabelecidas.

Em outro momento, Harry Wiese, com seu artigo intitulado “A Escola Alemã de Hammonia” narra, através de pesquisa bibliográfica e documental, os principais acontecimentos ligados à esta escola.

Em seguida, em **Correspondências de Imigrantes**, é revelada mais uma série de cartas trocadas entre os familiares de Emil Odebrecht.

Na seção **Entrevista** há o depoimento de Nelzi Schmitz Feldhaus, no qual narra sua vida, atividade profissional, cujo trabalho é terceirizado dentro do espaço familiar.

Ao organizar a coluna **Galeria de Imagens**, selecionou-se uma série de fotografias e documentos para ilustrar o marco do Sesquicentenário do teatro em Blumenau.

O escritor e advogado Enéas Athanázio, ao escrever na coluna **Autores Catarinenses**, tece comentários sobre o livro “A História de Calmon na Guerra do Contestado”, que tem como autor João Batista Ferreira dos Santos. Destaca uma pequena comunidade que teve importância histórica neste conflito.

Finalizando, deixamos o convite aos interessados em escrever que enviem suas contribuições para esta revista.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora de “Blumenau em Cadernos”.

Im Kamp und Urwald Südbrasiiliens

+

Ein Skizzenbuch
zur Siedlungs- und Deutschthumskunde

von

Hugo Grothe

+

Mit 82 Bildern auf 40 Tafeln und 11 Kartenskizzen

+



Buchhandlung des Waisenhauses GmbH • Halle (Saale) • Berlin • 1936

IM KAMP UND URWALD SÜDBRASILIENS: EIN SKIZZENBUCH ZUR SIEDLUNGS UND DEUTSCHTUMSKUNDE

Hugo Grothe

1 AUS DEM HOCHLAND VON PARANÁ NACH BLUMENAU

Gern hätte ich von Paranaguá her zur See Santa Catharinas Haupthafen São Francisco erreicht, um nach so langen und mühseligen Fahrten durch kolonisatorisches Neuland in Rio Grande do Sul und Paraná einen Streifen südbrasilianischen Gebietes kennenzulernen, mit dem deutsche Siedlungstaten so überaus eng verknüpft sind: die ältesten Herde deutscher Einwanderung in und um Donna Franzisca - Joinville wie in und um Blumenau. Doch erst in 5 bis 6 Tagen sollte ein kleiner Küstendampfer der Hoepckelinie hier erscheinen, um auf seiner Tour nach dem Süden dann São Francisco anzulaufen. So blieb mir nichts weiter übrig, als mich wieder auf die Hochebene von Paraná zu begeben und von dort mit der Eisenbahn von Curityba über die Grenzstädte der Staaten Paraná und Santa Catharina, Mafra und Rio Negro, nach südbrasilianischem Küstenland hinabzusteigen. 212 km misst die Strecke Mafra-São Francisco.

Mit dem Hinabgleiten aus den Kampgebieten Paraná's in die Tiefebenerregion von Santa Catharina vollzieht sich ein allmählicher Wechsel von Landschaft und Vegetation. Strecken weiten unbebauten Landes werden seltener, infolge des milderer Klimas treten Laubwald und Palmen an die Stelle der Konifere, vor allem der Araukarie. Die Siedlungen

NO CAMPO E NA MATA VIRGEM DO SUL DO BRASIL: UM ESBOÇO SOBRE AS COLÔNIAS E SOBRE A CULTURA ALEMÃ*

Hugo Grothe**

1 DO PLANALTO DO PARANÁ PARA BLUMENAU

Depois de tão longas e penosas viagens por colonizações em mata virgem no Rio Grande do Sul e Paraná, bem que eu gostaria de ter chegado a São Francisco do Sul, principal porto de Santa Catarina pelo mar, a partir de Paranaguá, para conhecer uma das faixas do território sul brasileiro estreitamente ligada com a emigração alemã: os mais antigos grupos de emigrantes alemães em e ao redor de Dona Francisca - Joinville, assim como em e ao redor de Blumenau. Mas só em cinco ou seis dias deveria chegar um pequeno vapor da linha Hoepcke para, na sua viagem para o sul, atracar em São Francisco. Assim, não me restava outra alternativa do que me deslocar novamente para o planalto do Paraná e de lá, com o trem de Curitiba passando por Rio Negro e Mafra, cidades da fronteira dos

* Tradução de Sonia Maria Wittmann (soniamw@bol.com.br).

** Divulgador da cultura alemã, Hugo Grothe, percorreu os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grandes do Sul entre os anos 1934/1935. No roteiro de viagem, ao passar em terras catarinenses, esteve em Joinville, Blumenau, Hansa Hammonia e Witmarsum. Acompanhou-o nesta o filho menor Olaf, que possuía na época apenas 6 anos de idade. No retorno à Alemanha, produziu um livro contendo 204 páginas, onze mapas e oitenta e duas fotografias.

A obra que se intitulou "IM KAMP UND URWALD SÜDBRASILIENS: Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschtumskunde", foi editada pela editora Buchhandlung des Waisenhauses GmbH – Halle (Salle), em Berlin no ano de 1936. Este mesmo autor, além de visitar o Brasil, percorreu vários países. Os resultados destas viagens geraram muitos artigos, os quais foram publicados pela Sociedade Cultural e Política de Leipzig (1929), sob o título "Heimat und Welt" (Pátria e Mundo).

und damit die Stationen, an denen wir halten, werden häufiger und beginnen einen gefälligeren äusseren Aufbau zu nehmen; sie geben sich nicht lediglich wie in Paraná als geschmacklose Holzbaracken mit rohen Anfahrtsrampen für die zu verfrachtenden Güter.

Nicht minder schwillt die Zahl der Reisenden an, die äusserlich die Zeichen von Wohlhabenheit und Erziehung tragen – in Gegensatz zum Wildwestmilieu Paraná's. Mehr und mehr machen sich deutsche Laute bemerkbar, vor allem seit São Bento, einer 1873 vom Hamburger Kolonisationsverein erfolgten Gründung. Eine rege Industrie hat dank dem kaufmännischen Eifer der hier mit etwa 10.000 Seelen vertretenen Deutschstämmigen eingesetzt. Wie mir ein in unser Abteil steigender Kolonist berichtet, haben sich Korbmöbel-, Kisten-, Likör- und Zuckerfabriken, Weinkellereien, ja, auch eine besten Absatz findende Bierbrauerei in São Bento entwickelt. Die günstige Höhenlage – 877 m über dem Meere – stempelte den Ort sogar bald für die Stadtberwohner des Tieflandes zu einer freundlichen Sommerfrische.

Bei dem von hier aus einsetzenden rascheren Abstieg tut sich eine ungemein belebte Landschaft auf. Ein kranz frischgrüner Berge und saftiger, eingebetteter Talmulden zieht sich zu beiden Seiten der Eisenbahnspur. In eines dieser Talbecken bettet sich im nun sich eröffnenden Unterland das erst vor drei Jahrzehnten aufgebaute Hansa-Humboldt, dessen Einwanderer nur wenige harte Prüfungsjahre durchkämpfen mussten und gegenwärtig, an 4000 Köpfe stark, eines der geschlossensten Siedlungszentren des deutschen Bauerntums in Santa Catharina bilden.

In Jaraguá nehmen wir bei einbrechender Dunkelheit unser Nachtquartier. Von hier läuft ein regelmässiger Dienst mit geräumigen Autoomnibussen westwärts nach Blumenau. Eine Durchwanderung des Ortes zeigt, dass auch hier in den letzten beiden Jahrzehnten ein Stadtplatz erstanden ist, der alle Spuren landwirtschaftlicher und industrieller

Estados de Paraná e Santa Catarina, descer para a costa sul brasileira. O trajeto Mafra – São Francisco é de 212km.

Na descida da região dos campos do Paraná para as planícies de Santa Catarina opera-se, pouco a pouco, uma mudança na paisagem e na vegetação. Em consequência da brandura do clima outra mata mista e palmeiras aparecem no lugar das coníferas, principalmente da Araucária. Longos trechos sem construção tornam-se raros. As colonizações e as estações, nas quais paramos, tornam-se mais frequentes e as construções começam a tomar uma agradável aparência externa: elas não se apresentam somente como barracos de madeira de mau gosto, com rústicas rampas de acesso para as mercadorias a serem transportadas.

Na mesma proporção, aumenta o número de viajantes com aparentes sinais de riqueza e de educação, em contraste ao ambiente selvagem do oeste do Paraná. Mais e mais se fazem notar alaúdes alemães, principalmente desde São Bento, uma bem sucedida comunidade colonizada por hamburgueses em 1873. Uma indústria ativa foi implantada graças ao espírito empreendedor, aqui representado por cerca de 10.000 descendentes de alemães. Como me relatou um bem sucedido colono do nosso compartimento, se desenvolveram em São Bento fábricas de móveis de palha, de caixas, de açúcar e licor, adegas de vinho, e também uma cervejaria de fácil colocação no mercado. A altura favorável – 877m acima do nível do mar - dá ao lugar e, em breve, até mesmo para os moradores da cidade da planície um agradável veraneio.

Na descida, rápida a partir daqui, se descortina uma paisagem muito viva. Um círculo de montanhas verde vivo e ondulados leitos de vales se estendem dos dois lados da via férrea. Numa dessas bacias, em uma planície aberta, se estende Hansa-Humbolt, que foi construída há apenas três décadas. Seus emigrantes só precisaram travar poucos anos de luta

Betätigung trägt. 600 bis 800 m hohe, dichtbewaldete Bergkulissen schliessen das Becken von Jaraguá im Norden und Westen ab. Die westlichen Ketten haben wir zu überwinden, wenn wir in das Blumenauer Gebiet hinabsteigen.

Mein Caminhão, den ich auf der Fahrt von Jaraguá nach Stadt Blumenau benutze, fährt bei Überquerung der Serra stellenweise nur im gemächlichen Tempo. Vorbei geht es an zahlreichen Arbeitergruppen, die im Begriffe sind, mühsam die seitlichen, die Strasse stützenden Steinterrassen zu untermauern und zu stützen, in die mehrtägige Regengüsse breite Lücken gerissen haben.

Kaum steigen wir hinab in die welligen Talgründe der Blumenaugegend, so breitet sich eine Landschaft aus, die geradezu Bilder der deutschen Heimat wachruft. Es ist ein brasilianisches Thüringen, das auftaucht mit grünen, die Hügel säumenden Weiden und Wiesen, mit grasenden Kühen, sauberen Dorfstrassen, gatterumhegten Gärten, giebelgekrönten Häusern und einem die trauliche Dorfanlage überragenden schlanken Kirchturm. Und im Hintergrund trifft das Auge auf sanft sich wölbende Bergrücken und Kuppen, die ein dichtes Waldkleid tragen. So bei Pommerode, Testo, Badenfurt. Zahlreiche Bauernwägelchen fahren Milch heran, und auf einem Frachtauto, das, zur Stadttour bereit, vor einer Genossenschaftsmeierei steht, türmen sich die Milchkannen.

Alles Land, das sich weit vor unseren Blicken breitet, ist Stück nach Stück, Tal nach Tal, Hang nach Hang von der Nachkommenschaft der deutschen Einwanderer der vierziger und fünfziger Jahre des 19. Jahrhunderts durch Rodung und Pflanzung erobert und zum Fruchtgarten gewandelt worden. Der deutsche Vor- und Nachkriegseinzug war dünn gesät, und auf dem Blumenauer Boden selbst konnten sich nur die Tüchtigsten halten.

Innenpolitische Ereignisse beschäftigten während meiner Anwesenheit in Blumenau alle Kreise des dortigen Deutschtums, das

árdua e na atualidade, com a força de 4.000 habitantes, forma um dos mais fechados núcleos de colonização de lavradores alemães em Santa Catarina.

Ao cair da noite nos hospedamos em Jaraguá. Daqui parte um serviço regular de “autoônibus” para Blumenau. Um passeio pelo local mostra que também aqui se ergueu, nas duas últimas décadas, um núcleo com todos os sinais das atividades agrícolas e industriais. Nos fundos, serras de mata fechada - 600m até 800m de altura – cercam a bacia de Jaraguá ao norte e a oeste. As serras a oeste teremos que transpor, quando descermos para a região de Blumenau.

Meu caminhão, o que eu uso na viagem de Jaraguá para Blumenau, anda com pouca velocidade, em alguns trechos, durante a travessia da serra. Passamos por numerosas equipes de trabalhadores que estão prontos para, com muito trabalho, escorar e alicerçar com muros de pedra as laterais da estrada, onde os aguaceiros de dias abriram largos valos.

Apenas adentramos no ondulado leito do vale da região de Blumenau, uma paisagem que evoca exatamente quadros da pátria alemã se alarga a nossa frente. É uma Turíngia brasileira, o emergir do verde, as montanhas que orlam pastos e campos, com vacas pastando, estradas limpas, jardins com cercas de sarrafos, casas com cumeeiras e uma agradável construção em obras, a estreita e eminente torre da igreja. E nos fundos, os olhos se deparam com serras e cumes com curvaturas suaves cobertas de mata fechada. Assim, em Pomerode, Testo, Badenfurt. Muitas carroças de colonos trazem leite. Os latões são empilhados em cima de um caminhão de frete, preparado para fazer a entrega na cidade, e que está parado em frente a uma cooperativa de leite.

Tudo terra, que se estende longe ante nossos olhos, é pedaço após pedaço, vale após vale, declive após declive. Terra que foi conquistada por roças, por plantações e transformada em pomares, pelos descendentes

durch Jahrzehnte im Munizip Blumenau – wie im Staate Santa Catharina überhaupt – eine starke aufbauende Kraft eingesetzt hatte. Seine Vertreter, als befähigte und unbestechliche Persönlichkeiten von ihren Mitbürgern erwählt, hatten in allen öffentlichen Ämtern, wie örtliche Verwaltung, Justiz, Finanzen, Landwirtschaft, Kolonisation und Verkehr einen wohlthätigen Einfluss ausgeübt und in uneigennütziger Weise ihres Amtes gewaltet. 1934 aber wurde ein vernichtender Schlag gegen diesen Einfluss von den nativistischen Elementen der Staatsregierung von Santa Catharina geführt. Man zerschlug das Munizip und bildete aus seinem Territorium mehrere neue Munizipien. Die Karte, an deren Spitze man Brasilianer oder der derzeitigen Regierung ergebene Deutschbrasilianer berief. Dem ganzen inneren Zusammenhang des Blumenauer Deutschtums, wie er in Verwaltung und Wirtschaft bestand, sollte damit ein Ende bereitet werden.

Als am 12. August 1834 das Munizip Blumenau gebildet wurde, hatte man ihm durchaus natürliche Grenzen gegeben. Namentlich im Westen und Nordwesten umzogen es die Kammlinien der Ketten der Serra Geral. Betrachtet man den Verlauf der Wasseradern, die zum Itajahy do Norte und zum Itajahy d'Oeste ziehen so erkennt man deutlich die Abdachung von Nordwest nach Südost. Das Munizip Blumenau erfasste daher alles Land, das im Norden von den in den Itajahy sich ergießenden Flüssen, dem Rio dos Cedros und Benedetto, im übrigen Teile von den zahlreichen Quelladern des nördlichen, südlichen und westlichen Armes des Itajahy bewässert wurde. Wir sehen, das Gebiet, das heute das Munizip Blumenau darstellt (auf der Karte 9 gestrichelt!), stellt nur eine schmale längliche Zone am mittleren Itajahy dar und ist gegen früher gewaltig an Grösse beschnitten.

Gewaltige Protestversammlungen, die im Freien abgehalten wurden, liessen Tausende zusammenströmen, die öffentlich ihren Unwillen zum Ausdruck brachten gegen eine derartige Ausschaltung des Deutschtums im Leben des Staates Santa Catharina und speziell gegen Rechte, die sich

dos emigrantes alemães dos anos quarenta e cinquenta do século 19. A entrada de alemães antes e depois da guerra foi pequena, e mesmo no solo blumenauense, só os mais trabalhadores podiam se manter.

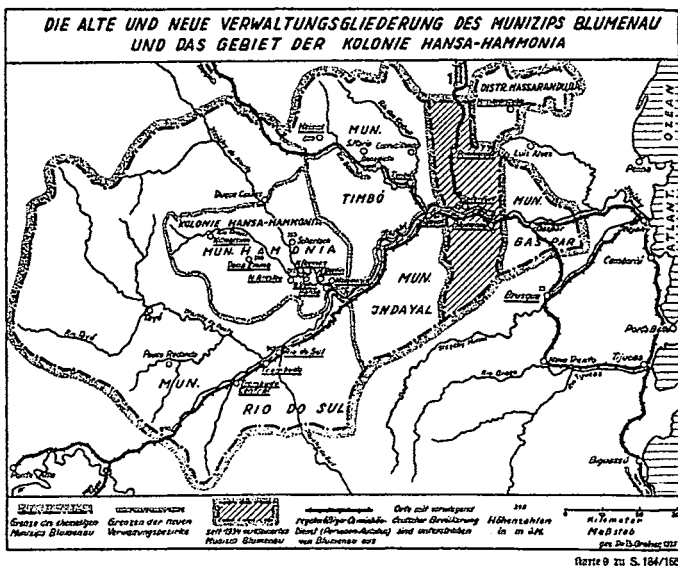
Os acontecimentos da política interna ocupavam, durante minha presença em Blumenau, todos os círculos do povo alemão de lá, que por décadas exerceu no município de Blumenau – no estado de Santa Catarina uma forte e edificante influência. Seus representantes, como personalidades competentes e incorruptíveis, eleitos pelos seus concidadãos exerceram em todas as repartições públicas locais, como administração, justiça, finanças, agricultura, colonização e trânsito, uma influência benéfica, e de modo desinteressado desempenharam suas funções. Mas, em 1934 veio um golpe aniquilatório contra esta influência, executado por elementos nativistas do governo estadual de Santa Catarina.

O município foi desfeito e do seu território foram formados vários novos municípios, em cuja chefia foram colocados brasileiros ou alemães-brasileiros convertidos ao regime. Com isso era para ser preparado um fim a toda relação entre o espírito alemão dos blumenauenses, e sua existência na administração e na economia.

auf die zahlenmässige Stärke des angestammten Volkstums stützen. Sie verliefen ebenso ergebnislos wie die Beschwerden einer Gesandtschaft von verdienstvollen Persönlichkeiten, die man in Rio de Janeiro vorstellig werden liess.

Wie heiss der innenpolitische Boden noch zur Zeit meiner Anwesenheit in Blumenau war, hatte ich selbst zu verspüren. Im Hotel Seifert, wo ich dank der Umsicht seines Wirts, eines sächsischen Landsmannes, mich äusserst behaglich fühlte, erschien eines Tages ein Polizist, der mich zur Polizeipräfektur zitierte. Auf telefonische Anfrage erfuhr ich, dass ergangene Anzeigen mich als „politisch verdächtig“ bezeichnet hätten und von mir getane Äusserungen als eine Agitation gegen die Staatsinteressen betrachtet werden müssten. Solcher Denunziation lag nichts anderes zugrunde als ein kleiner Vortrag, den ich nach geschehener Ankündigung in den beiden Blumenauer deutschen Zeitung (Urwaldsbote und Blumenauer Zeitung) gehalten hatte. Das neu erwachte Deutsche Reich und das von mir geführte Lesepatenwerk als ein Mittel zur Erhaltung des heimischen Sprach – und Kulturgutes unter den Ausland-deutschen hatten einzig und allein – ohne jegliche Kritik an den Massnahmen zur Entnationalisierung des in Brasilien ansässigen fremden Volkstums – den Inhalt meiner Ausführungen gebildet. Ein in Begleitung des Deutschen Konsuls, Herrn Rohkohl, auf der Polizeipräfektur ausgeführter Besuch brachte zu meiner Genugtuung schnelle Aufklärung.

Dank der Hilfsbereitschaft so mancher lieber deutscher Landsleute in der Stadt Blumenau und ihren umliegenden Flecken, wie Indayal, Timbó und anderen, von ihrer kerndeutschen Gesinnung, von all dem rastlosen Fleiss und der Geschicklichkeit, die ich bei meinen Besuchen in grösseren und kleinern deutschen Wirtschaftsunternehmungen bewundern konnte, von der Planmässigkeit kultureller Arbeit, die ich den



Planta 9 - Mapa da área territorial que constituía a grande Blumenau contendo a delimitação dos novos municípios desmembrados a partir de 1930.

Quando, a 12 de agosto de 1934, o município de Blumenau sofreu com os desmembramentos, foram-lhe dados limites inteiramente naturais. Especialmente a oeste e noroeste era limitado pelos cumes da cadeia da Serra Geral. Se observarmos o curso dos veios d'água que se movem/convergem para o Itajaí do Norte e para o Itajaí do Oeste (compare mapa 9), se reconhece nitidamente o declive de noroeste para sudeste. O município de Blumenau abrangia, por isto, toda terra, dos rios que do norte desembocam no Itajaí, no Rio dos Cedros e Benedito, nas outras partes, das numerosas nascentes que irrigam os braços do Itajaí ao norte, sul e oeste. Vemos que o território que hoje representa o município de Blumenau, só uma estreita e comprida zona no médio Itajaí, foi, a vista de antes, violentamente reduzido no seu tamanho.

Às violentas assembléias de protesto, que aconteceram ao ar livre, afluíram milhares que expressaram abertamente sua indignação

dortigen Bildungsanstalten, vor allem in der “Deutschen Schule” der Stadt Blumenau feststellen konnte, davon ausführlicher zu erzählen, verhindert der für dieses Buch vorgesehene Rahmen. Was im starken Gegensatz zu dem kurz vorher beschrittenen Staate Paraná und seinem Deutschtum mir in Santa Catharina und vor allem in Blumenau deutlich wurde, war das hohe kulturelle Niveau von Fruchtsflächen, Menschen, Wohnbild, Industrieanlagen, Wegen und Verkehrsmitteln.

Über Blumenau Stadt und Land haben wir eine ganze Reihe von deutschen Veröffentlichungen, sogar solche umfangreicher Art. Sie stammen meist aus älterer Zeit. Auch was Dr. Blumenau selbst schrieb, dient noch als brauchbare historische Quelle. Aber das Anekdotische nimmt einen ansehnlichen Raum in diesen Schriften und Büchern ein; auch steht das rein Siedlungsgeschichtliche mit unzähligen Einzelheiten im Vordergrund. Eine methodisch-geographische und volkskundliche Arbeit fehlt noch über die Blumenauer Siedlungszone, die ich an anderer Stelle zu entwickeln Gelegenheit nehmen werde.

2 MEIN BESUCH DER DEUTSCHEN KOLONIE HANSA-HAMMONIA

Die Eisenbahnfahrt von Blumenau nach Hansa-Hammonia zeigt anheimelnde Mittelgebirgslandschaft in noch grösserer Eindringlichkeit als bei der Annäherung von Jaraguá her. Rechts und links sprudelt es von Wassern und Wässerchen. Greifbar stehen vor uns die sanft gebogenen, bis zu 800 m ansteigenden Höchstkuppen des Serragebirgszuges, die den Westen das fruchtgesegnete Unterland abriegeln.

Der Wagenpark dieser 73 km langen Eisenbahn ist sicher nicht von vorbildlicher Beschaffenheit. Die Personenwagen dritter Klasse sind

contra semelhante eliminação do espírito alemão da vida do Estado de Santa Catarina e em especial contra direitos que se sustentavam na força numericamente superior da sua população. Eles, como queixosos, se apressaram em mandar, igualmente sem resultado, uma delegação de personalidades meritórias a reclamar no Rio de Janeiro.

Quão quente ainda estava o solo da política interna durante minha permanência em Blumenau, eu mesmo ainda teria que sentir. No Hotel Seifert, onde me sentia extremamente confortável graças à cautela do seu proprietário, um compatriota saxão, apareceu um dia um policial que me citou para a delegacia de polícia. Ao pedir informação por telefone, tomei conhecimento que anúncios anteriores me designavam como “suspeito político”, e declarações efetuadas por mim deviam ser consideradas como uma agitação contra os interesses do Estado. Tal denúncia não tinha outro fundamento do que uma pequena palestra que eu dei, após anúncio, nos dois jornais alemães de Blumenau (Urwaldsbote e Blumenauer Zeitung). O recém criado Reich alemão e o Lesepatenwerk¹ por mim dirigido, como um meio de manutenção da língua nacional e valores culturais entre os alemães no estrangeiro, constituíam, única e somente, o conteúdo da minha palestra — sem qualquer crítica às medidas de nacionalização no tocante aos costumes da população, estranhos aos costumes do Brasil. Uma visita, em companhia do cônsul alemão, Senhor Rohkohl, à “delegacia” de polícia, trouxe, para minha satisfação, rápido esclarecimento.

Falar detalhadamente da disposição de ajudar de alguns valorosos colonos alemães, na cidade de Blumenau e nos povoados ao seu redor como Indaial, Timbó e outros, da sua mentalidade essencialmente alemã, de todo

¹ N.T. Leseaterwerk - organização dirigida pelo autor que incentivava o apadrinhamento de alemães no exterior com material de leitura para manter a cultura e a língua alemã. Os “padrinhos” recebiam, em troca, correspondência com relatos preciosos da vida dos alemães em terras distantes.

enge Kästen mit schrecklich schmalen Fenstern. Und das gemächliche Tempo der Züge passt sich der brasilianischen “paciencia” würdig an. Für Zurücklegung der genannten kurzen Strecke braucht der “beschleunigte” Zug $2\frac{3}{4}$, der “gewöhnliche” $3\frac{1}{4}$ Stunden. Vorausgesetzt freilich, dass nicht selten besondere Einlademühen die Fahrplanzeiten um ein beträchtliches verlängern. Eine Eigentümlichkeit des dortigen Eisenbahnregimes bedarf der Erwähnung. Mein sechsjähriger Bub wird, was Zahlung betrifft, nach der “Grösse” bemessen. Der Fahrkartenverkäufer zieht einen Zollstock hervor, beugt sich durch sein Fensterchen und stellt fest, dass das Söhnchen das “freifahrende” Kindermass überschritten hat! Die Neugier meines Sprösslings hat eine junge Negerin erweckt, die sich mit ihm – wahrscheinlich war sie einmal häusliches Glied einer deutschen Kolonistenfamilie – in leidlich gutem Deutsch unterhält. Doch in den Güterhallen sämtlicher Stationen lagern Haufen von Fässern und Kisten, in denen die Erzeugnisse dieser betriebsamen Landschaft, Milch und Fleischkonserven, Zedernholzkistchen für brasilianische Zigarren u. a., nach den verschiedensten Gegenden Mittel – und Nordbrasilens ihren Weg nehmen.

In charakteristischer Weise baut sich das Gelände der deutschen Kolonie Hansa-Hammonia auf, deren Gründung dank der Bildung einer in Hamburg sesshaften Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft heute fast 35 Jahre zurückliegt.

Hinter einem leicht welligen, 300 bis 400 m über dem Meeresspiegel liegenden Vorland von 8 bis 10 km Breite ziehen sich Bergreihen, deren allmähliche Abdachungen gegen das genannte Vorland nach Süden gerichtet sind. Zerschnitten sind die Berge durch eine Reihe von Flussgassen mit reichem Nebengeäder. In diesen Längs- und Quertälern setzte die Siedlungsarbeit ein und rückt allmählich an den Flüssen immer mehr landeinwärts bis zu einer Entfernung von 40 km und damit bei dem

infatigável trabalho e da habilidade que eu pude admirar nas minhas visitas a empreendimentos econômicos, dos planejados trabalhos culturais, que eu pude verificar nos estabelecimentos de ensino de lá, principalmente na “Deutsche Schule” na cidade de Blumenau, torna-se impossível por causa do tamanho previsto para este livro. O que, em forte contraste com o recém percorrido estado do Paraná e o espírito dos alemães de lá, tornou-se nítido para mim em Santa Catarina, e principalmente em Blumenau, foi o elevado nível cultural das áreas cultivadas, de pessoas, da boa aparência das moradias, do parque industrial, das estradas e meios de transporte.

Sobre Blumenau, cidade e campo, nós temos uma série de publicações alemãs extensas. Elas têm sua origem geralmente dos tempos mais antigos. Também o que o próprio Dr. Blumenau escreveu, ainda tem utilidade como fonte histórica. Mas o anedotário ocupa um considerável espaço nestes escritos e livros; também a colonização pura está descrita com incontáveis pormenores em primeiro plano. Ainda falta um trabalho metodológico, geográfico e da cultura popular sobre as zonas de colonização, que eu pretendo desenvolver, em outro lugar e outra ocasião.

2 MINHA VISITA À COLÔNIA ALEMÃ HANSA – HAMMONIA

A viagem de trem de Blumenau para Hansa-Hammonia mostra uma paisagem meio montanhosa de maior penetração do que a que vimos na vinda de Jaraguá para cá. À direita e à esquerda brotam ribeirões e córregos. Bem a nossa frente estão os picos de até 800m de altura, levemente curvos, da cadeia de montanhas, que bloqueiam em direção leste a planície abençoadamente fértil.

Os vagões desta estrada de ferro de 73 km de comprimento não são certamente modelos de qualidade. Os vagões da 3ª classe são

Aufbau des Geländes auch in höhere Lagen.

Ungemein gleichmässig ist die Verteilung der Landparzellen. Von der Fluss- oder Bachseite her steigt das Kolonistenlos, in eine Hangfläche eingeschnitten, zur Höhe hinauf (vgl. die Karte 11). Das hat gewiss den grossen Vorteil gleichmässiger gerechter Verteilung, vor allem auch, dass jeder Siedler an der tief gelegenen Schmalseite genügend Wasser hat. Jedoch die Anpflanzung der oberen Hangseite erfordert recht beschwerliches Auf- und Niedersteigen wie zeitraubendes Hinunterschleppen der Ernte. Der Besuch eines Kolonisten am Rio Sellin, der mich mit seinem Bauernwägelchen von Hammonia abholte, gab mir ein anschauliches Bild von der Lage dieser Landlose, aber auch von den Mühsalen und dürftigen Erträgen einer kleinen Kolonistenwirtschaft. Die ganze rohe Jahreseinnahme des Anwesens betrug nach genauer Buchführung nicht mehr als 1½ Conto de reis. Schmalhans war also Küchenmeister und Bargeld eine Seltenheit. Und doch scheute mein Gastfreund Borowsky für Erziehung seiner vier urgesunden kräftigen Sprösslinge kein Opfer an Geld und Zeit, um sie deutscher Sprache und Bildung zu erhalten. Eifrig las er in abendlichen Stunden den Kindern aus Schul- und Märchenbüchern vor, die ihm ein getreuer Lesevater aus dem Reich gestiftet hatte.

Die Siedlungsgebiete der verschiedenen Nationalitäten sind in der Kolonie Hansa Hammonia sorgsam getrennt. Die Italiener sitzen vornehmlich im Tal des oberen Rio Hercilio und in seinen Seitentälern, während die Deutschstämmigen, insgesamt etwa 10.000 Köpfe, ihre geschlossenen Siedlungszonen im Westen und Osten längs dem Unterlauf des Rio Hercilio, am Rio Sellin, Rio Wiegand, Rio Dona Emma haben.

Am Fuss des Serrazuges im Bereich des Unterlaufes des Rio Krauel und Rio Hercilio hat sich ein Stadtplatz nach dem anderen entwickelt: Hammonia, Neu-Berlin, Neu-Stettin, Neu-Bremen, Neu-Breslau. Zeugnisse wirtschaftlicher Geschäftigkeit und kultureller

caixotes apertados com janelas horripelmente estreitas. E a pouca velocidade do trem combina com a digna “paciência” brasileira. No retorno, para percorrer o trecho considerado curto, o “apressado” trem leva 2 $\frac{3}{4}$ h contra as 3 $\frac{1}{4}$ horas “normais”. Suposto é, todavia, que não raro algum trabalho especial de embarque prolongue consideravelmente o tempo de viagem. Uma particularidade do regime da ferrovia de lá merece menção. Quanto a pagamento, meu filho de seis anos foi medido pela “altura”. O vendedor de bilhetes saca de uma escala métrica, se debruça pela sua janelinha e constata que o menininho ultrapassou a altura de “gratuidade” para crianças. A curiosidade do meu filho despertou uma jovem negrinha, que com ele conversa em um razoavelmente bom alemão – provavelmente ela já foi empregada doméstica de uma família de colonos alemães.

Em frente ao pátio de mercadorias de todas as estações havia uma porção de barris e caixas, dentro dos quais os produtos desta agricultura dinâmica, leite e carne em conserva, caixinhas de cedro para cigarros brasileiros, que vão seguir viagem para as diversas regiões do centro e norte brasileiros.

A região da colônia alemã Hansa-Hammonia se desenvolve de maneira característica. Sua fundação se deu graças à Comunidade Hanseática de Colonização, sediada em Hamburgo, há quase 35 anos atrás. Atrás de uma área levemente ondulada, de 300m a 400m acima do nível do mar, de 8 a 10 km de largura, se estendem cadeias de montanhas cujos declives são direcionados pouco a pouco para o sul.

As serras são recortadas por uma série de ribeirões com ricos veios laterais. Nestes largos e compridos vales está assentado o trabalho de colonização que se direciona pouco a pouco, sempre junto às margens dos rios, mais terra adentro até um distanciamento de 40km, e com isto também a construção nas regiões em posições mais altas. Na mesma proporção é a divisão dos lotes. Do lado do rio ou ribeirão para cá os lotes dos colonos estão marcados de uma região em declive, para uma de altura superior.

Fürsorge begegnen wir auf Schritt und Tritt. Da entstanden Mahl- und Schneidemühlen, Schlächtereien, Bäckereien, Molkereien, Kaufläden, Gasthäuser, Postämter, Apotheken, Kirchen, Schulen. Auch ein Hospital wurde in Hammonia von der Kolonisationsgesellschaft errichtet. Ein rühriger deutscher Arzt waltet in diesem seines Amtes, weit und breit als "Wurm" Doktor bekannt. Denn sein dankenswertes Spezialstudium ist die medizinische Bekämpfung der unheimlichen Wurmkrankheit, die namentlich unter Kindern zahlreiche Opfer fordert. Kleine, in der Erde haftende Würmer dringen in den Körper ein, was bei mangender Sorgfalt und Reinlichkeit leicht geschehen kann, saugen sich den Eingeweiden fest und nehmen dem Körper bald alle Nährstoffe, so dass der Behaftete, matt und lethargisch geworden, hilflos dahinsiecht.

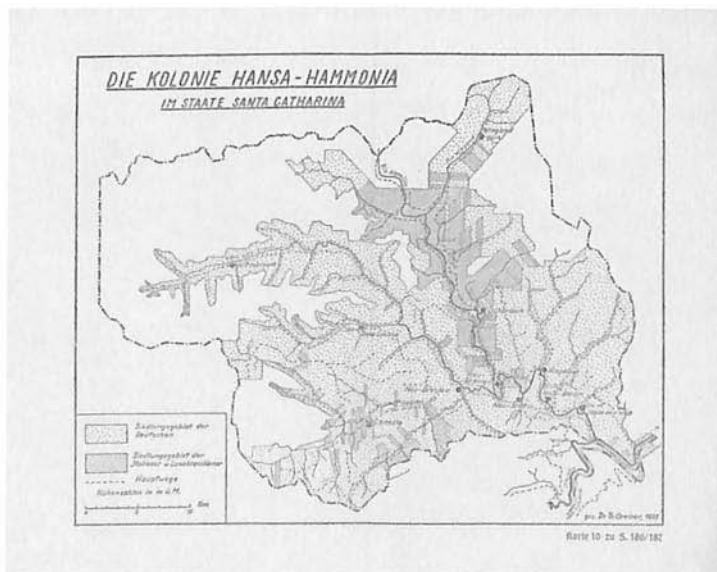


Hugo Grothe.

Hugo Grothe, autor da obra *Im Kamp und Urwald Südbrasilens: Ein Skizzenbuc H Zur Siedlungs Und Deutschumskunde*. Título traduzido: No Campo e na Mata Virgem do sul do Brasil: um esboço sobre as colônias e sobre a cultura alemã.

Isto tem certamente um grande pró na distribuição justa, principalmente também, que todo colono tenha suficiente água no fundo da estreita baixada. Todavia, a plantação no lado superior do declive requer fatigantes subidas e descidas, como o demorado trabalho de carregar a colheita para baixo. A visita a um colono no rio Sellin, que me buscou em Hammonia com sua carroça, me deu uma visão clara da posição desses lotes, como também do sacrifício e dos rendimentos insuficientes de uma pequena propriedade rural. Todos os rendimentos anuais brutos da propriedade somam, segundo contabilidade exata, não mais do que 1 ½ conto de réis (= hoje 210RM)

Dificuldade era, portanto, mestra, e o dinheiro uma raridade. Mesmo assim, meu amigo hospedeiro, Borowsky, não poupou nenhum sacrifício em dinheiro e tempo para oferecer a língua alemã e educação aos seus quatro, naturalmente saudáveis, filhos. Zeloso, ele lia à noitinha para as crianças, desde livros de aula a contos de fadas, que um fiel padrinho de leitura do Reich lhe presenteou.



Planta 11 - Divisão dos lotes - Colônia Hansa – Hammonia - Estado de Santa Catarina – 1935

Os territórios de colonização das outras nacionalidades estão cuidadosamente distantes da colônia Hansa-Hammonia. Os italianos estão assentados, principalmente no vale do Alto Rio Hercílio e nas suas laterais, enquanto os descendentes de alemães, cerca de 10.000 pessoas, têm sua fechada zona de colonização no leste e oeste, ao longo do curso inferior do rio Hercílio, no Rio Sellin, Rio Wiegand, rio Dona Emma.

Aos pés da serra, na região inferior do curso do rio Krauel e rio Hercílio, se desenvolveu um núcleo depois do outro: Hammonia, Neu-Berlin, Neu-Stettin, Neu-Bremen, Neu-Breslau. A cada passo encontramos testemunhos da atividade econômica e do zelo para com a cultura. Lá havia moinhos de moagem e corte, abatedouros, padarias, leiterias, mercearias, hospedarias, agências postais, farmácias, igrejas, escolas. Também um hospital foi construído pela companhia de colonização. Nele um ativo médico alemão, conhecido por toda parte como doutor “Wurm”, exerce suas funções. Sua especialização, digna de reconhecimento, é a luta da medicina contra a temível verminose que faz numerosas vítimas, especialmente entre as crianças. Pequenos, os vermes vivem na terra e penetram no corpo, o que, na falta de cuidado e higiene, facilmente pode acontecer, se fixam no intestino, sugam, e logo tiram do corpo todos os nutrientes, de tal forma que o portador, fraco e letárgico, definha se não for socorrido.

* * *



Fragmentos fotográficos de
CORPOS DISCIPLINADOS

FRAGMENTOS FOTOGRÁFICOS DE CORPOS DISCIPLINADOS: REFLEXÕES SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE GINÁSTICA EM BLUMENAU*

Fernanda Rinaldi**
Carla Fernanda da Silva***

RESUMO

Este artigo trata da análise de algumas imagens fotográficas de corpos disciplinados na sociedade de ginástica em Blumenau (Associação Deutscher Turnverein), especialmente nas três primeiras décadas do século XX, com o objetivo de fazer uma reflexão sobre o modelo de vida da sociedade blumenauense, o disciplinamento e as relações de poder estabelecidas.

Palavras-chave: Fotografia. Esporte. Disciplinamento. Poder.

A proposta do presente artigo é abordar, através da fotografia, o disciplinamento do corpo, em que as práticas esportivas da Sociedade de Ginástica “Blumenau” Deutscher Turnverein sendo analisadas a ascense e o grupo, através dos elementos da construção da identidade dos teuto-brasileiros.

Deste modo, a fotografia revela detalhadamente aspectos do cotidiano, da cultura, a indumentária, o coletivo, o individual e tudo o que diz respeito a uma determinada sociedade e período histórico, portanto constitui um importante documento histórico.

* Este artigo é uma versão modificada do capítulo II do trabalho de conclusão do curso de História apresentado à Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, no início de novembro de 2008.

** Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Regional de Blumenau – FURB.

*** Professora Orientadora. Possui mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Substituta do Departamento de História e Geografia da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: carlaf@furb.br

Surgida no século XIX através dos imigrantes alemães, a Associação Deutscher Turnverein foi polo de sociabilidade dos imigrantes e seus descendentes através da prática de atividades físicas. Assim, conforme consta em documento no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, a Associação foi fundada em 5 de outubro de 1873. Segundo seus estatutos, os objetivos eram “a prática e difusão da ginástica olímpica, assim como esportes e jogos, principalmente o punhobol, bem como os intercâmbios esportivos, sociais e culturais com outras sociedades.”¹ Constava também no estatuto que, para ser sócio deveria ter reputação imaculada e 14 anos completos. De espírito comunitário e com raiz ao nacionalismo alemão moderno, seu principal objetivo era a prática esportiva, dentro de princípios morais e disciplinadores, rumo ao autocontrole, portanto a Deutscher Turnverein representava a concepção de germanidade presentes neste momento da história.

Blumenau foi colonizada por imigrantes alemães que se instalaram, construíram suas propriedades, formaram suas famílias, e com o passar do tempo e permanência foram denominados: teuto-brasileiros. Conforme André Voigt², é a designação genérica atribuída aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães, cujas características são: ética ao trabalho, associativismo, valorização à família, à religiosidade, obediência à hierarquia, entre outras características. O termo é atribuído também para manter o laço sanguíneo e cultural com a Alemanha.

Ao chegarem à Colônia, os alemães se depararam com outros grupos étnicos aqui existentes, além dos índios e os luso-brasileiros. A partir disso, houve um processo de afirmação de sua identidade cultural, pois

¹ KORMAM, Edith. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – 7.1.10.1 doc - 01

² VOIGT, André Fabiano. A invenção do teuto-brasileiro [tese], A / 2008 – Teses – Acervo 246616 (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História, p. 11.

esses descendentes já não eram mais alemães e ao mesmo tempo não se viam enquanto brasileiros. Até porque havia um isolamento da sociedade, os quistos étnicos³, devido a uma dualidade entre ser brasileiro ou alemão, ocasionando exclusão de atuação na vida política. Estes confrontos foram motivos para a construção e afirmação de uma identidade teuto-brasileira: o direito de ser brasileiro e permanecer alemão.⁴

Foi a partir deste sentimento de dualidade que houve a necessidade de instalar os hábitos e costumes da “velha pátria”, preservando os costumes alemães em território brasileiro. Através desses fenômenos surgiram os clubes de caça e tiro, as sociedades de canto, teatro, livrarias, tipografias, a Associação de Ginástica “Blumenau” Deutscher Turnverein.

[...] em Blumenau, as elites e classe média local, formadas por comerciantes, industriais, políticos e funcionários públicos, educadores, pastores, jornalistas, profissionais liberais etc., criaram condições para o surgimento de associações que pudessem valorizar a cultura dos imigrantes, inclusive no seu aspecto mais erudito ou sofisticado, vinculado a uma ideia de cultura derivada do Romantismo alemão. Por isso mesmo, as palavras *Deutschtum*, *Volks-tum* e *Kultur* são usadas como marcadores da diferença cultural mais intensivamente do que as traduções dicionarizadas, que apontam, respectivamente, para germanismo, nacionalidade (alemã) e cultura / civilização, sugerem. Termos conceituais como *Volkstum* ou *Deutschtum* remetem à ideia de uma cultura popular apropriadamente germânica, construída na longa duração, mas o significante nacional inclui também uma noção de pertencimento comunitário que, no discurso teuto-brasileiro, está mais próximo de uma representação “nativa” de etnicidade primordial.⁵

³ SEYFERTH, Giralda. A Assimilação dos Imigrantes como questão nacional <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>, p. 96

⁴ FERREIRA, Cristina. Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. Organizadoras: Cristina Ferreira e Méri Frotscher – Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 78.

⁵ SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.7.

Dando continuidade às reflexões de Giralda Seyferth, Blumenau tornou-se um ponto de referência, foi uma importante e notória colônia do sul do Brasil. Tornou-se o principal núcleo urbano desta região e centro irradiador do ideário de uma germanidade, inspirado em valores burgueses do século XIX e nos discursos nacionalistas do Romantismo alemão.

[...] expressão da “cultura germânica” porque seus salões serviam também para apresentações musicais e teatrais, portanto algo mais do que festas e bailes igualmente vinculados ao “caráter alemão” nos discursos que enfatizam os quatros F (mais presentes no contexto de outra associação similar, a Turnverein, sociedade de ginástica) – Frisch (lépido), Fromm (devotado), Froelich (alegre) e Frei (livre). Tais rótulos, junto com outro bastante comum nos discursos sobre a colonização – Tüchtigkeit (capacidade, valor) – supõem um princípio moral disciplinador [...].⁶

Esta disciplina se aplica, adentra os corpos ao padrão de sociedade capitalista e corporativa, que se apropria do tempo e corpo dos adestrados, cujo objetivo é tornar “bons cidadãos”, saudáveis e com aptidões para um bom desempenho que a sociedade necessita: pessoas úteis, obedientes e trabalhadoras. De modo que essas normas para o autocontrole deveriam despertar sentimentos de vergonha naqueles que não seguissem os padrões de sociabilidade, ditados pelo processo civilizatório.⁷

⁶ Idem. p. 8.

⁷ ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1990-1994. - 2v, p. 193.

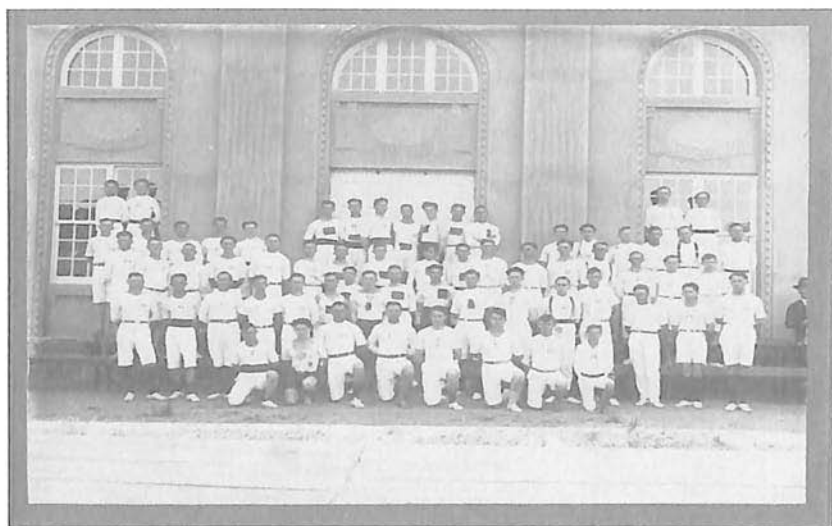


Figura 1: Turnverein – Jovens participantes em posição impecável na lateral da sede.
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Nas palavras de Foucault, “o corpo dócil, que obedece, que pode ser submetido, utilizado, analisado, transformado e aperfeiçoado. A individualização dos corpos para melhor distribuí-los numa rede de relações, onde cada um possui sua função”⁸. A existência do indivíduo se dá na medida em que se possui “uma função”. Este princípio cabia muito bem a esta sociedade de Blumenau, dentro dessa configuração germânica, voltada para a “ordem”, cuja construção desta sociedade era voltada para esta cultura.

[...] cuja finalidade era o preparo físico da mocidade por meio de exercícios de ginástica, atletismo e jogos esportivos, proporcionando também aos seus sócios reuniões recreativas, excursões e outras diversões.⁹

Deste modo, a prática da ginástica difundia as normas de

⁸ FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 119.

⁹ Centenário de Blumenau: 1850 - 1950. 1v. Blumenau: [s.n.], 1950. p. 342.

obediência e o bom exemplo a ser seguido através do indivíduo padrão e a tática universal de comparação, seguida de classificação ao indivíduo.

Norbert Elias salienta que os padrões de comportamento civilizado são julgamentos comparativos, sendo que a própria competição constituía numa comparação entre ser o melhor ou o pior, entre ser o mais civilizado e o menos civilizado.¹⁰ O ideal europeu, enquanto elemento civilizador através da cientificidade, se manifesta em Blumenau também por meio das sociedades de ginástica.

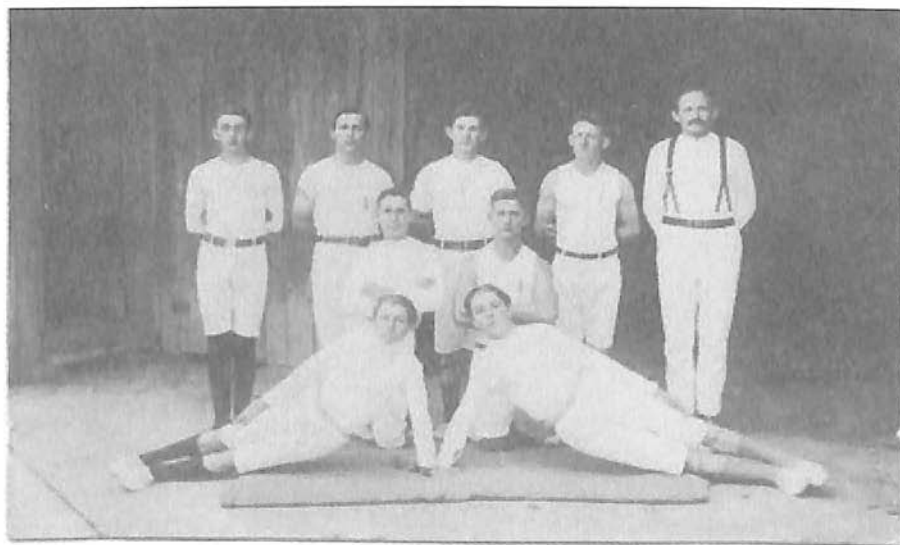


Figura 2: Gut Heill - Corpos treinados retratando postura e resistência.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Concordamos com que Freud diz:

Só através da influência de indivíduos que possam fornecer um exemplo e a quem reconheçam como líderes, as massas podem ser induzidas a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende. Tudo correrá bem se esses líderes forem pessoas com uma compreensão interna superior das necessi-

¹⁰ ELIAS, Norbert e Eric Dunning. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 214.

dades da vida, e que se tenham erguido à altura de dominar seus próprios desejos instintuais.¹¹

Cabe citar que o disciplinamento do corpo, por meio da atividade esportiva, é produto de uma sociedade industrial, cuja função é trabalhar corpos de um grupo que possui profissões sedentárias. A prática esportiva possibilita esta aptidão, sendo exercida numa rede em que os indivíduos, neste caso os atletas, são mediadores desta prática. Blumenau, com seu conceito de cidade de povo ordeiro e trabalhador - construída sob o ideal do “trabalhador alemão” e a “capacidade superior do trabalho” dos teuto-brasileiros - a prática da atividade física esportiva também se faz presente. Essa cultura voltada para o trabalho surge na Alemanha do século XVII, devido ao seu crescimento industrial, estabelecendo à população, tanto da cidade como do campo, um sistema de “virtudes burguesas”¹², fundamentadas em valores que consistiam em destreza, senso de ordem, obediência e atenção aos detalhes. Esses “valores” se difundiram na época da colônia Blumenau, tornando-se a afirmação da identidade étnica do grupo teuto-brasileiro. A própria igreja - não só a luterana, como a católica - encarregou-se de incentivar os fiéis sobre a importância e necessidade desses valores voltados ao trabalho.

Outro fato importante sobre essas práticas esportivas é que, assim como a religião, também havia um direcionamento para o próprio autocontrole do corpo, a retenção dos instintos, seja libidinoso ou de cólera - sentimentos estes que qualquer pessoa pode ter, porém cabia ao hospital, saber médico, ou à justiça, poder punitivo, avaliar a postura de cada indivíduo. Nas palavras de Francisco Ortega, o cuidado com o corpo

¹¹ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução Jose Octavio de Aguiar Abreu. -Rio de Janeiro : Imago, 1997. p. 13.

¹² WOLFF, Cristina Scheibe. Mulher alemã, mulher trabalhadeira. Blumenau em Cadernos. Tomo XLV, n. 09/10, Setembro/Outubro, 2004. p. 89.

está relacionado ao ascetismo termo filosófico cuja prática provém da Grécia Antiga e vem se configurando até os dias atuais. Seu fundamento é autocontrole do corpo e espírito, rumo à virtude. É transportado para a sociedade cristã e o objetivo está na capacidade do indivíduo se autovigiar, autogovernar.¹³ Este modelo grego, a ascese, estava ligado ao pensamento político: uma cidade, para ser bem governada, deve partir da virtude do governante. Aqui, nesta discussão, há uma elite que defende o autocontrole para melhor governar. Isto nos faz refletir que o objetivo era não só construir o indivíduo moral, mas elaborar o coletivo, o grupo de pessoas que devem se enquadrar neste conjunto moral e social. A ascese, no pensamento grego, requer uma prática em conjunto e não individual. No século XIX, a sociedade alemã volta-se ao espírito grego, ao anseio de autocontrole.

Nietzsche, que a partir de uma reflexão da sociedade grega, em que questiona a moral, permite-nos a reflexão sobre corpo e sociedade, em que discute que é trabalhado, representado sempre o grupo, de pessoas de uma distinta classe social e étnica, e seu respectivo disciplinamento, proveniente do espírito alemão, que precisa moralizar e humanizar.¹⁴ O que nos remete ao princípio de ascese.

Este princípio, o desejo da ascese partiu do próprio indivíduo, que entra em rede onde vários indivíduos exprimem esse ideal, se constituindo num mundo comparativo, fazendo mediação com as normas impostas neste padrão de sociedade ocidental cristã.¹⁵

¹³ ORTEGA, Francisco. O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. RJ: Garamond, 2008, p. 20 e 21.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 160.

¹⁵ Idem. p. 29.

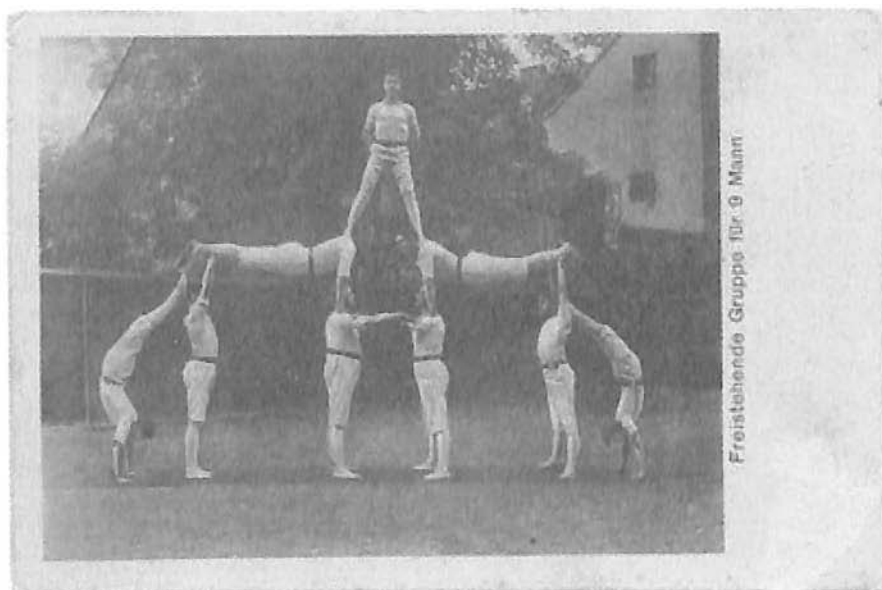


Figura 3: Ginastas Alemães em apresentação.
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva



Figura 4: Turnverein – Sociedade reunida. O espírito de agremiação.
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Foucault já pensava esta prática social, o exercício do cuidar de si, de modo que possibilitasse um jogo de trocas com o outro, dentro de um sistema de regras e obrigações recíprocas¹⁶. Em Ortega, o resultado seria as performances num meio social dominante, que inaugurava uma nova subjetividade, o poder de se autocontrolar através da “própria” vontade, por opção própria. Uma vontade, um desejo já condicionado. O resultado seria as modernas bioasceses, num universo dominante, conformista e totalizador.¹⁷

E voltando à reflexão de Foucault, a biossociabilidade, cuja distinção é a sociabilidade num âmbito de novos valores, com bases em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo, criação de modelos ideais de sujeitos baseados no desempenho físico, sem distinção de raça, classe, ou orientação política, que se constitui por grupos de interesses privados.¹⁸

Em Blumenau, no período de colonização até as três primeiras décadas do século XX, esse padrão de conduta se articula entre pessoas da mesma cultura - alemães e teuto-brasileiros – predominando entre os burgueses, devido as suas maiores condições financeiras e busca de um status.

Através dessas fotografias, pode-se observar e analisar a prática esportiva enquanto atividade geradora do bom uso do corpo forte e saudável, direcionado à construção do espírito ordeiro e controlado. Os próprios treinos e apresentações contavam com grupos femininos separados dos grupos masculinos, norma de conduta da época que no decorrer do tempo foi se modificando.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 p. 58 e 59.

¹⁷ ORTEGA, 2008. Op. Cit. p. 30 e 31.

¹⁸ Idem. p. 30 e 31.



Figura 5: Turnverein – Ginastas femininas
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Observando estas fotografias, fica nítida a afirmação de identidade desses grupos que participavam desta Associação de Ginástica. Este espírito alemão pode ser pensado como raízes de seu modelo militar, onde prevaleceram o comando e obediência também no meio urbano¹⁹.

Esta associação permaneceu por muito tempo, e além das apresentações de ginásticas, promovia reuniões recreativas, excursões e noites de entretenimento com música, canto e teatro, incluindo números artísticos e ginástica rítmica. Essas programações eram geralmente públicas e reunia um bom público. Por exemplo, durante a 1ª Guerra Mundial, esta Associação promoveu uma noite de entretenimento em benefício à Cruz Vermelha Alemã, buscando a arrecadação de fundos e divulgando a situação em que se encontravam os alemães em relação à guerra.

¹⁹ ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 24.

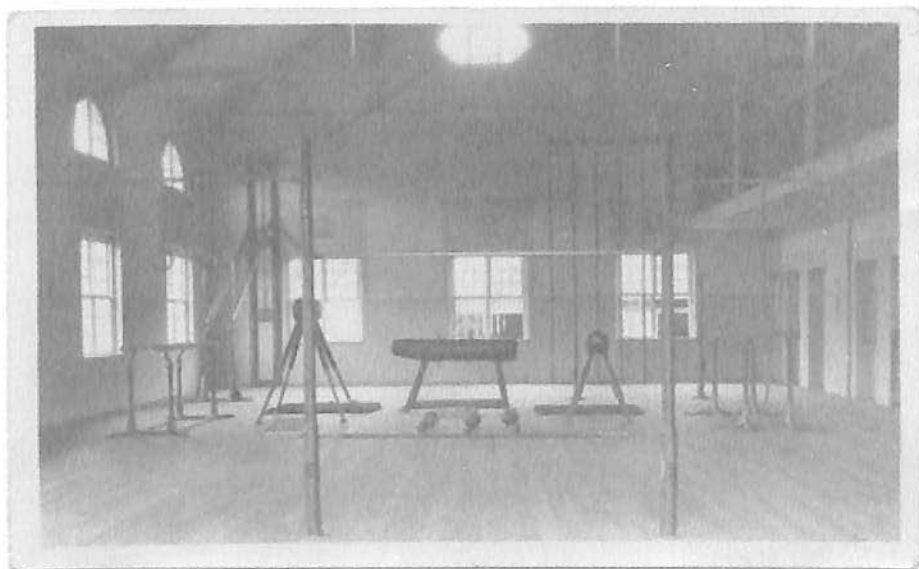


Figura 6: Interior da Associação, equipamentos de ginástica
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

No dia três de agosto de 1924, fica concluído o prédio da Associação de Ginástica Blumenau. Sua inauguração foi realizada com uma grande festa popular, com direito a barracas de lanches. Participaram do evento o Coral Masculino “Liederkrantz”, a “Muzikkappelle” Werner e os ginastas com apresentações em barras, cavalo, ginástica rítmica, etc, encerrando-se com um baile de inauguração.

Em 1935, foi ampliada a dependência da Associação, propiciando festividades que incluíam apresentações de ginástica, além de apresentação de corais e baile. A princípio, eram os alemães e teuto-brasileiros que tinham seu espaço no âmbito econômico, político, social e cultural da cidade. Méri Frotscher destaca que: “em 1929, durante a comemoração do centenário da presença alemã e seus descendentes em Santa Catarina, há possíveis manifestações que valorizam a segregação étnica e utilizando-a como fator explicativo para o desenvolvimento econômico do Vale do Itajaí”.

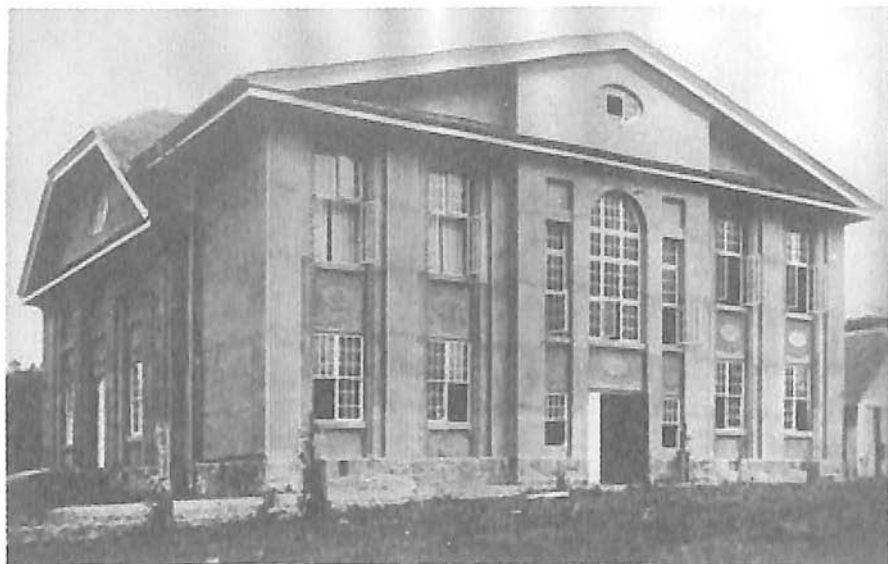


Figura 7: Sede da Associação de Ginástica, inaugurada em 1924. Grandiosidade na arquitetura, lembrando o Pátemon. Na lateral à esquerda, bservamos o modelo germânico.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva



Figura 8: Turnverein – Espetáculo com a participação da Musikapelle Brusque. A ala feminina de ginastas em pose para fotografia com a respectiva banda.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

No entanto, em 1938, com a implantação da nacionalização, os professores alemães foram afastados devido à perseguição a todos que fossem estrangeiros, e não naturalizados brasileiros. Mas com a nacionalização, o esporte também foi valorizado como meio de intervenção sobre os corpos dos indivíduos no conceito militarista. Agora, o corpo saudável estaria à disposição da nação brasileira e não mais à região.

A partir de 1938, com o estabelecimento do Estado Novo em Blumenau, foi expressamente proibida a língua estrangeira, em especial a língua alemã. A escola, a literatura, os clubes, enfim, tudo o que remetesse a uma cultura que não fosse nacional, foram banidos devido à política estadonovista. Houve a aproximação do Brasil com os Estados Unidos e a garantia de mercados de consumo para produtos no sul do Brasil, assim impedindo a influência nazista na região, o perigo alemão.

Política que levou, além da proibição de se falar a língua estrangeira, a interrupção das publicações da literatura teuto-brasileira, o fechamento das escolas alemãs e das sociedades culturais, como Associação Deutsher Turnverein. O prédio foi arrendado ao Exército, e as atividades foram submetidas às leis nacionais, e as competições passaram a ser dedicada ao próprio Exército e à juventude do Brasil, cujo objetivo era a militarização e disciplina. O estrangeiro ou descendente é desqualificado, no sentido cultural e social, e agora ele tinha a obrigação de se tornar um cidadão da nação.

[...] A “nacionalização fardada” investia na disciplina e na militarização, nos esportes e nas escolas, através da marcha, do uso do uniforme, da obediência ao horário, da valorização da ordem e da disciplina [...] o culto à Pátria, eram venerados para incutir o amor ao Brasil e a língua, o respeito às forças armadas, o desapego ao regionalismo [...].

No período da 2ª Guerra Mundial encerraram-se as atividades, e o prédio e suas instalações passaram a pertencer ao Conjunto Educacional Pedro II.

Décadas mais tarde, o conceito de germanidade foi reelaborado, através do incentivo ao retorno de práticas que remetiam à cultura germânica, como por exemplo, o do uso da língua alemã.

Na década de 1970, houve a construção de réplicas de enxaiméis pelo centro de toda a cidade, com o propósito de mostrar uma cidade possuidora de gente trabalhadora, com espírito germânico, e também com o objetivo de despertar o turismo, através de uma paisagem tipicamente europeia no sul do Brasil, trazendo melhorias econômicas para o município. Na década de 1980, devido às grandes enchentes de 1983 e 1984, houve muitos prejuízos e um índice elevado de desemprego. O governo municipal, inviabilizado de verbas, através da imprensa, incitou a população a reconstruir a cidade, utilizando-se do discurso da dignidade e identidade germânica da população blumenauense, identificando-a assim com inúmeros adjetivos positivos. Com a necessidade de conquistar verbas federais para a reconstrução de Blumenau, muitos políticos e empresários blumenauenses fizeram questão de levantar contribuição econômica junto ao Estado e ao país, com destaque para a “tradicional operosidade” de seu povo. A busca de verba move a auto-afirmação de uma identidade cultural atribuída ao blumenauense. O discurso da municipalidade se faz através da etnicidade e nos faz refletir o exemplo de um povo diferenciado do restante do país.

Ao término das enchentes, divulgou-se em Blumenau “o valor do trabalho” ganhando um novo conceito: o “trabalho alemão”, paralelamente e ao mesmo momento em que surgiam as festas típicas. Assim, Blumenau torna-se reconhecida como cidade do trabalho.

E refletindo Foucault, - pensando na questão do discurso da municipalidade - a população aparece mais como fim e instrumento do governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo.

Assim, podemos compreender que discursos são produzidos através dos elementos culturais, onde é organizado e estabelecido “o correto”, o modelo a ser seguido, onde as pessoas de uma sociedade se tornam peças com uma função a cumprir, resultando na coletividade universal, em função de um ideal imposto e a ser atingido. Seja através das normatizações de clubes, na sociabilidade ou na vida pessoal, onde o corpo se torna um bem de funcionamento de persuasão.

REFERÊNCIAS

- CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960) Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. In Visões do Vale. Orgs: Cristina Ferreira e Meri Frotscher - Blumenau: Nova Letra, 2000.
- Centenário de Blumenau: 1850 - 1950. 1v. Blumenau: [s.n.], 1950. p. 342.
- Cultura – Patrimônio Histórico – Arquitetura – Enxaimel: 9.10.2.4 doc. 11
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1990-1994. 2v.
- ELIAS, Norbert e Eric Dunning. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 214.
- ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FERREIRA, Cristina. Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. Organizadoras: Cristina Ferreira e Méri Frotscher. Blumenau: Nova Letra, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 3: o cuidado de si. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Tradução Jose Octavio de Aguiar Abreu. -Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FROTSCHER, Méri. Identidades móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950) Blumenau: Edifurb, 2007.
- KORMAM, Edith. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – 7.1.10.1 doc - 01.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Alem do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORTEGA, Francisco. *O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. RJ: Garamond, 2008.

SEYFERTH, Giralda. *A Assimilação dos Imigrantes como questão nacional* <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>

SEYFERTH, Giralda. *A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade*. Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto-brasileiro [tese]*, A / 2008 – Teses – Acervo 246616 (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulher alemã, mulher trabalhadeira*. Blumenau em Cadernos. Tomo XLV, n. 09/10, Setembro/Outubro, 2004.



A ESCOLA ALEMÃ DE HAMMONIA

A ESCOLA ALEMÃ DE HAMMONIA

Harry Wiese*

RESUMO

Com este artigo, através de pesquisa bibliográfica e documental, pretende-se narrar os principais fatos históricos ligados à Escola Alemã de Hammonia, hoje Ibirama. As aulas foram ministradas em três lugares distintos entre 1902 a 1937. No ano seguinte, com a Campanha de Nacionalização de Ensino, o prédio escolar foi nacionalizado, decretando o fim da Escola Alemã. No mesmo local foi instalado o Quartel do Exército de onde vinha a repressão aos que usavam a língua antes ali falada e estudada. A escola alemã tinha a sua importância porque era um dos poucos lugares onde se ensinava e se aprendia neste longínquo pedaço de terra brasileira. Destaque é dado ao Dr. Paul Aldinger, professor e inspetor escolar durante 25 anos.

Palavras-chave: Escola alemã. Colonização. Hammonia.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir dos resultados de uma pesquisa realizada sobre a educação de Ibirama, na época denominada Hammonia, pretende-se narrar os principais fatos históricos relacionados à primeira instituição das colônias alemãs no Sul do Brasil: a Escola Particular Alemã.

Hammonia era administrada pela Sociedade Colonizadora Hanseática. Parte-se do princípio de que as escolas alemãs, na época de suas

* Professor e escritor. Mestre em Educação.

existências, tornaram-se a mais potente instituição das comunidades rurais. As escolas tinham sua base pedagógica construída sobre uma paisagem familiar em que se abrigava a tradição cultural, em um espaço geográfico concreto: a Heimat.¹

Desde a sua fundação, os imigrantes preocuparam-se intensamente com a formação e o ensino de seus filhos. As escolas particulares alemãs, portanto, tornaram-se características essenciais nas comunidades que, aos poucos, foram se formando, na medida em que a colonização avançava para o interior. Coube a elas fornecer instrução de bom nível, combatível com a condição cultural e social da origem de sua população.

Educação era fundamental nas colônias alemãs de Santa Catarina. “Desde os primórdios da colonização os imigrantes teutos zelavam por uma escola que se tornou característica das suas comunidades rurais”.ⁱ Pimpão confirma: “Como na Alemanha há muito que já se havia acabado com o analfabetismo e o aprendizado de uma profissão já era obrigação, começaram a pisar o solo brasileiro imigrantes que carregavam consigo a semente do saber. Inclusive professores eram integrantes dos grupos colonizadores e não tardaram a surgir escolas alemãs em meio às novas povoações que surgiram dentre o verde das matas virgens”.ⁱⁱ

As escolas particulares alemãs ocuparam o espaço deixado pelas autoridades brasileiras. Estas instituições escolares foram a única possibilidade de instrução para os filhos dos colonizadores de Hammonia durante as quatro primeiras décadas do século XX.

¹ Na Língua Portuguesa não existe um vocábulo que expresse exatamente o significado de Heimat. Por aproximação, pode-se afirmar que o termo significa terra natal, torrão natal, ou querência. A palavra Heimat possui, portanto, um leque de conotações e por isso mergulha em um complexo de indefinições e ambiguidades.

2 AS ESCOLAS PARTICULARES ALEMÃS

A história da educação de Ibirama tem seu início com a chegada do Pastor Dr. Paul Aldinger, em 16 de junho de 1901. Inicialmente, se hospedou no Rancho dos Imigrantes como os demais imigrantes. Começou a trabalhar como colono, construindo o seu Palmenhof (Quinta das Palmeiras).²

O Pastor Aldinger foi o maior líder do primeiro quarto de século XX e um dos maiores destaques de Hammonia durante toda a sua história. Para homenageá-lo, seu nome foi dado a uma das praças de Ibirama, onde se encontra erigido seu busto. Esta praça foi reformulada e reinaugurada em 16 de maio de 2009.

No dia 1º de janeiro de 1902, iniciaram-se as aulas, em uma repartição do Rancho dos Imigrantes. Aquela sala-escola situava-se na parte da frente da construção, em direção à estrada. Infelizmente, a relação nominal dos primeiros alunos permanece desconhecida, porém, sabe-se que o número da primeira matrícula era de 15 alunos. O professor foi o Pastor Dr. Paul Aldinger que havia sido convidado pela população e pela Sociedade Colonizadora Hanseática para este ofício. As aulas foram ministradas nesse local até 1904, quando foi inaugurada a primeira Igreja Evangélica Luterana. A igreja também serviu de escola. “Na colonização alemã também houve uma íntima conexão entre igreja e escola. A vida em comum destes núcleos populacionais, a partir de uma base comum de produção, girava fundamentalmente em torno da igreja e da escola”.ⁱⁱⁱ

No interior do prédio, as paredes estavam repletas de mapas e os bancos serviam tanto para os cultos quanto para as aulas. O harmônio,

² Tradução de Valberto Dirksen. Também pode ser entendido como “Horto das Palmeiras”.

instrumento musical doado por Ferdinand Missler, ocupou um lugar de destaque e também era usado por ambas as instituições.³ Nas escolas alemãs, o ensino da música era intenso. Em média, cada aluno deveria saber cantar 30 cantos religiosos e 30 profanos.

Sobre a primeira escola de Hammonia, há poucos registros. Notícias esparsas são encontradas em jornais e artigos da época. Existem várias fotografias. No jornal *Der Hansabote*, de 28 de março de 1908, são encontradas informações referentes ao ano letivo de 1906. Eis alguns fatos: a partir daquele ano, foram ministradas aulas para quatro classes, em uma única sala de aula. O número de alunos matriculados era de 32 e o número de dias letivos alcançou a cifra de 256. O percentual de faltas dos alunos foi de 19,6%⁴ e a diretoria da escola esteve a cargo de Hager, Fredel e Engelhardt.⁵

Além das quatro classes do ensino fundamental, com todos os alunos estudando em uma sala única, havia, ainda, os alunos maiores que por motivos diversos, como a interrupção dos estudos por causa da viagem da Alemanha até o Brasil e outros, também, frequentavam as aulas juntamente com os alunos de matrícula regular. Destes alunos, muitos conseguiram repor os conteúdos programáticos em pouco tempo. “A escola não lidava somente com turmas regulares, anualmente matriculadas e educadas conforme um plano metódico de ensino, mas tinha que tomar

³ Estas e outras informações podem ser encontradas no jornal *Der Hansabote*, de 10/12/1904, n. 3, p. 4.

⁴ A alta taxa de faltas de alunos é entendida por vários motivos: longas distâncias, perigos sempre em evidência como a presença de animais selvagens e um eventual ataque dos índios, doenças, etc.

⁵ Como na época era comum citar as pessoas pelo sobrenome, há, hoje, dificuldade de identificação. Há indícios que levam aos seguintes nomes: Hager poderia ter sido Carl Hager que veio a Hammonia em 1902; o segundo, supõe-se que tenha sido Wilhelm Fredel que também foi um dos fundadores da Comunidade Evangélica e Carl Engelhardt que veio no final de 1899 com a primeira leva de imigrantes e que sempre prestou relevantes serviços à comunidade de forma geral.

em consideração alunos que terminavam o curso em um ou dois anos, ou que tinham que recapitular tudo no Brasil depois de extensa pausa devido à partida da Europa e, além disto, aprender coisas sobre este país que não se ensinam na Europa”.^{iv} Este procedimento pedagógico permitiu que alunos das mais diversas idades estudassem nas escolas de Hammonia.⁶

A preocupação dos primeiros habitantes com a educação e a instrução foi descrita por Victor Schleiff.⁷ “Seja onde for que o colono alemão se estabeleça na floresta brasileira para construir sua existência, sua primeira preocupação é a construção de uma escola para seus filhos. Muito antes que ele esteja em condições favoráveis ou mesmo tenha certeza que este lugar lhe trará o que tanto espera, ele inicia com energia a construção de uma escola”.^v

A escola era uma necessidade não só para o aprendizado das primeiras letras, mas também era considerada como um meio de socialização e de formação do educando, além de manter nas comunidades o uso cotidiano da língua alemã. “A escola era considerada como o espaço onde a criança saía do seu pequeno ambiente familiar para se relacionar com outras pessoas e se integrar numa sociedade maior. A escola era vista como uma entidade que possibilitava a abertura de novos horizontes”.^{vi}

Além de lecionar na Escola de Hammonia, Aldinger fundou uma outra instituição de ensino no seu Palmenhof, para preparar professores que atuariam nas escolas do interior da colônia e atualizar agricultores para a dura lida de plantar e colher, em um espaço geográfico complexo. “Dr. Aldinger é um teólogo alemão e ex-professor da “Colonial

⁶ Práticas pedagógicas e currículo avançado instituídos, no final do século XX, na instrução pública em Santa Catarina, já, foram praticados no início da colonização de Hammonia pelas escolas particulares alemãs.

⁷ Poeta e escritor. Residiu durante algum tempo em Neu Breslau, hoje, Presidente Getúlio.

Schule zu Witzenhausen”, destinada à formação em grande escala de jovens na sua profissão. Por ocasião da minha permanência, ela foi muito bem frequentada”.^{vii}

Esta escola era uma escola particular do Dr. Aldinger, pois nunca constou em relatórios ou documentos da Sociedade Colonizadora Hanseática. Wirth, também, fez alusão a esse educandário: “Aldinger se propunha a fundar uma escola na selva (Urwaldschule), para receber os recém egressos da Escola Colonial de Witzenhausen e prepará-los para um trabalho bem sucedido no subtropical”.^{viii} De acordo com o mesmo autor, a escola deveria, também, formar os filhos de colonos teuto-brasileiros para se tornarem professores nas futuras escolas particulares alemãs na colônia. “Instalado no Palmenhof, Aldinger dirigiu uma escola para formação de professores e de formação agrícola (Landwirtseminar), que ele queria transformar num centro de experimentação (Versuchanstalt)”.^{ix} O sonho de transformá-lo em centro de experimentação jamais se concretizou. O consulado alemão não deu respaldo ao projeto, pois alegou que já existia uma unidade em Indaial e que não havia necessidade de outra em Hammonia. A estação de “Hammonia seria, então, uma espécie de “campus avançado” para todos os que passassem por esta formação”.^x

Oportuno é o seguinte questionamento. Que formação tinham os professores das escolas particulares alemãs? Em situações especiais, tinham formação em nível superior, como era o caso do Dr. Paul Aldinger. Normalmente, eram pessoas da própria comunidade que tinham um estudo mais avançado. Isto ocorria, principalmente, nos primeiros tempos da colonização. Mais tarde, o professor era escolhido pela comunidade. Às vezes, eram pessoas que tinham dificuldade em trabalhar na agricultura, pessoas doentes ou com alguma deficiência física. De forma geral, tinham boa formação. Os próprios pais, por terem tido o dever de pagar pela formação de seus filhos, exigiam competência pedagógica e rigor na educação.

Os professores tinham direito à moradia gratuita. A mulher e os filhos podiam trabalhar na roça e na criação de animais, pois o salário recebido, nem sempre, era suficiente para o sustento da casa. Muitas vezes, a mensalidade escolar era feita com mercadorias de primeira necessidade, produtos da própria colônia. Quando os membros da comunidade já tinham alguma estrutura, era possível contratar um professor com maior habilitação, se fosse necessário.

Para manter a escola e honrar os compromissos financeiros, inclusive o pagamento do professor, como já foi citado, os sócios pagavam uma mensalidade. Os valores eram diferenciados, de acordo com o número de filhos matriculados. Em algumas escolas, a família que tinha quatro filhos, pagava por três.

Além de pagar a mensalidade, o membro da Associação Escolar tinha a obrigação de trabalhar na escola durante três dias por ano. Não tendo serviço suficiente no educandário, trabalhava na construção e manutenção de estradas e pontes da colônia, sob a coordenação da Sociedade Colonizadora Hanseática. Neste caso, o salário dos dias trabalhados era repassado para a Associação Escolar. “Em Sellin, o trabalho da picada Guaricanas rendeu à Caixa Escolar mais de 120\$, e com isto puderam pagar a dívida da construção. Em Rafael, os membros da associação contribuíram com 14 dias de trabalho”.^{xi}

Em um relato de um colono, no jornal *Der Hansabote*, em 1905, encontra-se um enunciado que bem contempla o espírito da época: “Como é bonito que os colonos estejam unidos no propósito de construir uma escola para os seus filhos”!

Para manter informados os 858 habitantes de Hammonia, com o intuito didático e informativo em relação à pecuária, política, história, educação e cultura geral, em 1904, a Colônia já possuía várias bibliotecas. Estavam à disposição do público a biblioteca do “Palmenhof”

e a biblioteca da Escola Particular Alemã da sede que mantinha extensões nas escolas do interior. A mensalidade cobrada era de 50 réis por sócio. O atendimento ocorria de 14 em 14 dias, aos domingos, quando havia culto evangélico. Livros técnicos não podiam ser emprestados; nestes casos, as leituras e as pesquisas aconteciam no próprio local. A coordenação das bibliotecas era realizada pelos professores das escolas. “A fim de que não falte entretenimento cultural para as horas de folga, existe no “Stadtplatz” (centro da cidade) uma biblioteca grande. A criação desta é mérito do Dr. Aldinger, que conseguiu a doação de livros da Alemanha”.^{xii} Também é do mesmo autor o seguinte registro: “A biblioteca foi criada para não deixar o espírito do erro dialogar com os colonos”.^{xiii} Richard Hinsch, Diretor da Estação Agropecuária de Salto Weissbach, em visita a Hammonia em 1903, também escreveu sobre a biblioteca: “Dr. Aldinger também fundou uma biblioteca para suprir a falta de cultura, à qual os habitantes estavam expostos. Ouvi dizer que esta biblioteca é muito procurada aos domingos”.^{xiv}

Na Escola Alemã de Hammonia, além dos conteúdos programáticos regulares, também foi ministrado o ensino religioso. Consistia em decorar, reter na memória textos bíblicos, hinos e orações. Contudo, havia contestações: “A respeito de decorar existe uma marcante sentença: que a religião deve ser, por assim dizer, mais aspirada e sentida do que ensinada e aprendida, é uma exigência muito bonita, mas que conduz ao empobrecimento espiritual. Um conhecimento firme da história bíblica, de palavras bíblicas e de hinos é um tesouro precioso para toda a vida. Assim o ensino estava perfeitamente coordenado, e pais e alunos estavam satisfeitos”.^{xv}

Embora as escolas de Hammonia ministrassem suas aulas em Língua Alemã, no dia 11 de abril de 1905, registrou-se o início do primeiro curso de Língua Portuguesa para adultos. O alemão era língua materna em Hammonia. As aulas do Curso de Língua Portuguesa foram ministradas

pelo Professor Méier. O mestre era colono e dominava bem o português. As aulas aconteciam às terças-feiras e às sextas-feiras à noite e aos domingos à tarde. Assim, a língua portuguesa era ensinada como língua estrangeira. Era considerada uma segunda língua, cuja utilidade não se podia ignorar. Esta foi uma experiência muito limitada no Brasil.⁸

Em função das dificuldades em ministrar a Língua Portuguesa nas escolas alemãs de Hammonia, Albano Radünz⁹ confirmou o precário ensino do vernáculo. “Português, a gente tinha só no 4º ano. Eu repeti o 4º ano porque não tinha estudo mais avançado. Então o Professor Weckwerth¹⁰ deu mais aulas de português para nós. “Nas aulas de português, o professor só falava pelo livro”.^{xvi} Indagado se o português aprendido na Escola Alemã foi suficiente para uma boa comunicação em vernáculo fora da escola, ele foi categórico. “Se consegui me virar bem no exército, foi porque eu trabalhei durante dois anos no comércio em Nova Breslau e tinha que atender a todos e fazer de tudo. Quando vinham os italianos¹¹, eu tinha que falar em brasileiro. Eles falavam em italiano entre eles e, com nós alemães, falavam em brasileiro. Eu aprendi a falar o brasileiro com os italianos.”

A aprendizagem da Língua Portuguesa pelos colonos e seus filhos era importante devido à prática do comércio dos produtos da colônia, que exigia maior conhecimento do vernáculo.

No almanaque “Unsere Väter” (Nossos Pais), publicado sob

⁸ Importante pesquisa sobre a questão encontra-se em A Inserção da Língua Portuguesa na Colônia Hammonia, de Harry Wiese, editora Edigrave, Ibirama/SC.

⁹ Albano Radünz foi entrevistado pelo autor deste artigo, em 17 de janeiro de 2001. Radünz adquiriu sua formação escolar na Escola Particular Alemã Rafael Alto, entre os anos de 1928 a 1933.

¹⁰ Trata-se de Christoph Weckwerth, professor na localidade de Rafael Alto. Em junho de 1933, o professor foi homenageado pelos seus 30 anos dedicados ao magistério em muitas escolas teuto-brasileiras.

¹¹ Os colonos de origem italiana moravam em localidades mais distantes do centro de Nova Breslau, como: Ribeirão Ferro, Ribeirão Tucano e Ribeirão Canela.

os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná, pelo Pastor Max-Heinrich Flos, em texto bilíngue (português e alemão), encontra-se um artigo intitulado “Esforços para Aprender o Vernáculo”, nas zonas de colonização germânica. O texto se refere a Hammonia: “De tempo em tempo se lê que alguns exagerados luso-brasileiros iniciam uma grita pelos jornais contra as escolas alemãs nas colônias. Estes ignorantes reclamam ao invés de pensar e agradecer. Eles não sabem quão heroicamente estas escolas batalham por dar às crianças uma instrução conveniente sem auxílio ou atenção do Governo Estadual. Também neste ponto escolas e professores tinham que confiar em si mesmos. E eles o faziam cada vez mais. Logicamente, nos primeiros tempos foi difícil e penoso organizar convenientemente o ensino do Português”.^{xvii}

Outro fato relevante foi que logo nos primeiros tempos de colonização, foram criadas escolas de aperfeiçoamento. As aulas iniciaram no dia 1º de abril de 1907. Essas escolas, além do ensino da Língua Portuguesa, ministravam uma série de outras disciplinas, como: Matemática, Redação, Contabilidade, Geometria, Entendimentos de Cultura e Atualidades. A docência do curso coube aos professores Dr. Paul Aldinger e Arthur Müller. Arthur Müller, antes de se estabelecer em Hammonia, era combatente da Legião Estrangeira da França. Combateu na África.

O referido curso noturno foi uma experiência copiada da Alemanha, as *Forbildungschulen* (Escolas de Aperfeiçoamento). Eram adaptadas às condições e aos interesses dos alunos das comunidades rurais. Geralmente, estes cursos estavam ligados a um ou dois professores com maior formação pedagógica, vindos da antiga pátria.

As escolas de aperfeiçoamento eram de decisiva importância e de relevante valor para a formação dos que dela participavam. Para vencer na vida em um ambiente inóspito, era preciso dominar o máximo de conhecimento, inclusive o linguístico.

Diante das circunstâncias, no início da colonização, é possível afirmar que a educação estava bem encaminhada em Hammonia. Contudo, também, havia problemas. Em uma carta de um casal de imigrantes, assinado Kretche e Karl, publicada no jornal *Der Hansabote*, n. 7, de 8 de abril de 1905, percebe-se a descrição de dificuldades: “Temos aqui em Hammonia uma excelente escola, dirigida por homens competentes. Infelizmente é pouco frequentada. Eu também não envio meus filhos à escola, devido o longo caminho. No entanto, eu lhes administro aulas, e tenham certeza, estão tão adiantados como os que frequentam a escola. Dentro em breve esperamos mudar-nos para as imediações da escola, então meus filhos irão frequentá-la”. Por outro lado, também havia elogios. Já em 1903, Richard Hinsch, residente em Blumenau, escreveu sobre as escolas da nova colônia: “As condições das escolas são bem melhores do que na maioria dos distritos de Blumenau”.^{xviii}

O ano de 1905 encerrou-se com uma mudança na educação de Hammonia. No dia 31 de dezembro, foi eleito democraticamente Arthur Müller para ser o professor da escola de Hammonia, vaga deixada pelo Pastor Dr. Paul Aldinger, que necessitava de mais tempo para a dedicação aos trabalhos eclesiásticos e à Inspetoria Escolar.¹² Arthur Müller tornou-se o segundo professor da Escola Alemã de Hammonia.

As escolas, desde cedo, estavam subordinadas à Inspetoria Escolar. Esta subordinação era um dos muitos indícios de organização e competência dos primeiros imigrantes. Embora o Dr. Aldinger se afastasse da sala de aula temporariamente, ele voltava à docência com regularidade, pois a matrícula em certos momentos era alta e se necessitava de dois professores.

As aulas na igreja/escola foram ministradas até 1915, quando

¹² Inspetor Escolar era o cargo maior da Associação Escolar.

foi construído o novo prédio escolar, que hoje ainda existe e que abriga a Biblioteca Municipal e o Arquivo Histórico de Ibirama. Durante o passar do tempo, foi quartel do exército, Delegacia de Polícia, Prefeitura Municipal, Fórum de Justiça e Câmara de Vereadores.

3 O NOVO PRÉDIO ESCOLAR DE HAMMONIA

Por volta de 1915, iniciou-se a construção da Escola Alemã de Hammonia. Nesta época, Paul Krause era o Presidente da Comunidade Escolar. De acordo com o livro de atas da Associação, no dia 17 de janeiro de 1915, foi eleita a diretoria que daria início à construção do prédio. A diretoria ficou assim constituída: Presidente – Paul Krause; Tesoureiro – H. B. Schmid e Secretário – Emil Dietrichkeit.

A Comissão de Obras foi escolhida em 18 de abril do mesmo ano e era composta por Francisco Hoeltgebaum, Max Zierhold e Christian Bleich. Na mesma assembleia, foi tomada a decisão final sobre a construção.

Fica unanimemente resolvido que o edifício será construído ao lado do fundo do sítio com o fim que a posição da escola fique bastante tranquila. A planta apresentada, edifício com uma torre no centro, fica aceitado. O edifício há de ser construído com as seguintes dimensões: altura do fundamento: com 30 cm sobre o nível da rua geral. Distância do soalho até o princípio da janela 1,1 m. Altura dos quartos: com 4,50 m de largura, nem menos, altura do sobrado 1,20 m, comprimento dos quartos 9 m e 7,60 m de largura. Corredor 2,50 m de largura. Escada 1,25 m de largura. 3 janelas na frente para cada quarto e com 2 janelas nos lados da parede.^{xix}

Cada sócio tinha a obrigação de colaborar com a quantia de Rs 50\$000 (50 mil réis). Para os sócios que trabalhavam na construção, o sistema era o seguinte: um terço do trabalho era pago em dinheiro e dois terços eram creditados por conta da contribuição. Nem todos os pais de

alunos eram sócios. A eles, coube o pagamento em dobro das mensalidades dos filhos.

A ata da reunião que instituiu o início da construção da escola foi assinada por Paul Krause, H. B. Schmid, Emil Dietrichkeit, Ferdinand Jacobsen, Christian Kestner, Ferdinand Krämer e Anton Wiggenhauser.

Na assembléia de 18 de abril de 1915, a Comunidade Escolar decidiu vender parte do terreno da escola a Hermann Koepsel por Rs 500\$000. Este terreno tinha as dimensões de 50 metros de fundo e 40 metros de frente.

O projeto original da Escola Alemã sofreu mudanças durante a construção. Em 27 de junho de 1916, foram aprovadas modificações, porque o anterior foi considerado inconveniente. Foi, então, combinado construir um sobrado conforme a planta do arquiteto Paul Gründling¹³, com algumas modificações. A reunião da Comunidade Escolar aconteceu no Hotel Zierhold.

Mesmo assim, a construção do prédio foi paralisada até que o capital necessário fosse conseguido. Na época, os recursos eram poucos e as dificuldades muitas, pois a Primeira Guerra Mundial estava no auge.

Na assembleia realizada em 6 de novembro de 1916, Peter Schelle foi nomeado técnico para construir a obra e em 9 de novembro de 1919, foi aprovado o balancete da construção da escola.¹⁴

Em 1920, a diretoria da Escola Alemã desejou vender o prédio ao governo do Estado por Rs 20:000\$000. Na época, Orestes Guimarães

¹³ Paul Gründling era um arquiteto de renome. Além de outras obras, escreveu: *Der Praktische Mauermeister* e *Der Zimmermeister*.

¹⁴ No Livro de Atas da Comunidade Escolar de Hammonia, não houve registros de 06.11.1916 a 09.11.1919, exatamente o tempo da construção do prédio. Conclui-se que durante a Primeira Guerra Mundial existiam dificuldades até para realizarem reuniões oficiais. Em consequência, há a falta de dados exatos sobre o início da existência da Escola Alemã, um dos mais antigos e bonitos monumentos históricos de Ibirama.

era o Inspetor Federal das Escolas do Distrito de Hammonia. Após intensa negociação, o governo desistiu da compra.

Em fevereiro de 1926, o Dr. Paul Aldinger comunicou à Comunidade Escolar que desejava afastar-se do cargo de professor durante o ano, pois pretendia voltar à Alemanha. O desligamento oficial ocorreu em 6 de janeiro de 1927. Na ata consta: “O professor Dr. Aldinger desiste da cátedra. O presidente agradece-lhe por seus bons e fiéis serviços; os presentes levantam-se em sinal de honra e de graças. Dr. Aldinger lembra que a escola existe agora 25 anos e querendo voltar para a Alemanha, deseja que nesta casa de escola tão boa e própria o serviço pedagógico produza sempre bons efeitos.”

Na ata da assembléia de 9 de fevereiro de 1930, consta que a Comunidade Escolar vendeu à Empresa Força e Luz Santa Catarina, de Blumenau, uma parte das terras pertencentes à escola. Ali, hoje, ainda, está instalada a CELESC de Ibirama.

No ano de 1936, houve uma tentativa de unir a Escola Alemã de Hammonia e a de Nova Berlim (hoje Bela Vista). Na assembleia que aconteceu em 4 de janeiro, ocorreram mudanças significativas, porque a Campanha de Nacionalização de Ensino, através de legislação específica, começou a preocupar as escolas alemãs. Foi, então, eleita uma nova diretoria, assim constituída: Presidente – Bruno Meckien, Tesoureiro – João Aurich e Secretário – Oswaldo Kühlewein. Bruno Meckien, em um longo discurso, falou sobre a nova organização da escola. Ficou resolvido aumentar e engrandecer a escola de Hammonia. Foi contratado um professor seminarista preparado na Alemanha ¹⁵ e o professor Hans Spieweck, que era professor na Escola Alemã de Nova Berlim.

Estavam presentes os seguintes membros da Escola Alemã

¹⁵ O nome do professor foi omitido na ata.

de Nova Berlim, chamados de deputados: Ricardo Marmein, João van den Byllardt, Miguel Treitinger, Frederico Blohm, Hermann Schlup e o professor Hans Spieweck. Da Comunidade Escolar de Hammonia estavam presentes: Hermann Koepsel, Alfredo Becker, Marcos Ganal, Júlio Weise, Henrique Krüger, Carlos Siegler, Ing. Wild, Emílio Bahr, Paulo Siegle, Luiz Pabst, Guilherme Pott, Willy Egerland, Emílio Dietrichkeit, Otto Herweg, Frederico Paupitz, Germano Wegner, João Aurich, Theilacker, Oswaldo Fuchs, Carlos Kriegbaum e Jorge Lucas.

Na assembleia decidiu-se unir as duas escolas, com a promessa de construir um novo prédio escolar aproximadamente no meio das duas instituições de ensino. Ainda combinou-se abrir uma sétima classe, que significa que existiam seis classes até aquela data.

Dos professores que atuaram na Escola Alemã de Hammonia, foi possível encontrar o nome dos seguintes profissionais: Dr. Paul Aldinger, Professor Méier, Arthur Müller, Frau Hältgebaum, Curt Richter, Adolf Fuhrmann, Walter Stegemann, Wilhelm Pott, Georg Basedow, Arthur Schmidt, Schwabenland, E. Grubenstein, Elisabeth Pucker, Oswald Kühlwein, Hulda Külwein, Professor Seminarista, Hans Spieweck e Heitor Bittencourt ¹⁶. Dos professores citados, Dr. Paul Aldinger e Arthur Müller foram os que mais atuaram no educandário.

Neste prédio, foram ministradas as aulas até 1937, quando a escola foi nacionalizada em função da Campanha Nacionalizadora de Ensino, instituída pelo Presidente da República, Getúlio Dorneles Vargas. Os alunos foram, então, a partir de 1938, matriculados no Grupo Escolar Eliseu Guilherme. Algumas turmas continuaram a ter suas aulas no velho prédio, quando o novo Grupo Escolar não comportava o grande número de alunos.

¹⁶ Heitor Bittencourt era luso-brasileiro e foi contratado para lecionar a disciplina Língua Portuguesa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prédio hoje ainda existe e abriga a Biblioteca Municipal e o Arquivo Histórico de Ibirama. Há pouco tempo, funcionava, ali, também a Câmara Municipal de Vereadores, A Prefeitura Municipal e o Fórum da Comarca de Ibirama. Em 22 de novembro de 1946, o Prefeito Municipal Rodolpho Koffke intercedeu junto ao comandante do 32º BC, de Blumenau, com o objetivo de fazer retornar ao poder da Comunidade Evangélica o prédio da antiga Escola Alemã, visto que o mesmo havia sido desapropriado para a instalação do Quartel Federal, nos anos de 1939 e 1940. O Prefeito Municipal não obteve sucesso.

Mais tarde, o prédio foi devolvido para a Prefeitura Municipal de Ibirama, não à Sociedade Escolar, a verdadeira proprietária.

NOTAS DE FIM

- i KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial e Imigração Alemã*. Florianópolis/ Porto Alegre: UFSC - UFRGS, 1991, p. 58.
- ii PIMPÃO, apud WIESE, 2000, p. 80.
- iii KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial e imigração alemã*. Florianópolis/Porto Alegre: UFSC - UFRGS, 1991, p. 58.
- iv FLOS, Max-Heinrich. *Unsere Väter*. São Leopoldo: Rotermund e Cia., 1961, p. 193.
- v BLAUL, Heinrich. In: WIESE, Harry. *De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma história de sucesso*. Rio do Sul: Nova Era, 2000, 1ª edição, p. 79.
- vi DIRKSEN, Valberto. *Dona Emma: histórico do município*. Florianópolis, 1996, p. 89.
- vii LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 51.
- viii KLUG, João. *O pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa-Hamônia*. In: FERREIRA, Cristina & FROTHER, Meri. (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 94.
- ix KLUG, João. *O pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa-Hamônia*. In: FERREIRA, Cristi-

- na & FROTHER, Meri. (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 101.
- x KLUG, João. *O pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa-Hamônia*. In: FERREIRA, Cristina & FROTHER, Meri. (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 101.
- xi ALDINGER, Paul. *Liga Escolar Hansa*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, n. 8, agosto, 2000, p.13. O texto foi originariamente publicado no jornal *Der Hansabote*, de 28 de março de 1908 e fazia referências sobre o ano de 1907. A tradução do texto para o português foi de Brigitte Kretzchmar.
- xii LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 51.
- xiii LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997, p. 89.
- xiv HINSCH, Richard. *A Colônia Hansa*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, n. 3, março, 1999, p. 15.
- xv FLOS, Max-Heinrich. *Unsere Väter*. São Leopoldo: Rotermund e Cia, 1961, p. 193.
- xvi WIESE, Harry. *A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia*. Ibirama: EDI-GRAVE, 2003, p. 117.
- xvii FLOS, Max-Heinrich. *Unsere Väter*. São Leopoldo: Rotermund e Cia, 1961, p. 193.
- xviii HINSCH, Richard. *A Colônia Hansa*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, nº 3, março, 1999, p. 15.
- xix Livro de Atas da Comunidade Escolar de Hammonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDINGER, Paul. *Liga Escolar Hansa*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, n. 8, agosto, 2000, p.13.

BLAUL, Heinrich. In: WIESE, Harry. *De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma história de sucesso*. Rio do Sul: Nova Era, 2000.

Jornal DER HANSABOTE, 1904-1914.

DIRKSEN, Valberto. *Dona Emma: histórico do município*. Florianópolis, 1996.

FLOS, Max-Heinrich. *Unsere Väter*. São Leopoldo: Rotermund e Cia., 1961.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial e imigração alemã*. Florianópolis/Porto Alegre: UFSC-UFRGS, 1991.

Livro de Atas da Comunidade Escolar de Hammonia.

LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e impressões no sul do Brasil*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1997.

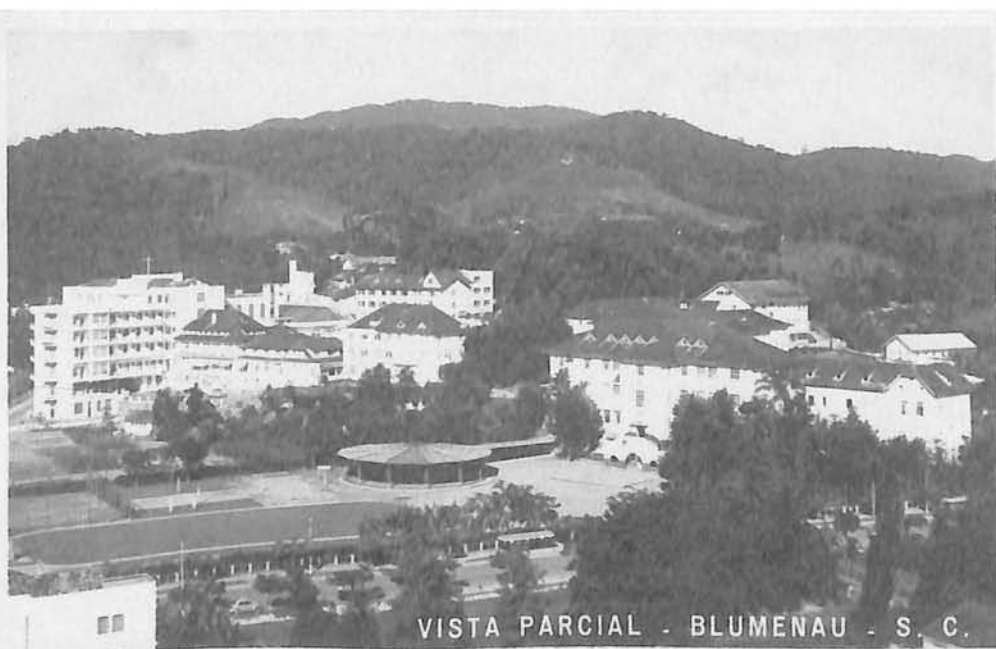
KLUG, João. *O pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa-Hamônia*. In: FERREIRA, Cristina & FROTHER, Meri. (Org.) *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000.

HINSCH, Richard. *A Colônia Hansa*. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau, n. 3, março, 1999.

WIESE, Harry. *Terra da fartura: história da colonização de Ibirama*. Ibirama: Edigrave, 2007.

WIESE, Harry. *A inserção da língua portuguesa na Colônia Hammonia*. Ibirama: EDIGRAVE, 2003, p. 117.

Colégio Normal
SAGRADA FAMÍLIA



COLÉGIO NORMAL SAGRADA FAMÍLIA: O COLÉGIO DAS FREIRAS

Ellen Crista da Silva*

1966: UM NOVO ANO LETIVO

E lá fui de novo, a caminho da escola, naquele primeiro dia de aula. Ia começar meu segundo ano primário! Caminhava pelas calçadas, no trajeto da Loja das Linhas, onde eu morava, até ao portão de ferro, enorme, da entrada do colégio. Neste trajeto eu passava apenas pelo depósito da Samrig, ao lado da Loja. Ali, alguns caminhões já manobravam a fim de carregar ou descarregar, pois começavam a trabalhar bem cedo. E na passagem pelos dois portões do depósito eu tinha que cuidar e olhar para ver se não vinha nenhum veículo. Neste trajeto para o colégio era comum encontrar mais algumas alunas que iam a pé para o Colégio. Aliás, eram poucas as meninas cujos pais as levavam de carro. Normalmente se ia de ônibus escolar para a escola. E lá no portão de entrada, no grande portão de ferro, a freira-do-pátio, ou freira-do-apito, como também era chamada pelas meninas, aguardava e recebia as alunas, observando sempre se estavam devidamente uniformizadas. Além disso, ela ficava atenta às mais velhas, se acaso não estavam namorando no portão do colégio, pois isto era proibido e passível de advertência. Ao horário previsto, a freira-do-pátio fazia soar o seu apito e trancava o portão; daí em diante ninguém mais podia entrar, a não ser pela portaria. Nestes casos, a aluna era encaminhada à Secretaria e recebia uma notificação pelo atraso. Só depois era conduzida à sala de aula.

Mas lá embaixo no pátio, ao formarmos fila sobre aquele cimentado enorme diante das escadarias, nos demos conta de que muitas

* Colaborada da revista Blumenau em Cadernos

das meninas do ano anterior continuavam na mesma turma! A maioria estava na mesma sala! E isso era legal, embora houvesse rumores de que uma ou outra era mais antipática e que melhor se pudesse estar em outra sala... coisas de meninas! Depois do cerimonial de recepção, hasteamento das bandeiras, da formação em fila e de termos tomado distâncias (ou seja, termos estendido o braço direito sobre o ombro direito da colega da frente, marcando assim a distância que deveria haver entre cada uma), subimos novamente pelas enormes escadarias de cimento e depois pela escadaria de cerâmica vermelha, até chegarmos na sala. O segundo ano ficava na sala ao lado da sala do primeiro ano do 'ano passado'. Acomodadas em sala, agora a curiosidade girava em torno de quem seria nossa nova professora e os ti-ti-ti foram inevitáveis. Algumas das meninas conheciam o colegiado e tentavam adivinhar quem seria a nova professora. E neste segundo ano tivemos a Irmã Natália e mais uma professora ajudante (da qual também não lembro o nome) como nossas mestras.

NOVAS LETRAS E 'BORRÕES'

Algumas colegas eram novas, pois não tinham estudado no Colégio no ano anterior e estavam então fazendo parte deste novo ano e foram apresentadas por Irmã Natália. Irmã Natália era mais alta que a Irmã Arlete do 1º. Ano! Era magrinha e muito simpática, pois logo conquistou a turma. Aos poucos fomos lembrando as letras que aprendemos no ano anterior e fomos introduzidas em lições mais complexas. Havia um novo livro de leitura, o que fascinou a muitos! Queríamos chegar em casa e ler tudo o que contavam aquelas histórias cheias de figuras! Mas ainda não conseguíamos ler... apenas alguma coisa. Era preciso estudar mais um pouco sobre as letras.

Enquanto que no primeiro ano aprendemos as letras em letra de forma nas suas formas maiúscula e minúscula, no segundo ano, aos poucos fomos introduzidas no mundo da 'letra corrida', ou cursiva, ou manuscrita, como muitos gostam de falar. Para este aperfeiçoamento na escrita fizemos muitos exercícios de formas em desenho e cortes com tesoura, além de outras habilidades manuais que auxiliam nesta parte motora. Nossa! A cada letra e a cada palavra escrita em 'letra corrida' nos achávamos o máximo, pois estávamos, de certa forma, progredindo nos estudos e desenvolvendo habilidades. Quando então estávamos bem seguras na 'letra corrida', chegou o momento de aprendermos a usar a caneta tinteiro! Até ali tudo era sempre escrito e desenhado com lápis. Com o uso da caneta tinteiro finalmente descobrimos para que servia aquele 'buraco' na parte superior de nossas carteiras: era para encaixar o vidro de tinta que seria usado para recarregar as canetas. De novo nos sentimos mais 'maduras', pois um novo passo havíamos dado em nossas vidas: usar a caneta tinteiro! Aquela que nossos pais usavam para assinar documentos e nossas mães usavam para escrever cartas para as tias! Nada no mundo era mais maravilhoso, mais fantástico! Até descobrimos que se não cuidássemos, ou se a pena estivesse rompida, ou se apertássemos com um pouco de força na hora de escrever, nosso trabalho ficaria literalmente 'borrado'. E aí entrava em uso o mata-borrão. Ainda bem que uma alma caridosa tinha inventado o mata-borrão!!! Eu o tinha em folhas de papel, mas meu avô tinha um que era um meio círculo de madeira com um pegador e que permitia rolar a folha de mata-borrão sobre o borrão. Mas ainda assim, por vezes o borrão aí ficava, apenas mais desbotado: era quando aplicávamos q-boua com um pequeno aplicador de ponta de vidro que era acessório em um vidrinho cheio do produto fedido, catinguento! Mas era próprio para isso e era comprado em papelarias.

NOVAS LEITURAS, NOVAS DESCOBERTAS

Saindo da cartilha, chegou a vez do livro de leitura! Fomos conhecendo histórias que os personagens nos apresentavam através de nossas aulas de leitura. Assim que a Irmã Natália anunciava a página e esta era então reconhecida devido o aprendizado dos números, abríamos o livro e começava a aula de leitura. Havia figuras que tentavam descrever alguma cena do texto. Por vezes, acontecia de alguma aluna se deter na figura e deixar a imaginação correr à solta. E quando então era chamada pra ler, estava completamente perdida no texto! Pronto, bastou um momento de devaneio para criar-se uma situação suficiente para Irmã Natália chamar a atenção e ralhar... e a aluna ficar constrangida. Às vezes, Irmã Natália chamava as alunas pela chamada, mas outras vezes escolhia aleatoriamente. Foi numa dessas que também levei uma bronca. Só que desta vez aconteceu o seguinte: a professora auxiliar estava passando de carteira em carteira executando uma tarefa. Acho que estava carimbando alguma figura nos cadernos das alunas. Distraí-me observando-a executando a tarefa e me perdi na leitura ao ser chamada. Irmã Natália ficou muito braba e ralhou comigo. O pior é que a leitura estava realmente difícil... quando ela me avisou de onde estávamos, tentei seguir o texto, mas não conseguia mais articular as letras. Senti-me muito constrangida! Hmmm... de alguma forma minha mãe ficou sabendo. Acho que a Irmã passou na loja e contou o fato pra minha mãe. No mesmo dia, mais tarde um pouco, chamou-me e perguntou o que aconteceu. Relatei minha distração e ela entendeu meu impulso infantil. Não brigou mais comigo, o que me consolou bastante!

Neste ano, meu irmão estava frequentando o segundo ano do Jardim-de-Infância do colégio. Ele também ia para a aula todas as manhãs. Eu me deliciava observando as crianças do turno da tarde brincando no

parque do Jardim! Que delícia que deveria ser brincar daquele jeito! Eu tinha ‘pulado’ o Jardim... tinha entrado direto para o primeiro ano. E com ele, e com o segundo ano a caminho, realizava as tarefas na parte da tarde em casa. Meu irmão ficava de olho enquanto eu fazia os deveres, o que acabou resultado no seu aprendizado precoce das letras! É que ele gostava muito de gibis, das revistas ‘O Pato Donald’ e ‘Tio Patinhas’. Mas não conseguia entender o que estava escrito. Como eu já conseguia ler e entender, comecei a ler para ele, e acabei por ensinar-lhe as primeiras letras. Bom pra ele, ruim para a professora do ano seguinte, do seu primeiro ano escolar, Dna. Ilma Maas, na Escola Barão do Rio Branco: como ele já conhecia as letras, foi complicado mantê-lo calmo em sala! Minha mãe foi chamada à escola diversas vezes pela professora, a fim de narrar as travessuras de meu irmão.

HORA DO RECREIO

A função da freira-do-pátio, ou freira-do-apito, era então de cuidar do portão de entrada, tanto na entrada quanto na saída das aulas, além de observar as alunas no pátio durante a hora do lanche, a pausa. Se necessário fosse, em caso de alguém desrespeitar as ordens referentes ao bom andamento da pausa, a freira-do-pátio acionava seu apito e tomava as providências cabíveis. Por exemplo, se alguém quisesse subir as escadarias em direção às salas de aula, o que não era permitido, e caso alguém outro visse e a avisasse, imediatamente o apito era tocado e chamada a atenção das alunas que cometeram a falta. Era falta e cabível de punição o fato de alguma estar brigando com outra, ou até se alguém se aventurasse a subir o matinho que ficava do lado direito do colégio e que levava ao jardim. Ah, subir este matinho também não era permitido! E ali havia muitos coqueiros que em época de frutificar nos davam coquinhos à revelia! Lembro de uma

época em que as meninas abusaram tanto de quererem se escapar por este matinho, que ficou proibido o simples ato de querer catar coquinho por ali. Foi frustrante!!! Anos mais tarde, foi instalada uma cerca por trás das muitas árvores e coqueiros, pois chegando ao jardim era fácil fugir do Colégio. As mais velhas se aventuravam de vez em quando nestas fugas para se encontrarem com os namorados que aguardavam nas calçadas da rua Sete... ou simplesmente para matar a aula. Bom, quando a hora do recreio chegava ao fim, a freira-do-pátio acionava novamente seu apito, lembrando-nos de voltarmos às salas.

Durante o recreio, andávamos em volta do ‘campo’, ou seja, o enorme gramado do campo de futebol utilizado para vários outros jogos, cujo contorno era feito com um caminho de terra e areia. Neste caminho, em torno do campo, eram feitas corridas e o famoso ‘teste de Cooper’ durante as aulas de educação física. Ali as meninas caminhavam, durante o recreio, em duplas ou pequenos grupos, servindo-se do lanche que haviam trazido na lancheira e conversando. Havia quem preferia se sentar nos bancos em volta do ringue. Ou então correr e brincar de pega-pega dentro do ringue. As meninas do ginásio não se misturavam, ficavam sob a cobertura que abrigava algumas mesas de ping-pong e ali jogavam. Ou então sentavam nos bancos perto das quadras que ficavam em torno do campo. Elas não gostavam de ser importunadas por nós, pequenas do primário. E de nossa parte, também não gostávamos de nos meter com elas, pois já eram muito grandes, tinham voz forte e ‘sabiam o que queriam’. Nossa! Elas estudavam no andar superior do colégio, eram muito mais maduras que nós, pequenas do primário. No fundo, acho que eram apenas mais barulhentas, o que dava a impressão de serem mais fortes. E se alguém se metesse com elas, elas brigavam e ralhavam... assim, melhor ficar longe! Estes são eventos interessantes de lembrar, pois fazem parte do crescimento do ser humano.

TABUADAS E CONTAS

Além das novas formas de escrita, fomos sendo levadas a conhecer mais os números e o que tudo se pode fazer com estas formas diferentes de escrita. Começamos a contar, a somar, a diminuir... e veio a vez da tabuada! Céus! A Irmã Natália nos passou todas as tabuadas no quadro. Copiamo-las todas. Rezamos todas elas em sala de aula. No outro dia de novo: repetimos todas as tabuadas. E a Irmã Natália marcou um dia para uma prova oral da tabuada. Céus, de novo! Acordei apavorada, falei assustada e em prantos com meu pai (que era mais compreensivo que minha mãe nestas situações) e voltei pra cama. Não fui pra aula naquele dia. Dois dias depois, a Irmã passou na Loja e quis saber por que não fui no dia da tabuada. Minha mãe deu uma desculpa qualquer e ficou por isso mesmo. E nunca na vida decorei a tabuada por decorar. Levei anos para aprender, mas fi-lo apenas quando me achei capaz de entender aquela bagunça toda de números! Sei que as meninas comentaram o horror que foi aquele dia! E não me preocupei com a nota. Havia outras provas e o ano ainda tinha muito pra ser aprendido!

NEM TUDO ERAM FLORES!

Embora tivéssemos um uniforme prescrito para facilitar a vida de ambos, escola e casa, algumas coisas eram constrangedoras quanto ao seu uso. Uma delas era a escolha do sapato preto, sempre preto e nada diferente de preto! Podia ser de borracha, de plástico ou de couro. Menos de pano. De pano apenas o tênis, ou conga, e este, apenas em dia de educação física. Foi numa dessas que tive um sapato preto de plástico e que me deixava muito constrangida ao tirá-lo do pé devido ao forte odor que provocava quanto suava. Além de preto e de plástico, era chulezento! Mas nem tudo

são lágrimas e tristezas: veio o dia em que ganhei um sapato novo de verniz! Este era preto, de couro e de verniz! O que mais fascinava no verniz é que não precisava ser engraxado. Sim, porque além de usarmos sapato preto todos os dias, este tinha de estar impecavelmente engraxado. E esta era uma tarefa que cabia a cada criança, individualmente, em casa: primeiro passava-se um pano úmido para retirar a poeira e a sujeira. Depois passava-se graxa com uma escovinha ou um pincel. Deixava-se secar a graxa e então passava-se uma escova para abrir o brilho. Como arremate do brilho, lustrava-se com um pano macio ou um pedaço de feltro. Daí dá pra imaginar a felicidade desta pequena criatura ao receber seu primeiro sapato de verniz – que era brilhante e não precisava ser engraxado!

Porém o uniforme não previa um casaco, um abrigo padronizado. Este podia ser tricotado em linha ou lã, desde que fosse vermelho ou bordô. E eu tinha um de lã pura e que me pinicava no pescoço toda vez que o usava. Levou muito tempo para que eu descobrisse a lã artificial e que não pinicava no pescoço. Até lá passei por diversas situações incômodas ao usar meu casaco vermelho de lã pura, natural. Muitas de minhas colegas se queixavam do mesmo problema, até que uma alma bondosa produziu a lã artificial e minha mãe vendeu muitos, muitos novelos de lã para mães que não paravam de tricotar blusas e casacos para suas filhas!

Outra situação delicada nesta minha vida de primário aconteceu num ensaio de teatro, ao chorar diante da professora por não querer mais fazer meu papel. Já havíamos ensaiado algumas vezes, tanto em sala quanto no palco do Colégio. Mas naquele dia me assustei com a professora ao ser rigorosa com nossa apresentação e exigir mais disciplina no ensaio. Disse simplesmente que não queria mais apresentar e comecei a chorar. O pior é que meu papel era um dos principais, estávamos às vésperas da apresentação e não foi fácil para a professora conseguir outra aluna para me

substituir. Novamente, minha mãe ficou sabendo da situação, pois a Irmã passou na loja e me delatou novamente. Como eu nunca fui travessa, pelo contrário, sempre fui uma criança por demais tímida, não sofri maiores consequências. Conversamos em casa e tudo ficou esclarecido.

A mesma cena se repetiu na festa de São João, ocasião em que tínhamos ensaiado a quadrilha durante a semana para ser apresentada no final de semana, durante a festa. Lembro que eu tinha de ir enfeitada de menino. Não gostei muito da ideia, mas meu pai desenhou uns bigodes com carvão e fui com meu irmão para a festa. Levei um susto quando cheguei no portão do Colégio e vi aquela multidão no pátio. Assustei-me mais ainda quando vi todos fantasiados, vestidos à caráter e pintados. Aquilo tudo não cabia em meus sentidos infantis. Eu não conseguia captar o significado daquilo tudo. Tudo era muito novo pra mim, tudo era incompreensível. Havia muita gente, o que me deixou constrangida, e quando me posicionaram na quadrilha para começar a dançar, saí correndo e fui embora! Acho que nem fiquei até o final da festa. Estava envergonhada demais!

PASSEIOS NO MATINHO

Se havia uma coisa da qual eu e todas as meninas gostavam, era de passear no Matinho! O tal do Matinho era um refúgio que ficava nos fundos do Colégio e na encosta do morro. Havia um caminho, uma trilha de carro que fazia uma curva mais à frente de forma a permitir subir a encosta. E o caminho seguia por um bom pedaço entre um bosque tranquilo e cheiroso. Ao longo deste caminho, havia uma cruz com Jesus crucificado e no final do caminho havia uma gruta com Nossa Senhora. Ao redor de ambas figuras, sempre havia flores frescas. A gruta ficava entre pedras e

muita folhagem. Lembro que gostávamos muito de subir ao Matinho e caminhar por esta trilha. Algumas paravam diante das figuras e rezavam. Depois nos sentávamos nos bancos que ali havia, ou mesmo no chão, e ficávamos conversando e brincando. Quando tínhamos alguma tarefa, nos reuníamos nos grupos e fazíamos as tarefas: colher folhas, desenhar, bordar ou fazer qualquer outro trabalho manual.

Em geral o dia da criança era reservado para subirmos ao Matinho! Ou quando tínhamos sido comportadas em sala era reservada alguma hora do dia para ali fazermos um passeio. Lembro de que quando ficamos um pouco maiores pudemos nos aventurar um pouco mais e entrar pela reserva de Pinus. Dali avistamos o bairro Bom Retiro. Era quase inacreditável! Do outro lado do morro, estava o Bom Retiro!

Havia muitas árvores e muitas meninas encapetadas: teimavam em subir nas árvores e ficarem dependuradas, mesmo sem o consentimento da professora. Bom, eu sempre achava que elas estavam desobedecendo e sendo malcriadas. Estavam se arriscando por demais. Mas no fundo, era porque eu tinha medo de subir em árvores e ficar dependurada. Embora sentisse uma vontade louca de fazê-lo, nunca me arrisquei. Os passeios ao Matinho deixaram muito boas recordações! Vivemos momentos mágicos naquele pedaço de floresta do Colégio! Quantas brincadeiras, quantas confidências, quantos papos e segredos correram por aquelas árvores, por aqueles labirintos entre ramos e folhas... Quantos jogos, aprendizados e momentos foram testemunhados pelas formiguinhas e nossas santas figuras!

1967 - 30. ANO: QUEM É SEU NAMORADO?

E de uma hora pra outra me colocaram na parede: -quem é seu namorado? Como assim, quem é meu namorado? Ninguém!... Mas o

ti-ti-ti corria solto pela sala entre uma pausa e outra e não tive alternativa: embora não estivesse interessada em ninguém, tive de arranjar um namorado às pressas! E sobrou prum “primo”. Sobrou pra alguém que eu achava simpático e de quem eu poderia falar boas. Era uma pessoa correta e decente. Céus! Tínhamos apenas 9 anos! Estávamos vivendo a fase da pré-puberdade com os conflitos próprios desta época. Estávamos vivendo a fase do primeiro amor, da primeira paixão. E caí de paraquedas neste turbilhão de emoções. Mas depois que passei um nome de namorado as meninas não me incomodaram mais.

E como não pensar em namorados se a professora, que neste ano não era uma freira, mas uma pessoa comum, vivia fugindo da sala para encontrar seu namorado Humberto? Acho que este era o nome dele! Nossa professora era Ana Maria Machado, uma moça muito bonita, de cabelos escorridos e muito querida. Era muito atenciosa e ensinava muito bem. Gostávamos muito dela. E de vez em quando, durante as aulas, a prof. Ana Maria nos deixava fazendo tarefas e saía da sala. Algumas meninas, mais espertas e levadas, subiam nas cadeiras e ficavam espiando pelas janelas altas da sala, pois sabiam que ela ia encontrar seu namorado. -Você nunca percebeu como ela fica cuidando na janela pra ver se ele aparece? Disse-me uma vez uma das meninas. -Shhhhh! Não conte pra ninguém. Se a prof. Sabe que a gente descobriu, a gente vai pro gabinete da Irmã Diretora! E foi assim que passamos o ano fazendo trabalhos e tarefas enquanto a professora saía furtivamente ao encontro do namorado!

Seja como for, a Prof. Ana Maria cativou a todos pela sua jovialidade, paciência e espírito de amizade. Gostávamos das aulas dela e da maneira como nos tratava. Contava muitas histórias e era muito atenciosa com nossos problemas desta fase de pré-puberdade! Talvez o que mais levava em conta era o fato de ser ‘como nós’, ou seja, uma pessoa que morava com

sua família, com irmãos, pai e mãe e que tinha a hora de almoço em família, por exemplo.

OS REVESES DA MATEMÁTICA

E então descobrimos que a matemática mudou. Sem mais nem menos, de uma hora para outra fomos introduzidos na “matemática moderna”. Explicações a respeito? Tratava-se de uma matemática descomplicada, mais fácil de ser compreendida e apreendida. O método tradicional estava sendo substituído por um método novo, elaborado por matemáticos renomados no Brasil e no mundo. O “x” da questão era o “x”, literalmente, pois passamos a ter a incógnita “x” em nossos problemas! Isto para citar apenas uma das novidades desta nova matemática. Outra novidade era o próprio nome desta disciplina, pois até ali as aulas eram camadas de aulas de “aritmética”, e não de matemática. Caímos de paraquedas nesta nova maneira de raciocinar e entender o mundo dos números. Lembro de como enchíamos a resolução dos problemas de quadradinhos, os quais especificavam o “x”. E de como ajudávamos as colegas que não tinham entendido bem os procedimentos das soluções dos problemas. No início foi complicado e difícil para todas, mas aos poucos fomos vencendo mais este desafio.

UM PRÊMIO À VISTA

Num outro dia, um senhor muito bem vestido entrou na sala, com a permissão da professora, e anunciou um concurso de desenho. Ele era um representante da Livraria El Ateneo, a qual promovia concursos anualmente nas escolas brasileiras. O tema deveria estar relacionado com

a leitura. Fácil de compreender, por se tratar de uma livraria, que o tema sugerido tivesse a ver com o ato da leitura. Foi uma hora muito divertida para muitas, pois gostávamos destas tarefas mais lúdicas. E desenhar estava entre as preferências de muitas. Assim, não tive muita dificuldade em expressar meu sentimento com relação à leitura em forma de rabiscos e garatujas! Aliás, as professoras sempre gostavam de meus desenhos e era comum me convocarem a realizar algum especial. Ao final do concurso, dias mais tarde, voltou o senhor bem vestido à nossa sala, comunicando os vencedores. E qual não foi minha surpresa ao ouvir o meu nome entre os vencedores! E este foi meu primeiro prêmio na minha vida de escritora. Embora não fosse uma redação, tinha a ver com o fato de escrever-ler.

1968 - 40. ANO: O ÚLTIMO ANO DO PRIMÁRIO

DUAS IRMÃS COMO PROFESSORAS

Deste primário lembro de mais algumas colegas: Susana Ellen Beims, Ruth Lange, Katja Starke, Kátia Parker, Denise Pfau. Lembro também de que tínhamos duas irmãs como nossas professoras. Embora cumprissem com seu rigor a disciplina imposta pelo Colégio, elas eram muito simpáticas e alegres. Estavam sempre dispostas a nos ajudar e não se furtavam a explicar o que precisávamos saber. Diziam que era necessário que fossem duas pessoas a nos orientar para que estivéssemos bem preparadas para enfrentar o ginásio. Sim, o próximo ano, o 5o. ano, era de preparação para o Ginásio, era o pré-ginasial. Havia um exame que deveria ser feito, ao fim deste 5o ano e que se chamava Exame de Admissão. Quem alcançasse as notas poderia ingressar no Ginásio. Mas havia, para quem tivesse alcançado boas notas no 4o ano, a chance de “pular” este 5o ano e

ingressar imediatamente no Ginásio. Foi o que aconteceu comigo e mais dez colegas do 4o ano: “pulamos” o 5o. Ano e fomos introduzidas ao 1o. Ginásio em 1970!

E lá fui eu novamente... naquele dia de aula, após ter tomado o café que meu pai havia preparado, caminhando ao longo da calçada até cruzar o enorme portão de ferro que dava acesso ao pátio. Depois de um rápido contato com algumas colegas, passamos à formação em frente às escadarias do Colégio. Tomamos distância, ouvimos os avisos da Irmã Diretora e subimos, sempre em fila indiana, as escadarias que levavam ao enorme corredor das salas de aula. Um novo dia estava começando! Um novo dia deste último ano no Primário. Estávamos crescendo, estávamos madurecendo! Algumas meninas não conseguiram nos acompanhar, tiveram de repetir alguns anos. Mas vibrávamos quando ficávamos sabendo que o ano seguinte tinha sido vencido por elas! E as aulas de educação física com a Prof. Zonta continuavam no seu ritmo normal. As aulas de religião também continuavam em seu normal. Estas eram sempre ministradas por alguma freira.

INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS

A novidade, neste 4o. Ano, eram as aulas de ciências! Não que não tivéssemos estudado a respeito em anos anteriores, mas agora o termo “ciência” tinha conotação mais marcada. E foi assim que descobrimos os nomes das plantas, dos bichos e de algumas partes do corpo humano, como por exemplo, dos ossos. Foi quando tivemos a oportunidade de visitar a sala de ciências e conhecer um esqueleto. Para muitas foi chocante, deparar-se assim, de frente com um esqueleto, algo que faz parte, que estrutura o seu próprio corpo humano. A irmã, professora de ciências,

tinha muita paciência em expor os assuntos e respondia a todas as dúvidas que tínhamos. Ficávamos horas observando aquele esqueleto, tentando encontrar em si mesmas onde se localizavam tais ossos! Conta a história que um jardineiro do Colégio, ao se encontrar muito doente, doou seu esqueleto para as freiras. Este fora devidamente tratado e se encontrava guardado em uma caixa alta, um tipo de um armário de madeira e vidro. Era tão alta quanto a altura do corpo e os ossos estavam todos presos um ao outro por arame. O conjunto todo ficava suspenso dentro dentro do armário, preso apenas na parte superior deste e pela parte superior do crânio. Desta maneira era facilitado o manuseio do esqueleto, podendo ser virado de costas, por exemplo.

Mas nem tudo eram flores entre estas meninas e mulheres que compunham o último ano do Primário. Havia vezes em que discussões acaloradas tomavam conta do ambiente da sala, resultando em desconforto geral da turma. Isto ocorria toda vez que alguma de nós infringia as normas, fossem as estabelecidas pelo Colégio ou as estabelecidas em sala. Se fizéssemos gritaria em sala, depois do recreio, era certo que viria uma bronca. Se muitas não tivessem feito a lição de casa, com certeza viria outra bronca. Se estragássemos algum livro da biblioteca que ficava nos fundos da sala, ou outro objeto qualquer da sala, com certeza viria bronca. Se brigássemos com alguma colega, sob os olhares das irmãs, com certeza viria outra bronca. Mas não sem as devidas explicações e razões apontadas. Fazia parte da disciplina do Colégio.

MAIS UM CONCURSO

E se no 3o. Ano o concurso da Livraria El Ateneo foi um desenho, neste 4o. Ano voltaram os homens bemvestidos e nos pediram

uma redação! Na época, chamávamos de composição. Novamente o assunto teria de ser relacionado com a leitura e os estudos. Acho que a pergunta foi: -Porque você gosta de estudar? mas não tenho bem certeza. Certeza tenho de ter recebido outra vez um prêmio! E desta vez, os homens foram lá em casa, conversar comigo e com meus pais. Creio que, subjetivamente, queriam vender alguma coisa também. E uma das perguntas que me fizeram foi: -O que você pretende ser quando crescer?; ao que respondi: -Ser professora! Aliás, este era sempre o desejo da maioria das meninas do primário, visto esta ser uma fase muito forte em termos de imitação. E uma pequena solenidade era sempre realizada para a entrega dos prêmios.

EXPOSIÇÃO DE FINAL DE ANO

E foi-se mais um ano. Mas não um ano comum, como os outros haviam sido, pois este era o último ano do Primário! As dez meninas que tinham “pulado” a 5o. Ano já haviam sido anunciadas e assim encerrava-se para nós esta fase e iniciava-se outra em torno da expectativa do Ginásio. As festas de final de ano se avizinhavam, pois novamente estávamos recebendo bilhetes que lembravam o Advento, ou seja, os quatro domingos que antecedem o Natal. Os bilhetes sempre vinham com uma mensagem religiosa, reafirmando a categoria católica em que o Colégio estava inserido.

As festividades para o Dia das Mães tinham passado. Estavam todas presentes, no teatro do Colégio, para receberem sua homenagem. A festa de São João também tinha passado, com a enorme fogueira queimando no pátio, enquanto diversas barracas vendiam iguarias, caixas de surpresa, pescaria, jogo de argolas etc. Minha mãe sempre doava prendas da Loja das Linhas para este evento. A homenagem, sempre mais simples e singela, também já tinha ficado pra trás. Lembro que, nesse ano, fiz parte de um coral

para homenagear os pais. Mas meu pai não podia estar presente, pois tinha um outro compromisso. E por isso acabei não participando do coral. Sentia vergonha e insegurança por estar sozinha e achei melhor não participar. Ainda hoje lembro da música que deveria ser cantada:

Linda tulipa
rainha do meu jardim
entre outras flores
eu te escolhi para mim.

Irás ornar,
as minhas belas imagens,
Não morrerás
No frio chão das verdes folhagens.

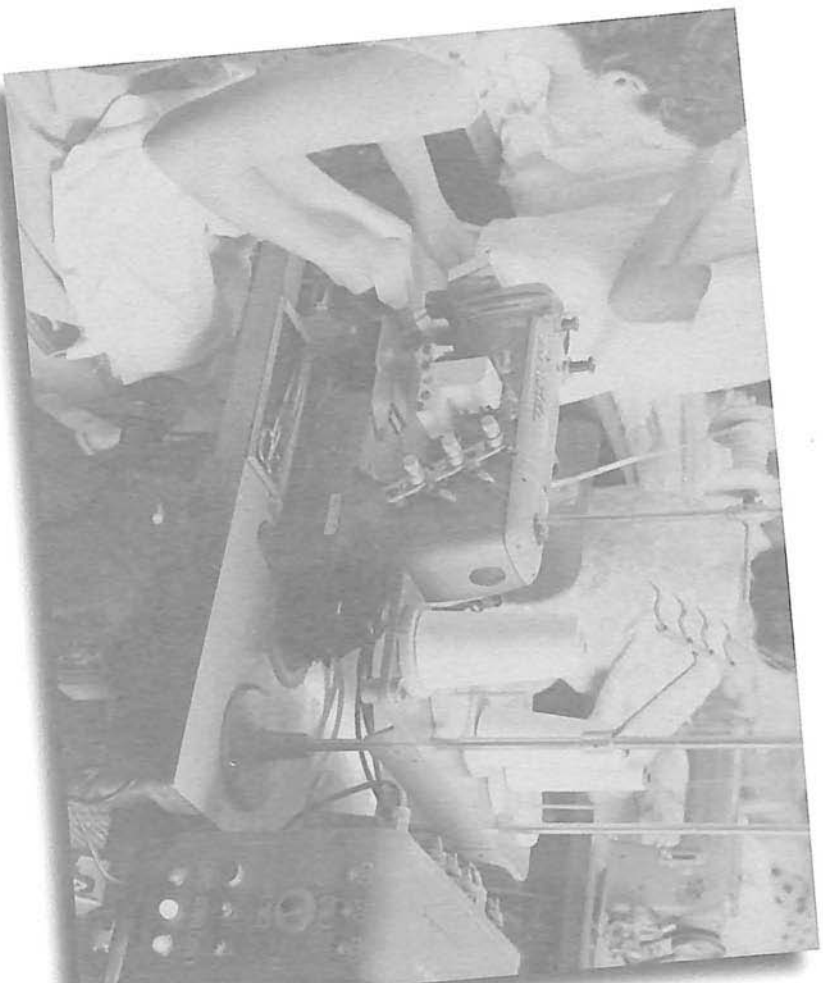
A singeleza,
da natureza
todo encanto extasia
Linda tulipa,
és detentora da primazia.

O dia 7 de setembro passara sob o retumbar dos repiques e surdos das bandas das escolas. O grande momento do desfile era a apresentação da Banda Militar do 23o. BI, ao final do desfile. O dia da criança, do dia 12 de outubro, também levava consigo a memória dos passeios no Matinho e todas as suas brincadeiras. A Páscoa tinha passado, com seus dias de feriados desde a quinta-feira santa até o domingo. A religiosidade era tema permanente e respeitado no Colégio: toda primeira sexta-feira do mês havia missa na Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo e da qual todas as meninas católicas deveriam participar. Nesse dia, as aulas não se iniciavam às 7:30, como era o convencional para todos os dias, pois todas as católicas se encontravam na Igreja Matriz e só depois é que se dirigiam ao

Colégio. Quem não era católica, aguardava no pátio do Colégio. E neste dia todas, impreterivelmente, deveriam estar vestidas com o uniforme de gala.

Foram todos os dias de festas? Acho que não esqueci de nenhum! Ah! Tinha também o dia do professor, que também era um feriado. Muitas meninas, no dia após o feriado levavam alguma lembrança, algum presente para o professor. Esses ficavam sempre muito sorridentes. Mas uma vez uma freira nos explicou que, embora recebesse com muita gratidão cada uma das lembranças, estas não poderiam ficar com ela e deveriam ser entregues à Congregação. Ficamos perplexas, sem entender o motivo. Mas ela explicou: - Fizemos voto de pobreza, e por este motivo não devemos e não podemos receber nada de ninguém. Tudo deve ser entregue à Madre Superiora e ser encaminhado para o uso de todas, conforme as necessidades. Apesar desta norma, mesmo sabendo que quem estava recebendo o presente não o usaria, continuamos a presentear nossos professores.

Bom, acho que agora mencionei todas as festas que permearam este último ano do Primário. Foi então que começamos a preparar o dia da Exposição dos Trabalhos Anuais. Isto acontecia a cada ano: cadernos e trabalhos manuais elaborados pelas alunas eram expostos sobre mesas e carteiras, diante da porta de cada sala, no enorme corredor encerado. Ao dia programado, pais e alunos faziam visita ao Colégio e à Exposição. Assim tomavam conhecimento de tudo o que havia sido ensinado e trabalhado durante aquele ano letivo. Encerrada a Exposição, os trabalhos e cadernos eram devolvidos às alunas, bem como seus boletins com as notas. Mais algumas palavras das professoras e uma recordação em forma de presentinho e um provérbio coroaram o encerramento das aulas. Tínhamos vencido uma batalha: não éramos mais analfabetas e sabíamos fazer contas. Mas sabíamos mais: que havia muito no mundo para ser aprendido e compartilhado... e que muitos colegas e professores, agora em forma de amigos, já preenchiam nosso pequeno mundo.



O TRABALHO REMUNERADO DAS COSTUREIRAS EM SEU DOMICÍLIO

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O TRABALHO REMUNERADO DAS COSTUREIRAS EM SEU DOMICÍLIO*

Esta entrevista foi realizada em 3 de julho de 2002. Neste dia a senhora Nelzi Schmitz Feldhaus recebeu em sua residência na rua Belo Monte, nº92, na cidade de Blumenau-SC., as estudantes do curso de História, Ana Maria Ludwig Moraes e Rosimeri de Arruda Pinheiro. Este depoimento faz parte de uma série de outros relatos, cujo tema principal focaliza as costureiras que terceirizam seu trabalho no espaço domiciliar.

Natural da localidade do Grão Pará, Nelzi Schmitz Feldhaus nasceu no dia 19 de fevereiro de 1949 no sul do estado catarinense. Exerce a atividade de costureira, porém sua história está relacionada à vinda de seus pais para a cidade de Blumenau

- (AL) - Do Nelzi, fale-nos sobre a sua família. Como Grão Pará para Blumenau?
- (N) - Meu pai chamava-se Paulo César Schmitz. Era uma família de doze irmãos. A gente trabalhava na roça, desde os seis anos. Naquela época quem podia pegar uma enxadinha, já tinha que ir para roça. Não era como hoje em dia, que as crianças não podem trabalhar... e lá eu trabalhei com meus pais até os vinte e um anos, quando casei no dia vinte e três de janeiro de sessenta e um. Trabalhávamos com meus pais e, posteriormente, depois de dois ou três anos, nós nos dividíamos entre a roça e uma casa de comércio de meu pai. Em setenta e quatro ou setenta e cinco, não lembro direito, eles vieram para Blumenau. Meu

* Entrevista de Ana Maria Ludwig Moraes realizada em 03.07.2002 com a senhora Nelzi Schmitz Feldhaus. Transcrição: Rosimeri de Arruda Pinheiro.

marido e eu ficamos morando lá. Nós não tínhamos terra e trabalhávamos nas terras do meu sogro. Quando meu marido ficou doente, meus pais convidaram-nos para vir para cá, pois ele não podia mais trabalhar na roça. Nós já tínhamos uma filha de quatro anos. Foi aí que eu comecei a trabalhar na Malharia Lancaster, em outubro de setenta e seis. Inicialmente como auxiliar de costureira. Nas horas que eu tinha de folga, ia para máquina, até então eu não sabia costurar ia para máquina e sozinha comecei a costurar. Meu primeiro trabalho na máquina foi fazendo bainha e colarinho. Nós fazíamos camisas sociais. Posteriormente eu já fechava os colarinhos, e depois comecei a trabalhar em todas as máquinas. Em alguns dias, cheguei a operar seis máquinas. Onde precisava eu ia.

Um tempo depois engravidei, e quando estava com um mês e meio de gestação, tive ameaça de aborto e não podia mais trabalhar.

(AL) - A criança estava com pressa para nascer, não é?

(N) - É, toda vida. Acho que ela não queria que eu trabalhasse. Pois era eu tentar fazer alguma coisa, e já tinha que ficar na cama e bem quietinha. O bebê nasceu, e logo que pude comecei a trabalhar fora. Entretanto, a menina não comia nada... somente aceitava mamar no peito. Já havia passado tempo do direito à amamentação. Então a alternativa foi o pai levá-la até à fábrica para eu poder amamentar. E assim foi durante um ano, todos os dias às seis horas da tarde quando ele a levava, juntamente com o meu lanche. Eu dava de mamar e comia ao mesmo tempo, sentada dentro do carro.

(AL) - Eram quantos minutos?

- (N) - Eram quinze ou vinte minutos. Depois eu tinha que trabalhar até as dez horas da noite.
- (AL) - Qual era o seu horário de trabalho?
- (N) - Das 13:00 às vinte e 22:00 horas. Meu marido trabalhava das 5:00 às 13h.30min. Nós nunca colocamos nossos filhos em creche. Também nunca pagamos alguém para cuidar. Sempre um ficava de manhã em casa e outro de tarde. Quando engravidei novamente, tive vários problemas. A criança estava sempre doente. E eu precisava faltar muito. Um dia o pessoal da empresa me chamou para perguntar se eu ia continuar faltando. O que eu podia fazer se o meu filho estava doente e não tinha como deixá-lo? Eu lhes disse que não havia posto filho no mundo para sofrer. Grávida do meu último filho, consegui trabalhar os nove meses. Enjoava muito, mas precisava trabalhar. Quando nasceu, chorava o dia inteirinho e de noite era como se não tivesse criança em casa. Deitava na cama ele dormia toda a noite. Quando terminou minha licença, o pai passou a levá-lo para mamar. Nessa época, a empresa passou a me dar dez minutos a mais para eu amamentar e comer. Do mesmo jeito que foi com a outra: sentada dentro do carro.
- (AL) - E a senhora continuou trabalhando fora?
- (N) - Até oitenta e nove. Quando fui demitida, o que foi uma surpresa pra todo mundo, coloquei as mãos para o alto, saindo do Departamento Pessoal feliz da vida. Porém, naquele dia, falaram na empresa que se eu costurasse em casa, haveria alguém para me dar máquina para costurar em casa. E foi o que aconteceu. Esperei meu marido chegar do trabalho e fomos até a pessoa indicada. No outro dia já estava costurando em casa.

- (AL) - Seu marido trabalhava na Cia. Hering?
- (N) - Sim.
- (AL) - E o que ele fazia lá?
- (N) - Ele inicialmente trabalhava no centro de treinamento. Depois, na expedição, até se aposentar, em 1991.
- (AL) - A máquina que lhe permitiu começar a trabalhar em casa, foi comprada ou alugada?
- (N) - Foi emprestada.
- (R) - Há quanto tempo a senhora trabalha em casa?
- (N) - Desde noventa e nove.
- (AL) - E a senhora é aposentada?
- (N) - Não, ainda faltam cinco anos. Não posso me aposentar agora, pois o valor da aposentadoria seria muito baixo.
- (R) - E dona Nelzi, a senhora falou que quando começou a trabalhar foi com uma máquina emprestada...
- (N) - Foi.
- (R) - E depois?
- (N) - Depois resolvi trabalhar por conta própria, pois o que esta pessoa me pagava era um salário igual ao da empresa. Resolvi então comprar máquinas com o dinheiro do FGTS. Uma máquina de costura reta e outra overlock. Mais tarde precisei de uma para fazer cobertura, então meu marido e eu compramos com nosso dinheiro. Hoje temos cinco máquinas. Quatro overlock e uma reta. A reta ainda é a mesma que eu comprei naquela época. As outras quatro não, eu já as troquei. Comprei-as novas, tudo com o dinheiro que a gente ganhou na costura. Pela manhã

eu costurava, e minha filha me ajudava, fazendo o trabalho “de manual”. À tarde, quando meu marido chegava, ele me ajudava substituindo a filha. Hoje somos só nós dois: ele faz pré-costura, eu faço os acabamentos, e ele faz o serviço manual.

(AL) - A senhora nunca teve funcionários?

- Nunca, nunca. Eu faço também o serviço da casa. No dia de lavar roupa, lavo roupa; dia de fazer pão, faço pão. Da casa nós cuidamos juntos... desde que ele se aposentou.

(AL) - Quantas horas por dia a senhora trabalha?

- Não tenho horário fixo. Meu dia começa às cinco horas. Também conforme o serviço que tenho. Às oito a gente faz um lanche, e arrumo as coisas do almoço. Costuramos de novo até às onze e quinze, quando inicio o almoço. Depois da refeição, nós três, eu, meu marido e o meu menino arrumamos a cozinha. Eu lavo a louça, ele seca e o menino guarda e varre a cozinha. A divisão é assim. Depois a gente descansa um pouco, e em seguida vai pra costura de novo. Às quatro horas tem o café e novamente trabalhamos até sete ou sete e meia da noite. Esse é o nosso horário. É bastante cansativo, trabalha-se mais do que em uma empresa. Porém, o salário é bem mais compensador.

(AL) - E também é mais independente.

(N) - Sim, se tu estás em casa e precisas de alguma coisa...podes dizer: ‘to saindo” ou então “agora não estou”. Se a gente trabalha numa firma, tudo é mais difícil.

(AL) - E como a senhora administra aqueles pedidos que vêm hoje para entregar amanhã?

- Tem, tem bastante disso, tem bastante (risos). Quando isso

acontece, a gente vai até mais tarde... como um dia desses em que eu precisei costurar até dez horas da noite. Mas tem uma coisa... posso trabalhar às vezes até mais tarde, mas respeito o horário da comida... não vou comer qualquer coisa somente porque tenho muito serviço. Nosso almoço é normal, com salada, com tudo o que se tem direito. Ainda deito, durmo o meu soninho pra depois continuar.

(AL) - A senhora colocou alguns limites então?

(N) - Sim. Porque se tu não tens limites, não aguentas, tu tens que pôr limites. Já houve época em que havia quatro mil peças aqui para serem costuradas, de quatro ou cinco pedidos diferentes. A empresa queria hoje um pouquinho desta, um pouquinho daquela, um pouquinho da outra... Isso nos estressava muito. Agora não trabalho mais para aquela empresa e senti em mim mesma o quanto isso me fez bem. Hoje fazemos o que é possível e a empresa entende.

(AL) - Que tipo de trabalho a senhora faz, o que a senhora costura hoje?

(N) - Olha, agora eu estou costurando só camisetas. É menos trabalhoso. Rende mais.

(AL) - E como é que está este inverno pra senhora?

(N) - Eu aqui, não fiz roupa de inverno esse ano (2002).

(AL) - A senhora não ficou sem trabalho?

(N) - Fiquei, mas foi porque a encarregada dos pedidos da empresa não simpatizava comigo. Fiquei uns dois meses parada, sem fazer nada. Estava difícil, não arrumava, não arrumava. Agora estou trabalhando para uma empresa que tem pedidos mais fáceis.

- (AL) - E eles enviam esse produto para fora de Blumenau?
- (N) - Sim, eles têm um pedido agora, de quinze mil peças. Até quinta-feira tenho que entregar cinco mil. A maioria vai para São Paulo.
- (AL) - E nestas épocas de pouco trabalho, não falta dinheiro?
- (N) - Não, porque temos a aposentadoria do meu marido. Dá para pagar a comida, mas é só. Para as demais despesas, como dentista do meu filho e a faculdade, precisamos da costura.
- (R) - E como é que a senhora se vê como mãe, dona de casa, costureira?
- (N) - Tem dias em que parece que a gente não vai dar conta. Mas como diz o outro: mãe é mãe e... mãe nunca pode faltar. Neste momento estamos com uma filha grávida, que precisa de cuidados e ela fica aqui em nossa casa durante o dia. E veja, ainda tenho que administrar o ciúme dos outros filhos...(risos)
- (AL) - A ajuda do seu marido é importante, não é? Como seria se não pudesse contar com ele?
- (N) - Ah, eu nunca pensei nisso! Deus me livre (risos)! Eu sempre digo ao meu filho e meu genro: “Tem que ter paciência com a esposa”. Meu filho outro dia perguntou se o pai tinha paciência comigo. Sempre teve. Quando eu estava grávida e não podia fazer nada, era o pai que fazia. Um dia uma senhora me disse: “Homem que vai pro tanque não é homem”. Eu respondi: “Olha.., meu marido já foi tantas vezes pro tanque... e ele nunca deixou de ser homem”. Ele sempre me ajudou em tudo, em tudo. Toda a minha vida. Quando um filho não dormia à noite, ele não ia para outra cama, mas estava ali acordado comigo. Sempre foi assim. Depois que a gente veio pra cidade, ele cuidava das crianças à tarde e eu pela manhã. Meu filho, principalmente as

meninas, não tem segredos para com o pai. Quando a minha mais velha ficou mocinha, eu pensei que de noite eu ia chegar em casa e tinha novidade pra contar para o pai... mas que nada, ela já tinha contado. Elas têm muita confiança no pai, só que na hora que elas estão doentes, daí não, tem que ser a mãe.

(R) - E pro futuro, Dona Nelzi, o que a senhora pensa, os seus planos para o futuro?

Eu não tenho assim muitos planos pro futuro. Um sonho que eu tenho é viajar de avião (risadas). Mas sou uma mulher simples. O que eu queria era ter um outro terreno para fazer uma casa sem tantas escadas. Sabe como é, a gente vai estar com mais idade. Nós temos uma casa na praia, mas não pretendo morar lá, eu tenho o sonho é de viajar de avião (risos). Mas como por enquanto não dá, então vamos ficando por aqui mesmo.

(AL) - A senhora pretende aumentar sua facção?

(N) - Vai ficar assim como está, até eu me aposentar. Nunca tive sonho, este sonho de ganhar bastante dinheiro.

(AL) - Por quê?

(N) - Porque precisa contratar outras pessoas e depois há os encargos trabalhistas... por qualquer coisa já tem reclamatória trabalhista...

(AL) - Dona Nelzi, qual é hoje o resultado da sua facção? O que conseguiram comprar?

(N) - Nós conseguimos muitas coisas. Temos uma casa na praia, conseguimos comprar computador para os filhos fazerem trabalhos, conseguimos trocar de carro, um carro zero, que era o sonho do Martim. Comprado à vista, sem prestações, tudo com, com dinheiro que a gente consegue aqui na facção. Ah!

E também o carro da filha, um fusca... mas pode andar por aí.
Aqui o dinheiro fica todo junto, não tem esse é meu e esse é seu.
Foi tudo assim, desde que a gente casou.

(AL) - Dona Nelzi, quero agradecer pela gentileza sua em me atender e conceder esta entrevista .

(N) - Foi um prazer conversar com você.



CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Carta nº26

Guarapuava, 22 de novembro de 1883¹

Minha querida boa Mãezinha!

Espero que estas poucas rápidas linhas cheguem às tuas mãos e te encontrem tranqüila e com saúde, assim como todos os nossos entes queridos. É nesta feliz expectativa que envio a todos vocês os meus mais cordiais votos para o Ano Novo, que ele traga muitas felicidades e bênçãos, e que todos os seus desejos se concretizem! Principalmente esperamos todos que tu, minha velha e querida Mãezinha, continues por muito tempo tão alegre, forte e saudável em nossa companhia como até agora! Também aqui conosco quase tudo tem decorrido conforme desejado! Há alguns dias voltei feliz da selva do Iguaçu e do Rio Paraná, e para minha grande alegria encontrei ótimas notícias dos meus, que se encontram bem e com saúde. Como deve ter crescido a minha turminha e eu acho que Bertha tem razão quando diz crer que eu terei dificuldade de reconhecer os menores! No tocante ao meu trabalho no Rio Paraná e no Iguaçu, tenho podido executá-lo rapidamente e a contento em decorrência das condições de tempo favoráveis; tive muita sorte em ser o primeiro a ter conseguido atravessar esta selva infinita até o Rio Paraná!

Também o Edmund agüentou tudo muito bem, e tu podes imaginar quão orgulhoso ele está por ter matado uma onça enorme, com a qual se deparou sozinho na floresta, acompanhado apenas de um cachorro grande! Acho que ele terá recordações muito boas desta excursão para

¹ Carta de Emil Odebrecht a sua Mãe que morava na Alemanha. Esta faz parte das dezenas de missivas publicadas em “Cartas de Família – Ensaio Biográfico de Emil Odebrecht”, 2006, de Rolf e Renate S. Odebrecht.

sempre ... Em janeiro ele iniciará o seu estágio em mecânica em Curitiba, uma localidade conhecida pela sua localização saudável, assim como pela sua importância como capital da Província do Paraná, mas que ainda deixa muito a desejar como capital, apesar de predominarem lá o elemento e o comércio alemães há anos. Depois do término das obras da ferrovia para o Paraguai, Curitiba provavelmente passará a ser uma das mais significativas cidades comerciais do Brasil. A minha viagem para Blumenau terá início amanhã, e se tudo der certo espero chegar lá no dia 10. Como vê, trata-se de um empreendimento com as mesmas dificuldades que deve ter havido aí há muitos séculos! Infelizmente a minha esperança de receber um cargo mais confortável e próximo ao Itajaí ainda não se concretizou, e após as minhas férias terei de voltar mais uma vez ao selvagem oeste desta Província! Mas sobre isto te escreverei mais detalhadamente em Blumenau, por hoje passa bem, minha querida Mãezinha, dá lembranças cordiais a todos os queridos irmãos e te lembra do teu filho que te ama

Emil

* * *

Carta nº27

Blumenau, 3 de dezembro de 1883.

Querida Anna!

Como estas linhas provavelmente chegará às tuas mãos na época natalina, desejo a ti e a todos daí um Feliz Natal. Há 14 dias recebi um telegrama do Emil, no qual ele afirma que partiria de Curitiba no dia 20 de novembro. As cartas anexas são dirigidas a ti recebi hoje, por aí tu vê que os méritos de Emil finalmente começam a ser reconhecidos. É, o seu nome há muito tem boa fama no Brasil. Podemos nos orgulhar dele. Neste ponto a nossa alegria pela sua honrosa missão mistura-se a uma gota de

vermute! O maior desejo, o de tê-lo finalmente aqui conosco, se esvai numa distância nebulosa. Em alguns anos também o Edmund provavelmente não poderá voltar para casa, e este seu tiro de mestre deverá ter sido o último por enquanto. E isto não é pouca vantagem, pois mesmo no Brasil só poucos tiveram este privilégio. Ontem Mathilde já montou guirlandas e coroas, porque esperamos pelo Emil. Nem eu sei, se ele chegará por terra ou pelo rio, de qualquer modo serei informada através da Barra (do Itajaí-mirim), onde há um telefone. As crianças estão todas muito, muito alegres, e o Emil terá muita alegria com o menor. Agora há muito que providenciar e muitos caminhos a perfazer, até que haja um presente de Natal para cada um. Nem pensei em fazer bolo ainda, muito menos em assá-lo; nestes dias que antecedem o Natal não tenho paz em momento algum até que tudo esteja pronto.

Por hoje tudo de bom, dá lembranças e beijos à Mãezinha em meu nome, e a ti também te saúdo de todo o meu coração, tua irmã

Bertha

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht: **Anna:** irmã de Emil que morava com a mãe na Alemanha. **Bertha:** esposa de Emil. Nesta carta, quando se lê “nem eu sei se ele chegará por terra ou pelo rio”, significa que ele viria 1) via Curitiba a cavalo ou 2) via Antonina e Rio Itajaí-açu. No primeiro caso, por terra, viria sozinho, a cavalo, via Curitiba-Campo do Tenente-Rio Negro-Mafra-Curitiba-Blumenau; no segundo caso, a cavalo até Antonina, de navio (veleiro ou a vapor) até o porto de Itajaí e, depois, Itajaí-açu acima provavelmente de canoa, pois o vapor Progresso só fazia uma viagem por semana. **Muito o que fazer - Bolos para o Natal:** Bertha escreve em 3 de dezembro. É justo nessa época, começo do Advento do Natal (quatro semanas antes do dia da festa: a noite de Natal, véspera de 25) que as donas de casa na Alemanha começavam a fazer seus bolos típicos de Natal: os famosos Stollen, um tipo de pão natalino (parente do panettone italiano) levedado com fermento biológico, com o formato de um pão dobrado sobre si mesmo, assado encima de um tabuleiro raso, cuja massa é toda entreme-

ada de uvas passas, nozes e frutas cristalizadas, com uma cobertura de açúcar de confeito (simbolizando a neve); com o nosso clima e sem geladeira e freezer, os bolos tinham que ser feitos perto da data da festa. Mas os biscoitos confeitados - os Hohnigkuchen (bolos e bolachas feitos com acréscimo de mel) e os famosos Weihnachtspfefferkuchen, com seu aroma inconfundível de especiarias natalinas (cravo, canela, noz moscada, gengibre, cardamomo), lindamente pintados com glacê de clara de ovo e açúcar cristal colorido, podiam ser feitos e assados semanas antes do Natal. Há muitas centenas de receitas que passam de mãe para filha. A tradição foi mantida pelas donas de casa imigrantes e até hoje, no Vale do Itajaí, muitas de suas descendentes, no mês de dezembro, são acometidas pelo frenesi ancestral e põe-se a assar delícias cujo aroma convidativo pode ser sentido a uma quadra de distância. Quando Bertha fala “nem pensei em fazer bolo ainda, muito menos em assá-lo”, lembramos das velhas receitas de Hohnigkuchen - massa de bolo de mel que leva sal amoníaco (Hirschhornsalz) em vez de fermento - massa essa que ficava dias e dias pendurada num saco ou descansando numa bacia e vez por outra, quando o forno à lenha estava no ponto, com os pães já meio assados, então era a vez de assar alguns tabuleiros dos cheirosos e saborosos biscoitos. (Eu, Renate, me lembro que na casa da minha avó Therese, nós as crianças esperávamos em frente ao forno a lenha e comíamos as bolachas ainda quentes, embora vovó sempre profetizasse que ia dar dor de barriga). Na falta das uvas passas e das nozes, as imigrantes criaram variações com amêndoas do caroço do pêssego (pressionadas em cima do biscoito cru) e com frutas tropicais cristalizadas. Só mais tarde tiveram acesso ao côco e ao amendoim. Mas antes de terem esses substitutivos, elas já faziam delícias só com os ingredientes de que dispunham: trigo, ovos, manteiga, açúcar mascavo e fermento biológico (fermento de fazer pão) - as famosas cucas (vem de Kuchen - bolo) do Vale do Itajaí: é massa esticada com as mãos no tabuleiro (parecida com massa de pão-doce), vai ao forno coberta com as crocantes farofas amanteigadas ou com camadas de frutas ou de ricota regadas com nata (creme de leite). Nos primeiros decênios da colonização, o açúcar refinado era artigo de luxo. O próprio trigo, importado, era usado só em dias de festa. Não sabemos que tipo de bolo as primeiras imigrantes assaram, em seus primeiros Natais ... só havia farinha de milho e farinha de mandioca.

O pão dos imigrantes, durante décadas, era feito de cará e batata-doce ralados crus, misturado com farinha de milho; era um pão pesado, muito nutritivo, e quando feito com capricho e conhecimento, era fofo e delicioso. Não se pode explicar a gostosura que é uma fatia desse pão com melado pingando pelos lados e coroadada de “queijinho” (ricota) amassado com nata fresca (creme de leite); ou acompanhada de lingüiça defumada tipo Blumenau ... numa mão a fatia de pão com lingüiça, na outra um pepino azedo que dormiu 10 dias na salmoura, enrolado na folha de parreira ... Estas coisas típicas ainda existem no Vale do Itajaí. Quem aprecia, sabe como fazer ou onde encontrar.

As donas de casa imigrantes se sentiam premidas a manter a tradição natalina da terra natal, só que faltava todo o “clima” para fazê-lo! Em vez do frio que impele a ficar dentro de casa e na cozinha, lidando junto ao fogão e ao forno, aqui no Brasil em dezembro faz um calor de 40° e a vontade era de tomar banho no rio ou ficar sob as árvores curtindo uma fresca; além do cansaço e da preguiça que as noites quentes mal dormidas traziam consigo. Ademais, ao contrário da Europa onde o inverno é uma época de repouso de toda a natureza, no hemisfério sul era tempo de trabalho febril na lavoura; e no Vale do Itajaí os pomares despejavam seus frutos rosados ou dourados justamente em dezembro ...

Os pêssegos resolviam amadurecer todos de uma vez só e não havia geladeira (as primeiras funcionaram com gelo em barra) quanto menos refrigerador ... as donas de casa se viam assoberbadas com o serviço e estressadas, porque queriam começar a fazer os bolos e biscoitos natalinos tradicionais e os demais preparativos para a festa (resolver os presentes para cada um dos membros da família, a compra de tecido e costura da roupa de festa da família toda, mandar fazer os sapatos no sapateiro, limpeza da casa, janelas, cortinas, jardim, currais, etc.), mas a prioridade era o aproveitamento das preciosas frutas - em forma de compota (na conserva), geléia, mus (geléia mais encorpada, com toda a polpa da fruta), cristalizadas e secas (ah! as carambolas cristalizadas ...). As abelhas ficavam bem doidas com tanta doçura e se embarçavam nas tranças das meninas e nos cabelos dos rapazes ... metidos no meio da trabalhadeira.

Na horta os pepinos crescendo, não podiam passar do “ponto”: havia os de tamanho ideal para a fermentação na salmoura e folha de parreira (Salzgurken) - devidamente perfumados com galhos e sementes de endro; os menores que levavam vinagre, pimenta vermelha (há muitos tipos na região) e preta, cebola, estragão, etc. (Essiggurken); os de tamanho grande e maduro, preparados em fatias, com vinagre, sementes de mostarda, cebolas pequenas, louro e pimenta vermelha e preta (Senfgurken); variações destes tipos são hoje comercializadas em larga escala, em vidros e em latas, por firmas do Vale do Itajaí. Mas na época de nossas bisavós, das avós e ainda das mães dos autores destas linhas, cada dona de casa tinha que fazer seu sortimento próprio para as festas; não só para as festas, mas para o verão todo, pois nos meses mais quentes a horta não mais fornecia verduras para a mesa da família (não havia feira, nem verdureiro ...).

Não só os pepinos tinham que estar todos na conserva, mas o repolho tinha que ser transformado no saudável chucrute; grandes potes de cerâmica, de barro ou de madeira continham a massa de repolho picado e salgado que tinha que ser cuidadosamente fiscalizada em seu processo de fermentação, recoberta com panos muito limpos (que tinham que ser trocados) e levemente prensada com pesos - pedras, seixos rolados do rio: tinha que ser mantido protegido dos insetos, tampado, mas tinha que respirar ...

Todas estas preciosidades precisavam ser mantidas fora do alcance das formigas,

dos roedores, gatos, gambás, etc.. Os grandes armários de copa e de cozinha, depois já com tela, tinham os pés dentro de tigelas especiais de cerâmica com água; no centro da tigela havia uma “ilha” mais alta, seca, sobre a qual repousava o pé do armário. A água tinha que estar sempre limpa, pois no momento em que se formasse a primeira película de poeira, as formigas marchavam por sobre a mesma ... Além desses armários, muitas casas tinham um “Brotschrank” - às vezes pendente - um armário menor só para o pão, com tela, num lugar mais alto, ventilado e fresco, para que o pão tivesse o máximo de durabilidade (não havia refrigerador). No verão punha-se um pouco de vinagre na massa do mesmo, para ajudar a conservá-lo. No mesmo armário muitas vezes estava curtindo o “Handkäse” - um queijo muito especial feito de ricota prensada com as mãos (com ou sem Kümmel) em forma de bolas achatadas, que criava uma camada aveludada por fora e ficava picante por dentro.

Dona de casa que se prezasse, sempre que podia, fazia sua Honigbier ou Ingwerbier (cerveja de mel ou de gengibre). Havia toda uma série de cuidados com a fermentação da mesma. Mesmo assim acontecia de algumas garrafas “estourarem”, isto é, a rolha se desprendia com um alto estampido. (Os moleques da casa gostavam de ir ao porão dar uma sacudida nas garrafas para provocar o estouro, tendo assim o direito de beber o conteúdo ... e aproveitavam a noite para mexer com os sapos que povoavam porões, vãos de escadas, escoadouros de água e que entravam até dentro das casas atrás dos insetos. Alguns eram tão domésticos que tinham nomes: Fritz, Max, etc.)

Podemos imaginar nossas bisavós e ainda as avós, cheias de filhos (muitas vezes grávidas ou amamentando ...), tarde da noite, antes de ir dormir, no calor de dezembro, andando com o lampião de querosene na mão, certificando-se de que os taiás, carás e batatas-doces haviam sido trazidos da roça e que a farinha de milho havia sido buscada da atafona, para que se pudesse fazer a “gamelada” de pão do dia seguinte; e se o fermento de pão (feito em casa, com um resto da última massa) estava no “ponto”. Ah! ela quase ia-se esquecendo de dar uma olhada na fermentação da cerveja de gengibre ... nesse calor, poderia passar do ponto e perder-se-ia toda aquela delícia - um prazer especial da família nos dias de festas. Mais uma olhada no último pote de chucrute, mais uma olhada no pote dos pepinos ... sim, tudo estava fermentando direitinho ... Ah! não podia esquecer de fazer o capilé de groselha, aquele xarope vermelho e cheiroso que enchia os olhos e fazia da sede uma coisa muito gostosa, não só para as crianças ... Dá para sentir o estresse de Bertha no penúltimo parágrafo da sua carta - mais curta do que normalmente - no calorão de Blumenau em dezembro, rodeada de adolescentes e de crianças pequenas, “com muito o que providenciar e muitos caminhos a perfazer”; estresse esse, por certo, ainda aumentado pela expectativa da volta eminente do seu querido Emil, depois de quase um ano de ausência ...

Carta nº28

Blumenau, 23 de janeiro de 1883.

Querida Mãe, querida Anna.¹

Emil já lhes transmitiu nossos mais ardentes votos de feliz Ano Novo. Querida Anna, recebi teu presente de Natal no dia 23 de Dezembro, portanto um dia antes, meus sinceros agradecimentos por ele, usei-o no batizado da primeira filhinha de minha sobrinha. Emil foi padrinho juntamente com o meu pai e o avô, portanto o bisavô, o avô e o tio-avô. A pequena tem ainda ambos os bisavós, um caso raro. Não sei se te escrevi que minha sobrinha Elise Stutzer se casou aqui, faz um ano e meio, com um comerciante, Theodor Lueders. - Eh! Eh! estamos ficando velhos. Os

¹ Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:

Mãe - Na verdade é uma carta de Bertha Odebrecht, esposa de Emil, a sua sogra (Bertha Odebrecht, nata L'Oeillot de Mars). Ela chama a sogra de Mãe, é um tratamento carinhoso. **Rudolph e Adelheid** - irmão e cunhada de Emil. **Edmund** - o filho mais velho. **Elise Stutzer** - filha de Otto Stutzer, de Blumenau, casado com Therese, irmã de Bertha. Otto era tido em alta conta na família de Emil. (Onkel Stutzer - tio Stutzer) fazia parte da roda intelectual de sua época e se salientou sobremodo na vida da Colônia Blumenau. Elise foi casada com Theodor Lueders, comerciante que faliu em 1885 (deu prejuízo a Odebrecht) e foi tentar a sorte na Argentina; depois em Campinas-SP e em 1899 voltou para Blumenau. Mais sobre os Stutzer em cartas de Bertha que seguem (a esposa de Gustav Stutzer, pastor, irmão de Otto, também se chamava Therese). **Mathilde** - filha mais velha de Emil. Casou em 1888 com Gustav Baumgart. **Rudolph e Adelheid** - irmão e cunhada de Emil. **Comprido cachimbo** - trata-se de um cachimbo luxuoso e finamente trabalhado com cerca de 1,50m de comprimento. O caneco do cachimbo (no qual se coloca o tabaco) é de porcelana com tampa de prata. A peça é uma herança de Karl Jacob Friederich Odebrecht, avô do imigrante Emil. Emil passou-o a seu filho Oswaldo; depois do falecimento de Oswaldo, seu neto mais velho, Armin, pediu-o à sua avó Else e o recebeu. Armin Odebrecht, portanto, é tetraneto do primeiro dono do cachimbo. **Caçulinha** - em várias cartas aparece o episódio do garotinho "que ainda não tem nome" e que nascera em outubro de 1882. É a teima entre Emil e esposa - ela queria que o menino se chamasse Emil e o pai não queria. Assim o garoto ficou mais de dois anos só com o apelido de Mätzle (significa pequenininho no dialeto do norte da Alemanha). Finalmente recebeu o nome de Adolf. O mesmo acontecera com o filho que nasceu em 1876 e faleceu cedo, sem ser batizado.

carreguei para a pia batismal, agora estão batizando seus filhos.

Os cabelos de Emil estão ficando bem brancos e mais ralos. Relembro essa impenetrável floresta de cabelos que outrora coroava sua cabeça. Agora quem a tem é Edmund. Antes Emil fumava compridos cachimbos, agora quem o faz é seu filho, naturalmente quando Papai não está vendo e em cuja ausência ele já se apropriou de todos os utensílios de fumante e das caixas de tabaco, objetos que já foram do falecido avô. Emil briga um pouco mas não pode deixar de esconder um sorriso. Os cavalos impetuosos que nós cavalgávamos antigamente, agora os cavalgam nossos meninos.

No dia 14 de janeiro Emil viajou de novo, por quanto tempo, só Deus sabe. Se ele tiver que terminar este trabalho todo, poderá ficar fora por mais de um ano. Esperamos, porém, que após acabá-lo, como já lhe prometeram, seja contratado para trabalhar aqui. Esta longa separação é terrível. Nos últimos três anos Emil ficou em casa nem bem 4 meses. Quando ele chega é maravilhoso e sempre de novo conseguimos ser felizes de verdade, mas a despedida para tão longe traz consigo certamente muitas vezes o pensamento: ver-nos-emos de novo? - Enfim, é bom que não me sobre tempo para remoer os pensamentos. Edmund foi com Emil, mas foi com vários trabalhadores em lombo de burro - per Maultier - por terra, enquanto Emil tomou o caminho pelo rio. A navegação fluvial ainda é de péssima qualidade, como leram nas últimas linhas que Emil mandou de Itajaí, cuja foz [ilegível].

Mathilde ainda está em Joinville, Emil viu-a em sua viagem, de passagem, só por meia hora. Ele chegou lá pelas 11 horas da noite, com as vestes totalmente encharcadas. Emil chegou a Joinville por terra. O navio (Dampfer) ou vapor, como o chamam aqui, já tinha zarpado, mas ainda estava ao largo em São Francisco, para onde ele teve que ir de canoa

em noite escura, tanto que a canoa bateu num rochedo. O navio já tinha levantado âncora. Se a viagem não tivesse acontecido tão repentina, ele bem que teria trazido Mathilde. Bem, tudo foi bom assim, pois dificilmente eu a teria deixado ir embora de novo. Emil acha que devo deixá-la ficar lá por mais um ano, estarei feliz quando este tiver passado, já faz 1/2 ano que ela está fora, não tenho ninguém com quem possa trocar idéias. Meus pais são os mais próximos, moram há uma hora de distância. Um dia inteiro se vai nessas visitas, nesse pra cá e pra lá; com tantas crianças, faço falta em casa, não gosto de ficar um dia inteiro fora.

A despedida mais difícil para Emil foi a despedida do pequenininho. É que ele é tão bonzinho e alegre como nenhum outro bebê. Ele ainda não tem nome.

Temos muito gado bonito de se olhar, idem crianças. Um dia antes da viagem de Emil recebemos tua carta com o bilhete de Rudolph e de sua mulher, também um jornal do Rio onde um telegrama de 29 de Dezembro diz que o Reno subiu muito outra vez. Teriam Rudolph e sua esposa tido prejuízos? Muitos de lá devem ter sofrido alguma perda. Mas o que é isto frente à terrível miséria [ilegível] que leva pessoas a se tornarem mendigos. E quando perdemos tudo, certamente a vida se nos torna indiferente.

Se Adelheid for tão econômica na administração da casa como o é com o papel de carta, aproveitando todos os cantinhos da folha, por certo eles progredirão.

(A carta não tem finalização, supõe-se que falte uma folha).

(Bertha)

Carta nº29

Blumenau, 12 de fevereiro de 1884 ¹

Minha querida Mãezinha (mein liebes Mutting), queridos irmãos.

As últimas cartas de vocês - de Anna de 13.II e de Marie de 16.II - graças a Deus nos trouxeram boas notícias, chegaram ainda antes dos dias da Festa de Natal, sendo que os lindos presentes estiveram sobre a mesa natalina, aumentando a alegria de todos nós e o brilho da festa. Foram dias alegres e lindos, também para mim, que desde longo tempo, pela primeira vez, novamente, pude ter a turminha toda reunida, jubilosa, feliz, em torno de mim. Graças a Deus! A criançada esteve este tempo todo alegre e feliz e com saúde e nos trazem, a mim e à mãe deles, muita, mas muita alegria! Que só é turvada pelo pensamento de que não é permitido a ti, querida e velha Mãezinha, nem uma só vez, ver reunido este pequeno bando barulhento em torno de ti. A expedição através da selva para Iguassú (hoje Iguaçu) parece ter feito muito bem a Edmund, que está quase do meu tamanho, cheio de vitalidade e de saúde, sendo que nada atrapalha o seu desejo de se tornar engenheiro construtor de máquinas - primeiramente ferreiro. Ele viaja para Curitiba amanhã, para começar seu aprendizado prático (Lehre) de três anos junto a um competente mecânico. August está começando seu aprendizado de comerciante e está desde a Páscoa trabalhando com um parente nosso e parece que está se adaptando bem ao trabalho. Mathilde está uma cabeça maior do que a mãe, à qual ela ajuda diligentemente no serviço da casa. Ela tem uma aparência vistosa, é uma festejada "Belladonna" que sabe se apresentar muito bem em sociedade. Mas quando está entre suas

¹ Carta escrita por Emil Odebrecht a sua mãe. Seus pais nunca chegaram a ver a nora e os netos, só por fotografias. Ele só pôde rever sua terra natal, Alemanha, depois de 40 anos de Brasil. Estas cartas fazem parte das dezenas publicadas em "Cartas de Família – Ensaio Biográfico de Emil Odebrecht", 2006.

amigas, esquece as maneiras de dama e volta a calçar os sapatos de criança. Oswald e Rudolf frequentam o S. Paul-Schule (Colégio São Paulo) e fazem progresso satisfatório, principalmente Rudolf, que sempre traz boletins muito bons e já trouxe até prêmios por mérito e dedicação; Oswald vai ser confirmado só na Páscoa de 85 e até lá há tempo que chega para pensar qual profissão escolher. Helene e Clärchen por enquanto não frequentam escola alguma porque não há nenhuma adequada, provavelmente vou ter que mandá-las estudar em Joinville e morar no pensionato onde esteve Mathilde e onde ela fez bons progressos. Auguste e Woldemar são duas crianças simpáticas e promissoras, sempre arquitetando alguma travessura ou imaginando uma brincadeira, para grande desgosto do pequeno Edgar, com o qual freqüentemente estão em pé de guerra. Edgar promete tornar-se um pequeno Hércules que já consegue enfrentar e defender-se de seus adversários. É uma pena que o rapaz tenha este defeito no lábio superior. A operação será feita no decorrer do mês que vem por um Dr. Mayländer, de Berlim, e diz o médico que com o tempo a cicatriz desaparecerá. Mas o meu mais querido é o menor dos pequenos, uma criancinha encantadora e rosada com grandes olhos azul-marinhos sempre sorridentes e que vai mandar-lhes sua fotografia pela próxima mala do correio. Pinteí, pois, em rápidos traços um quadro de nossos queridos. Tão logo tenham superado totalmente os dias de festa e a trabalhadeira que faz parte deles, Bertha e Mathilde escreverão e lhes farão um quadro mais completo do nosso lar, melhor do que consigo fazer. Minha esperança de conseguir uma transferência para cá neste ano, infelizmente ainda não se concretizou; porque eu recebi a muito especialmente honrosa missão de explorar a selva do Alto Paraná - de Guarapuava em direção a Sete Quedas -, um trabalho que consumirá certamente, outra vez, um ano todo. Daqui há pouco o que contar. A exportação de produtos toma sempre maiores dimensões; além

do mais, chegaram engenheiros ingleses que deverão explorar o trajeto da estrada de ferro, por conta de uma firma inglesa, estrada esta que deverá vir de Porto Alegre por São José, Brusque, Blumenau até o porto de Joinville. Como a linha telegráfica tem que acompanhar a linha do trem, não há dúvida de que serei encarregado deste trabalho no ano que vem.

Despeço-me por hoje, fiquem com saúde e felicidade e com as saudações carinhosas de todos para todos!

Seu Emil

Muito cordiais saudações de Bertha (está escrito na margem da 1ª. folha).²

² Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht: **Mãezinha** – Mutting, no dialeto do norte da Alemanha. **Menor dos pequenos**: foi batizado com o nome de Adolf (não havia registro civil no tempo do Império, a certidão de batismo era documento hábil). Depois dele ainda nasceram as meninas Anna (Anny) e Hedwig (Hedy). **Estrada de Ferro Porto Alegre-São José-Brusque-Blumenau-Joinville-São Francisco do Sul**: Foi um grande fiasco.

Carta nº 30

Rio São Francisco, 22 de abril de 1884 ¹

Minhas queridas!

Recebi ontem a primeira carta de Blumenau desde a minha partida de lá e com ela a carta de Anna de 5 de fevereiro, da qual deduzo que minha velha e querida Mãezinha ainda está bastante bem e que superou satisfatoriamente os incômodos do inverno. Alegrei-me muito com esta notícia. As pequenas crises e indisposições não devem ser muito significativas e devem ser consequência da idade, que eu também já começo a sentir. A ti, minha querida Anna, meus agradecimentos do fundo do coração pelos cuidados que tens tido com nossa querida mãe, com sacrifício da tua própria saúde. Comunica-me minuciosa e exatamente tudo de que nossa querida mãe necessita, como também a tua situação financeira. Pela mesma via usada no ano passado, estou te enviando 100 marcos que deverão chegar aí pelo aniversário da Mãezinha e que são meu presente natalício para ela. Dos meus queridos felizmente também recebi boas notícias, embora já um tanto velhas, porque as cartas de Blumenau até aqui por certo demoram mais que as de Anklam. Isto é próprio daqui das nossas circunstâncias. Felizmente tenho à minha disposição a linha telegráfica de Guarapuava a Itajaí, em cuja estação mando pedir informação sobre o bem-estar da minha família. A operação de Edgar parece que foi bem sucedida no geral. Pelo que Bertha

¹ Carta de Emil Odebrecht à mãe e à irmã Anna. Esta missiva faz parte das dezenas publicadas em “Cartas de Família – Ensaio Biográfico de Emil Odebrecht”, 2006, de Rolf e Renate S. Odebrecht. Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht: **Construção da estrada de ferro**: refere-se à Porto Alegre-São Francisco do Sul, que não passou de uma grande frustração para os dois Estados do Sul (veja-se o Capítulo 9 - “Repartição Geral dos Telégrafos”). **Operação de Edgar** - lábio leporino. A operação não foi bem sucedida. O lábio superior ficou em desnível, o que dificultava um pouco o falar. **Rio São Francisco** - afluente do Paraná. **Rudolph** - irmão de Emil, capitão do Exército. **Adelheid** - esposa de Rudolph. **Os Briegleb** - casal Eugen e Marie Luise (irmã de Emil) e família.

escreve, ele teve sérias crises de febre alta provocada por infecção, mas que agora está bem; ele é o mais meigo de todos, provavelmente porque sempre foi um pouco mimado ...

Que o pai de Bertha faleceu em fevereiro, ela por certo te escreveu, foi melhor assim para ele, uma vez que padecia de tuberculose da laringe. A mãe de Bertha mudou-se para nossa casa, já que sempre se sentiu feliz entre nossos pequenos bagunceiros. Ela ainda é um bocado robusta e, assim sendo, toda a sua competência e atividade certamente serão consumidas pelas calças rasgadas e pelos paletós rotos dos rapazes. A construção da Estrada de Ferro em Blumenau vai ser começada de fato e então tenho novamente perspectiva de no ano que vem ser encarregado lá mesmo, em definitivo, já que a linha de telégrafo seguirá a linha do trem ... Agora tenho ainda um trabalho bastante difícil de realizar - uma exploração partindo de Guarapuava através da mata virgem em direção ao Salto de Sete Quedas no Rio Paraná - exploração essa que deverá consumir um ano de trabalho. Espero que esta seja minha última exploração de terreno. Estes trabalhos trazem dificuldades de toda a sorte e exigem um esforço que não combina mais com a minha idade. Edmund está se tornando um construtor de máquinas e trabalha agora em Curitiba, em Lapa. Como ele escreve, como aprendiz mais novo, tem que manejar um martelo de 10 kg. Mas ele está satisfeito em casa do seu mestre e este, como eu soube, está muito satisfeito com ele. Fiquei contente em saber que Adelheid, Rudolph e os Briegleb vão bem. Escrevi a Rudolph tempos atrás, mas não recebi resposta, ele sempre foi bastante preguiçoso para escrever cartas; mas isto também não tem importância, o principal é que sempre, de tempos em tempos, saibamos de notícias de todos: e aí é que entras tu, querida Anna, como benemérita, pelo que te agradeço de todo o coração.

Termino esta carta pedindo que transmitas muito carinhosas

saudações a todos os nossos queridos, Rudolph, Adelheid e aos Briegleb. Sejam felizes!

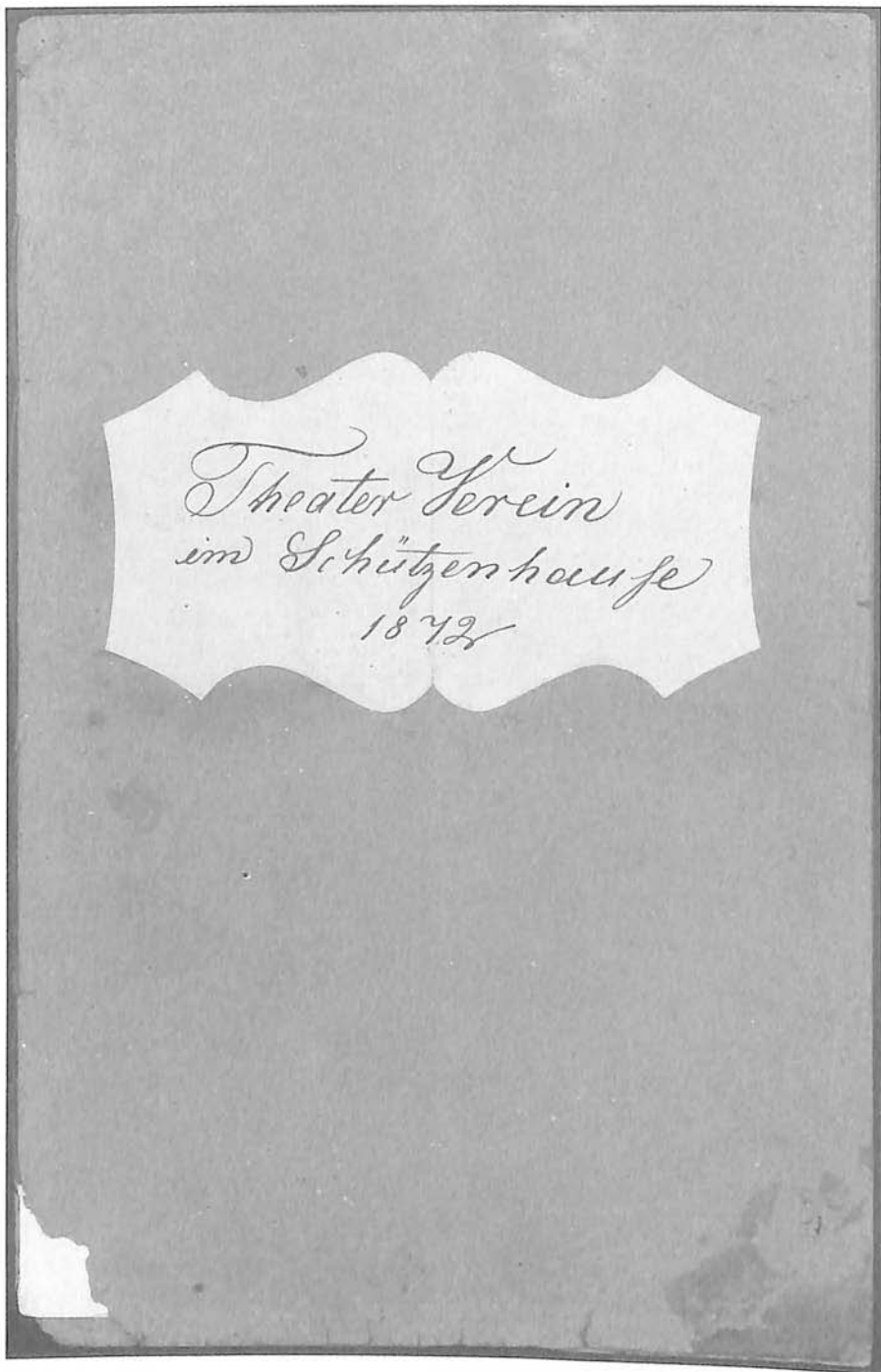
Saúdo-as e abraço-as

Emil

Peço a Anna mandar-me todo o ano, digamos em janeiro, algumas sementes de flores, principalmente “Sommerlevkoyen”, amor-perfeito, cravos, etc., de todas um pouco e, finalmente para mim, algumas sementes de árvores dos bosques daí, tílias, pinheiros, etc. Eu vi essas árvores em Curitiba e acredito que se desenvolvam aqui em Blumenau.

Meu endereço: Ilmo. Snr. Emílio Odebrecht, Guarapuava, Prov. de Paraná, Brasil.

GALERIA DE IMAGENS



CENTO E CINQUENTA ANOS DE TEATRO EM BLUMENAU

A história do teatro em Blumenau se confunde com a própria história da cidade. Revendo as primeiras manifestações sócio-culturais realizadas na Colônia Blumenau, constata-se que, além do tiro ao alvo, a arte cênica e o canto merecem destaque. O teatro sobressaiu-se com a formação de um grupo de amadores encabeçado pela jovem Rose Sametzki Gaertner. A primeira encenação realizou-se no interior da sede da **Sociedade dos Atiradores de Blumenau** em 24 de junho de 1860. Portanto, há 150 anos! É difícil imaginar o quanto este espetáculo teatral significou para a população colonial, que ainda enfrentava as dificuldades de um projeto colonizador em andamento. O sucesso foi grande. Atores e público interagiram diante da novidade que resultou na formação de um grupo que deu o início à história do teatro em Blumenau. Vinte e cinco anos depois, esta associação passou a denominar-se Sociedade Teatral Frohsinn. A semente lançada pelo grupo de amadores (1860), deu origem a outros grupos ao longo destes 150 anos. O teatro inseriu-se nos mais diversos encontros sociais, quer em festas escolares, nos salões das sociedades de atiradores, ou outros eventos. Enfim, onde havia a concentração de pessoas a arte dramática tinha um público garantido. Os espetáculos inicialmente eram apresentados em alemão e, posteriormente, em português.

Para ilustrar estes eventos, selecionamos algumas fotografias e documentos que registram as primeiras fases desta trajetória.



Figura 1: Mulher à frente do seu tempo, Rose Gaertner, liderou várias atividades de cunho cultural. Foi pioneira e incentivadora da formação do primeiro grupo amador em Blumenau - Século XIX.

Frohsinn

Gezaffter Linder 185-86.

	Apr.	Mai	Jun	Juli	Aug.	Sept.	Octob.	Novemb.	Decemb.
Altenburg.									
Breithaupf.	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
Breithaupf. j.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Breithaupf. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Brunn. L.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Hornmeyer. t.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Canst. t.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Gurdlin. C.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Coppj. v.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Carsken. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Cunka. F.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Cardoso. J.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Glasen. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Eberhard. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Engelth. W.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Ebert. B.	1886								
Friedenreich.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Freigang. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Freigang. C.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Frohner. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Gärtner. V.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Grahl. G.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Garenfeld. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Grenmühl. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Graf.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Hartenbach.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Hosang. H.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Hertel. C.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Höschl. L.	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Höschl. C.	"	"	"	"	"	"	"	"	"

Figura 2: Lista de associados da Sociedade Teatral Frohsinn. Os originais encontram-se no Arquivo Histórico da Cia. Hering.

Colônia Blumenau 7 de Maio 1872

Nota

Para Theodor Verein

Por F. Lungenhausen

10 4/5	Spühnen	4000
10	ff. Binn	2200 3/4
3/4	ff. Licht	1/4000
1/2	ff. Binn	1000
1	gebühren Aufstellung	8000
1	ff. Binn	1320
10	ff. Binn	3600 3/4
5	ff. Binn	8000 4/5
3/4	Long Binn	960
1	ff. Binn	1/5000
1	Binn	3/4000
3	Binn	1/4000 3/4
3	Binn	1/4000 3/4
1/2	ff. Binn	360
4	ff. Binn	120 480
1	Binn	480
		287200

Dr. Lungenhausen

F. Lungenhausen

Figura 3: Nota de despesas feitas pela Sociedade Teatral Frohsinn. Os originais encontram-se no Arquivo Histórico da Cia. Hering - 1872.



Figura 4: Para realizar o sonho da sede própria, o Theater verein Frohsinn adquiriu um terreno na Alameda Dr. Blumenau (atual Alameda Duque de Caxias). Muitas pessoas consideravam “loucura” a idéia de construir um teatro em Blumenau. Ao iniciar as atividades em sua própria sede (1896), foi encenada a peça “Uma Idéia Maluca”, de Karl Laufs. Fonte: AHJFS. Fundo Memória da Cidade - Coleção Theater verein Frohsinn.

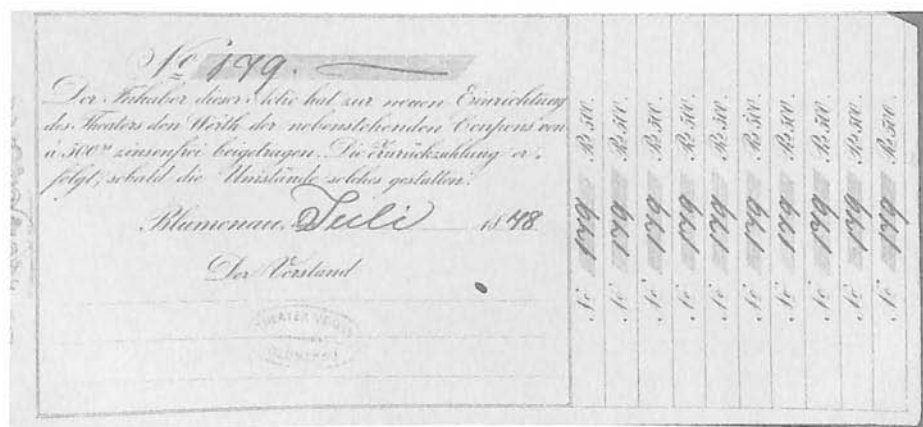


Figura 5: Para obter recursos financeiros, foram emitidas ações para associados e pessoas interessadas. Julho de 1878. Arquivo Histórico da Cia. Hering

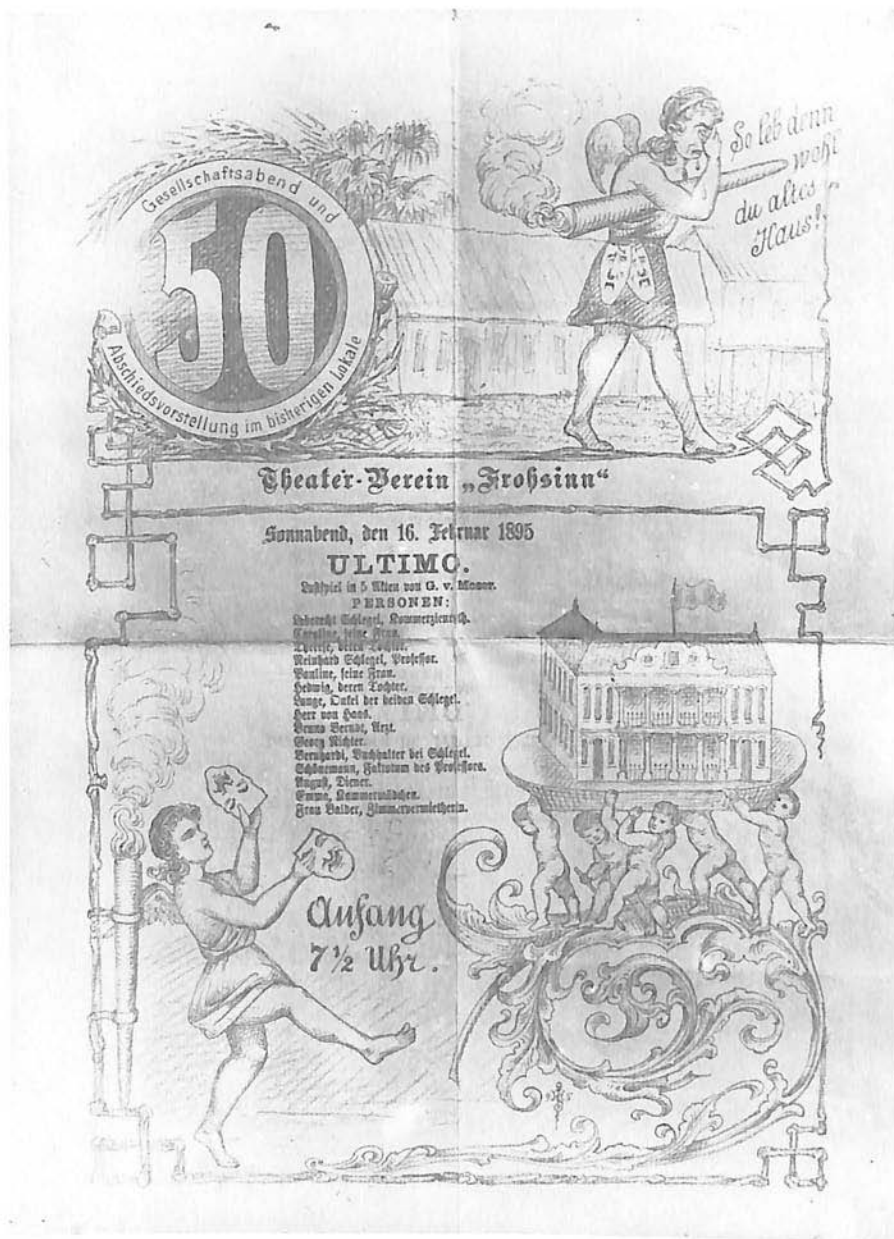


Figura 6: O programa acima foi distribuído para associados e a comunidade local, convidando para assistirem à comédia intitulada “O Último”. Este evento veio marcar, em 16 de fevereiro de 1895, o encerramento das atividades da Sociedade Teatral Frohsinn dentro da Sociedade dos Atiradores. AHJFS. Fundo Memória da Cidade - Coleção Theater verein Frohsinn.

9.11.1910
 ex- 01
 100-01

Theater Frohsinn, Blumenau
Deutsches Theater in Südamerika
 G. m. b. H., Hamburg
 Direktion: Gustav Bluhm & Philipp Lesing.

Montag, den 4. Juli 1910

II. Abonnements - Vorstellung.

Zur Aufführung gelangt:

Der Raub der Sabinerinnen.

(O ROUBO DAS SABINAS)

Lustspiel in 4 Akten von Paul u. Franz v. Schönthan
 Spielleitung: Hans Andresen.

—•••••—

Personen:

Martin Gollwitz, Professor	Philipp Lesing
Friederike, dessen Frau	Anna Rischka
Paula, deren Tochter	Hansy Schenkebeck
Dr. Neumeister	Karl Grube
Marianne, seine Frau	Johanna Flessa
Karl Gross	Willy Schor
Emil Gross, genannt Sternbeck, dessen Sohn	Alfred Moeller
Emanuel Striese, Theaterdirektor	Hans Andresen
Rosa, Dienstmädchen bei Gollwitz	Fräulein Schottke
Meissner, Schuldiener	Karl Berger

(Mit der Handlung: Eine kleine deutsche Skizze. Zeit: Gegenwart.)

— Beginn pünktlich 8 Uhr abends. —

Preise:

1. Platz 5000, 2. Platz 3500, Stehplatz 2000.

Kinder unter 12 Jahren haben keinen Zutritt!

☛ Rauchen, auch im Vorraum, verboten. ☛

Dienstag, den 5. Juli:

☛ **Kabale und Liebe.** ☛

Figura 7 - Programa da apresentação *O roubo das Sabinas* - 1910.



Figura 8: Associados do Theater Verein Frohsinn reunidos para o registro da passagem do 25º aniversário de fundação. Foto tirada em 5 de março de 1910. Neste dia foi apresentada ao público pelos artistas amadores deste teatro a peça teatral “Die Orientreise de Blumenthal e Kadelburg”. Acervo A.H.J.F.S. – Fundo Memória da Cidade – Coleção Theater Verein Frohsinn.



Figura 9: Grupo de alunos da Deutschen Schule Blumenau no Theater verein Frohsinn – 1933. AHJFS. Fundo Memória da Cidade - Coleção Theater verein Frohsinn.



Figura 10: Grupo de crianças da Deutschen Schule Blumenau no Theater verein Frohsinn – 1933. AHJFS. Fundo Memória da Cidade - Coleção Theater verein Frohsinn.

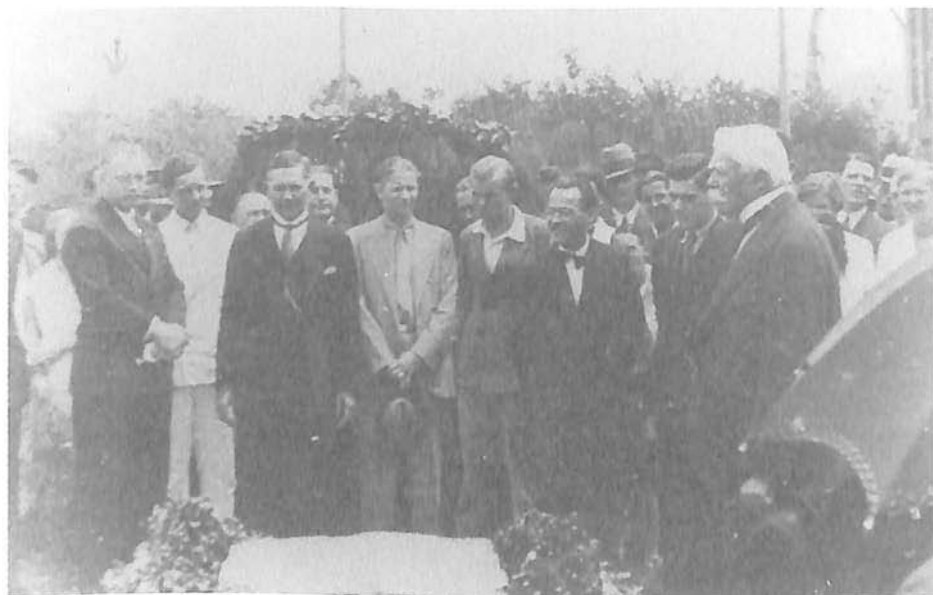


Figura 11: Lançamento da pedra fundamental da nova sede do Theater verein Frohsinn, localizada na Rua XV de Novembro (atual espaço da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes) - 1935. Acervo A.H.J.F.S. Fundo Memória da Cidade – Coleção Theater Verein Frohsinn.



Figura 12: Com o processo da nacionalização, as sociedades de tradição alemã foram obrigadas por dispositivo de lei alterar suas denominações. O Theater verein Frohsinn a partir de 1938, com a fusão do Clube Musical, passou a denominar-se Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes. Instalações em fase de construção. Acervo A.H.J.F.S. – Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.



Figura 13: Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes com suas instalações concluídas. Acervo A.H.J.F.S. – Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

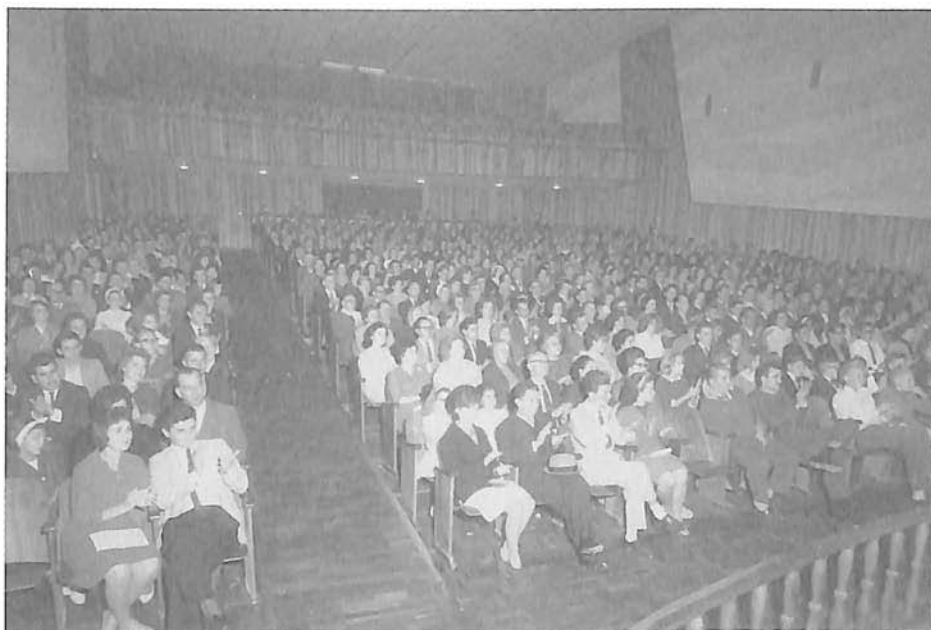


Figura 14: Interior da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes – Década dos anos 40. Acervo A.H.J.F.S. – Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.



Figura 15: Vista aérea do complexo da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes. Acervo A.H.J.F.S. – Fundo Memória da Cidade – Coleção Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

CALMON
Desvenda seu passado

João Batista Ferreira dos Santos

A história de Calmon na
Guerra do Contestado



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CALMON DESVENDA SEU PASSADO

Enéas Athanázio*

Sempre que necessito de informações sobre o passado histórico dos municípios catarinenses, em especial dos menores, verifico como são precárias e incompletas. Com raras e honrosas exceções, elas não passam do essencial, das linhas gerais, sem fornecer detalhes importantes e as indispensáveis fontes para aprofundar as pesquisas. Isso é lamentável, mesmo porque, à medida que os dias, os meses e os anos escoam para o poço sem fundo do Tempo, as fontes vão se esvanecendo e até mesmo desaparecem. Para completar, muitos municípios não dispõem de arquivos públicos organizados para resguardar sua documentação dos efeitos implacáveis dos anos.

E, no entanto, muitas dessas pequenas comunidades têm uma história interessante, repleta de eventos curiosos e de personalidades instigantes, algumas delas de expressão regional e até estadual. Caso bem típico é o de Calmon, antiga Osman Medeiros, plantada às margens da extinta Rede Viação Paraná-Santa Catarina, antes São Paulo Rio-Grande, e que abrigou um das sedes da Southern Brazil Lumber & Colonization Company, pertencente ao célebre Sindicato Farquhar e depois incorporada ao patrimônio nacional. Essas circunstâncias, além de outras, atribuíram à vila, depois distrito e hoje município um caráter singular na história do Planalto Norte catarinense. Além disso, o isolamento em que viveu durante longo tempo, à míngua de estradas razoáveis, parece ter bloqueado o conhecimento e a divulgação de seu passado, inclusive o período do “Contestado”, conflito que testemunhou de perto e foi até palco de embates

* Advogado e Escritor.

violentos e decisivos. Tudo isso, ou quase tudo, era desconhecido até que veio a lume este livro pioneiro, iniciando o desbravamento dos fastos de Calmon, sua terra e sua gente. Refiro-me a “A História de Calmon na Guerra do Contestado”, de João Batista Ferreira dos Santos, publicado na série Grandes Reportagens pelo Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV).

Valendo-se da escassa bibliografia específica existente, e, acima de tudo, de longas e pacientes pesquisas junto às fontes primárias e nos próprios locais dos acontecimentos, o Autor conseguiu reconstituir com a fidelidade possível a história de Calmon na Guerra do Contestado e, mais que isso, traçou em largas pinceladas a biografia da cidade desde seu nascimento. Como consequência, Calmon pode daqui em diante fornecer aos interessados informações metódicas e coerentes a respeito da cidade e do município, integrando-se ao mapa geográfico da região e do Estado, além de contribuir com boa dose de revelações sobre o Contestado. Graças a este livro, Calmon desbravou seu passado que remonta a um século de existência.

Atento aos rigores da melhor técnica para a captação das informações e aos princípios do novo jornalismo, o Autor se entregou à paciente busca de tudo que pudesse contribuir para o encontro da verdade histórica, submetendo tais elementos a uma criteriosa filtragem. Para isso, palmilhou o território municipal em busca de pessoas que tivessem algo a informar, de acidentes geográficos cuja visão pudesse contribuir para o melhor entendimento de algum acontecimento e de vestígios de qualquer espécie. Entrevistou moradores, escritores e jornalistas, tomando sempre as cautelas mais recomendáveis, assistiu a antigos filmes e examinou grande quantidade de documentos e fotografias, cotejando os dados obtidos entre si e com os autores disponíveis. Trabalho exaustivo e prolongado, repleto de dúvidas e dificuldades, em especial quando procurou mostrar como

era Calmon no início do século passado e como viviam seus moradores naqueles tempos remotos. Mas todos os óbices foram afastados e o Autor alcançou seu objetivo de “tornar a história mais próxima da vida do povo, com uma linguagem clara, simples e rica em emoções” – para repetir suas próprias palavras.

Vale anotar que o livro descreve em minúcias, creio que pela primeira vez, vários momentos importantes da história regional. Assim acontece, por exemplo, com a notícia da ocupação humana nos sertões de Serra-Acima, no início do Século XX; com a chegada triunfal do trem de ferro na colônia Osman Medeiros e suas consequências; com a invasão de Calmon por uma horda de revoltosos, liderados por Chiquinho Alonso, um garoto de 17 anos, provocando uma carnificina e incendiando quase toda a vila; o assassinato equivocado do Capitão Matos Costa; a instalação da Companhia Lumber na vila e o desenvolvimento desmedido do setor madeireiro até a extinção da matéria-prima, a araucária, e muitos outros aspectos, inclusive a criação e as constantes atividades do “Grupo Resgate”, liderado pelo Autor. Enfim, ainda que lastreado em pura pesquisa, em muitos pontos o livro tem o sabor do romance histórico.

Concluindo, direi que esta obra abre os caminhos para o mais amplo e correto conhecimento de Calmon, sua terra e seu povo, contribuindo de forma especial para preencher lacunas na história de uma guerra que tão fundo marcou para sempre a alma dos habitantes da região – o Contestado. Estão de parabéns o Autor pelo trabalho realizado e os leitores por contarem daqui em diante com mais uma fonte confiável para sua informação e pesquisas.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcblu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação: R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2010.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Casa da Memória da
Escola Nº 1

Biblioteca Municipal
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br



Fragmentos Fotográficos de Corpos Disciplinados:

Reflexões sobre a Associação de Ginástica em Blumenau

Página 29

[...] a Associação Deutsher Turnverein foi polo de sociabilidade dos imigrantes e seus descendentes através da prática de atividades físicas. Assim, conforme consta em documento no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, a Associação foi fundada em 5 de outubro de 1873. Segundo seus estatutos, os objetivos eram "a prática e difusão da ginástica olímpica, assim como esportes e jogos, principalmente o punhobol, bem como os intercâmbios esportivos, sociais e cultural com outras sociedades."⁴

